

## **IDENTIDADE TERENA:**

**a valorização do passado e o olhar para o futuro**

**– estudo relacional de aldeias Terena em Aquidauana  
e Anastácio**

Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha

Programa Doutoral em Educação Artística da Universidade do Porto  
Faculdade de Belas Artes

Tese aprovada em 24 de abril de 2018

Juri: Presidente: Professor Doutor Mário Augusto Bismark

Membros: Professora Doutora Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Professor Doutor Roberto Kennedy Gomes Franco

Professora Doutora Sílvia Patrícia Moreno Simões

Professor Doutor José Carlos de Paiva e Silva (Orientador)

Porto. 2018



**Erasmus  
Mundus**



**FUNDAÇÃO  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
MATO GROSSO DO SUL**

Projeto financiado com o apoio da Comissão Europeia.

A informação contida nesta comunicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

A Deus, por tudo em minha vida!  
Ao meu avô José Duarte (*in memoriam*), pela sua alegria contagiante e  
inspiração pela causa indígena.  
Aos meus pais Adelino e Dina (*in memoriam*).  
Ao povo Terena, razão desta tese.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo de bom que tem proporcionado para a minha vida e pela oportunidade de conhecer novos mares!

Aos meus filhos Paulo André e Maiara, pela compreensão, por suportarem essa longa ausência.

A Guynemer Cunha, pela parceria.

Ao meu orientador Professor Doutor José Carlos de Paiva e Silva que aceitou o desafio de falar sobre os indígenas e não mediu esforços para contribuir para o processo de produção da tese, partilhando seu conhecimento.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que me liberou para os estudos na cidade do Porto, Portugal.

Às funcionárias e aos funcionários da UFMS, campus de Aquidauana (CPAQ), que não mediram esforços para me auxiliar com as documentações necessárias.

À direção da UFMS, ao CPAQ e aos demais professores que me incentivaram para essa conquista.

Ao Programa Erasmus Mundus, por proporcionar uma bolsa de estudos que foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos.

A meu irmão Geraldo, grande incentivador, pela contribuição nos livros disponibilizados.

Ao cacique Célio Francelino Fialho, da Aldeia Bananal, por autorizar a pesquisa na aldeia e permitir a observação na comunidade e a conversa com seus anciões.

À direção, à coordenação, aos secretários, a todos os professores, às merendeiras e aos demais funcionários da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, na pessoa da Sr<sup>a</sup> Nayara Gonçalves Venâncio, por autorizarem seus alunos a participar da pesquisa.

Ao cacique Sebastião Caetano Delfino, da Aldeia Limão Verde, por autorizar a pesquisa na aldeia, permitir a observação na comunidade e a conversa com seus anciões.

À direção, à coordenação, aos secretários, a todos os professores, às merendeiras e aos demais funcionários da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, na pessoa da Sr<sup>a</sup> Arlene de Oliveira Santana Souza, por autorizarem seus alunos a participarem da pesquisa.

Ao cacique Enéias Campos da Silva, da Aldeia Aldeinha de Anastácio, por conceder entrevista para a pesquisa e permitir a observação e entrevistas na comunidade. Ao cacique Francisco Gomes Lipú, Tico Lipú, da Aldeia Tico Lipú, por conceder entrevista para a pesquisa, permitir observações na comunidade e conversas com seus moradores e com seus anciões e me acompanhar nessas observações e conversas.

Aos colegas do doutorado. Amei conhecer vocês!

Às professoras e aos professores do doutorado, meu agradecimento pelo aprendizado proporcionado.

A Marcilda Regina Cunha da Rosa cuja revisão trouxe contribuições essenciais para a organização da tese, sempre com disponibilidade.

A minha família portuguesa recém descoberta, pela receção, carinho, incentivo e encontros gastronómicos aos finais de semana.

Enfim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para esta obra, participando de inquéritos on-line ou os respondendo por e-mail.

A todos, o meu muito obrigada!!!

## Nossas vidas indígenas

Justino S. Rezende<sup>1</sup>, junho de 2013

Saudades dos indígenas imaginários do passado!  
Lá muito longe, um tempo muito tempo atrás,  
Quando vivíamos somente nós indígenas em nossas terras,  
Como era diferente de hoje!  
Nós vivíamos as nossas riquezas.  
Vivíamos as nossas simplicidades, pobreza, alegrias.  
Nossa nudez significava nossa originalidade, beleza, dignidade, indianidade.  
A nossa nudez não era sinônimo de pobreza.  
Era nosso estilo de vida, naquelas histórias, exibição do corpo humano-divino.  
Contávamos histórias que eram somente nossas.  
Ouvíamos atentos sentados, deitados nos nossos bancos, redes de fios de buritizeiro.  
Ouvíamos histórias assustadoras e ficávamos arrepiados.  
Vivíamos dia após dia na tranquilidade.  
Diariamente saíamos em busca de nossa alimentação.  
Alimentação espalhada nas grandes florestas.  
Nas nossas pequenas roças.  
Nas florestas em cada estação encontrávamos frutas gostosas.  
Nos caminhos das coletas nossos cachorros caçadores,  
Encontravam cutias, pacas, queixadas, caititus, quatis, macacos...  
Pescávamos os peixes com arco-flecha, fruta-veneno-de-peixe...  
Com as zarabatanas, armadilhas matávamos mutuns, inambus, jacus...  
Fazíamos festas rituais masculinos, femininos.  
Festas longas, cheias de benzimentos de apaziguamentos das doenças,  
Benzimentos de curas, prevenção das doenças...

---

1 Justino Sarmiento Rezende é indígena do povo Utãpinopona-Tuyuka, é padre salesiano. Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília, Bacharel em Teologia e Mestrado em Educação Indígena pela UCDB/MS. Apesar de não ser Terena, sua poesia retrata a vida indígena comum a todas as etnias.

Andávamos pintados com urucum, jenipapo, carajuru,  
Andávamos com os nossos corpos com odores das puçangas.  
Para pegar peixe, caça e também pessoa desejada.  
Traçávamos com nossas mãos artistas,  
Linhas avermelhadas de urucum em nossos belos rostos.  
Ficávamos orgulhosos com pinturas e seus simbolismos.  
Nossas pinturas faciais e corporais,  
Colocavam em contatos com as forças divinas,  
Contatos com as forças da natureza: gente-florestas, gente-peixes...  
Casávamos com gente certa, prometida desde ventre materno.  
Visitávamos nossos parentes, irmãos, cunhados, tios...  
Levávamos nossas riquezas para outros povos,  
Fazíamos nossas festas de ofertas-dabucuri.  
Recebíamos em trocas outros produtos.  
Bebíamos bebidas fermentadas e alucinógenas,  
Que nos levavam para os mundos das sabedorias.  
Entrávamos em transe.  
Conversávamos com os espíritos da vida-deuses.  
Bebidas alucinógenas, caxiris, cigarros benzidos,  
Conduziam-nos até às nossas Casas de Origem,  
Nas Casas dos Trovões, Casas de Pedra Quartzito.  
Assim ficávamos conscientes de sermos donos de saberes, conhecimentos,  
Que recebemos por iluminação durante nossas meditações cotidianas, noturnas, da  
madrugada.  
Somos amigos, irmãos, primos, cunhados, netos da natureza, das águas, dos trovões, das  
cobras grandes, dos seres vivos originadores das vidas indígenas.  
Assim éramos nós.  
Depois de grandes rituais tínhamos um tempo de descanso,  
Para dormir à vontade, recuperar nossas energias, forças.  
Refeitos seguíamos novamente ao movimento da nossa vida.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADN, DNA – Ácido Desoxirribonucleico

AHMFB – Arquivo Histórico do Museu Ferroviário de Bauru

CEB- Câmara de Educação Básica

CNE- Conselho Nacional de Educação

CPAQ – Centro Pedagógico de Aquidauana

CRFB – Constituição da República Federativa do Brasil

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISAMU – Inland South America Missionary Union

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEIND - Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”

MEC – Ministério da Educação

MS – Mato Grosso do Sul

MT – Mato Grosso

NOB – Companhia Ferroviária Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PIBID DIVERSIDADE – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade

PIN – Posto Indígena

PROLIND – Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

RFICMT-CR-CG/MS – Relatório Final do Inventário da Cultura Material Terena – Campo Grande, Mato Grosso do Sul

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEU – Sistema de Ensino da União

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SMC – Secretária Municipal de Cultura

SME – Secretaria Municipal de Educação

SMT - Secretária Municipal de Turismo

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

SPILTN – Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais

TIS - Terras Indígenas

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNESP – Universidade Estadual Paulista



# ÍNDICE

11	<b>Resumo</b>
12	<b>Abstract</b>
13	<b>Introdução</b>
19	<b>Secção 1</b>
21	1. <b>A ocupação colonial, os Terena</b>
21	1.1 O início
22	1.2 Os Terena
25	2. <b>Aldeias pesquisadas</b>
27	2.1. Aldeia Bananal
31	2.2. Aldeia Limão Verde
35	2.3. Aldeia Aldeinha de Anastácio
39	2.4. Aldeia Tico Lipú
44	3. <b>Conceitos necessários para compreender a identidade Terena</b>
44	3.1. Identidade
48	3.2. Laços Étnicos
53	3.3. O Percorso Terena, seu território
61	4. <b>Trabalho de campo realizado</b>
61	4.1. Caminhos da pesquisa e resultados da percepção das tensões e conflitos identitários
63	4.2. Análise dos dados
64	4.2.1. Resultado dos questionários aplicados
69	<b>Secção 2</b>
71	1. <b>A arte estampada na identidade indígena Terena</b>
71	1.1. O que é arte?
72	1.2. A legislação indígena e a arte
75	1.3. Fragmentos da identidade Terena
76	1.4. A pintura corporal

80	1.5.	A cerâmica
82	1.6.	A língua
84	1.7.	As danças
89	1.8.	A tecelagem
91	1.9.	O trançado de palha
93	<b>2.</b>	<b>A arte nas escolas</b>
95	2.1.	A arte na escola da Aldeia Bananal – Escola Estadual Indígena de Ensino Médio    Domingos Veríssimo Marcos
96	2.2	A arte na escola da Aldeia Limão Verde – Escola Municipal Indígena    . Lutuma Dias
97	2.3.	A arte na Aldeia Tico Lipú
98	2..4.	A arte na Aldeinha de Anastácio – Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva
99		<b>Considerações Finais</b>
105		<b>Referências Bibliográficas</b>
115		<b>Anexos</b>

## RESUMO

Esta tese trata de uma pesquisa com aldeias de origem Terena: Aldeia Tico Lipú, Aldeia Aldeinha de Anastácio, Aldeia do Bananal e Aldeia do Limão Verde, todas no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. As aldeias são da mesma etnia, de hábitos originais Terena, mas com situações de vida diferentes. O objetivo foi analisar e problematizar conflitos identitários e tensões de identidade existentes na contemporaneidade, refletindo o presente, pensando no futuro. Dentre os objetivos específicos, analiso na educação diferenciada indígena as linguagens e manifestações artísticas nas aldeias e escolas. Decorre da minha história de vida implicada à vida do povo Terena. Num primeiro momento e após uma contextualização do povo Terena, é realizada uma incursão bibliográfica, no sentido de mapear os conceitos de identidade, laços étnicos e memória na literatura contemporânea e confrontar com os conceitos assinalados pelo povo Terena, e o percurso Terena. O segundo momento, a mobilização desses conceitos no trabalho de campo já efectuado junto às comunidades indígenas e em duas escolas da aldeia, em recolha de dados por meio de perguntas aos alunos das escolas da Aldeia Bananal e da Aldeia do Limão Verde, por estarem situadas mais distantes do centro urbano, e entrevistas com a comunidade, jovens e anciões, em duas aldeias consideradas urbanas: Aldeia Tico Lipú e Aldeia Aldeinha de Anastácio, com diferentes condições de vida e por estarem inseridas próximo à cidade. Foram utilizados diferentes instrumentos metodológicos para ampliar a compreensão da percepção da identidade e dos conflitos existentes na sua identificação como indígena Terena. Foram realizadas observações de campo, tendo, como recursos, a recolha fotográfica, entrevistas e aplicação de questionários. Ainda como instrumento de coleta de dados, foram utilizadas gravações de entrevistas informais, com jovens, adultos e anciões das aldeias, de forma natural e sem questões pré-formuladas em todas as aldeias. Os dados foram coletados nas aldeias, em Mato Grosso do Sul, no Brasil, a partir de julho de 2016. A visão dos conflitos identitários e tensões refletem o olhar ao passado, meditando sobre o presente, para organizar o futuro. Concluí que essas fontes de informação pesquisadas refletem vários discursos da identidade Terena e que a língua e a dança aparecem de forma muito forte e presente no dia a dia, assim como pude perceber o espaço de conflito/tensão na própria escola. Verifiquei a relevância de estudar esse tema, pois, com o processo de globalização e homogeneização cultural que tem marcado o mundo contemporâneo, acontece a mudança de valores e reorganizações sociais de toda ordem e, com este estudo, é possível contribuir, incentivando pesquisas futuras.

Palavras-chave: Comunidades Indígenas, Identidade Terena, Povo Terena.

## ABSTRACT

This thesis deals with a research with villages of Terena origin: Tico Lipu Village, Aldeia Urbana Aldeinha, Aldeia do Bananal and Aldeia do Limão Verde, all in the State of Mato Grosso do Sul, Brazil. The villages are of the same ethnic group, of Terena's original habits, but with different life situations. The objective was to analyze and problematize existing identity conflicts and identity tensions in contemporary times, reflecting the present, thinking about the future. Among the specific objectives, I analyze in indigenous differentiated education the languages and artistic manifestations in the villages and schools. It follows from my life story implied the life of the Terena people. At first, and after a contextualization of the Terena people, a bibliographical incursion is carried out in order to map the concepts of identity, ethnic ties and memory in contemporary literature and to confront the concepts pointed out by the Terena people and the Terena route. The second moment, the mobilization of these concepts in the field work already carried out with the indigenous communities and in two village schools, in data collection through questions among the students of the schools of Aldeia Bananal and Aldeia do Limão Verde because they are located more distant of the urban center and interviews with the community, youth and elders in two villages considered urban: Aldeia Tico Lipú and Aldeia Aldeia de Anastácio, with different living conditions and because they are located close to the city. Different methodological instruments to extend the understanding of the perception of the identity and the existing conflicts in its identification as indigenous Terena. Field observations were made, using photographic collection, interviews and questionnaires. Still as an instrument of data collection, we used recordings of informal interviews, with young people, adults and village elders, naturally and without pre-formulated questions in all villages. The data were collected in the villages, in Mato Grosso do Sul, Brazil, from July 2016. The vision of identity conflicts and tensions reflect the look to the past, meditating on the present, to organize the future. I concluded that these researched sources reflect several discourses of the Terena identity and that language and dance appear very strongly and present day by day, just as I could perceive the space of conflict / tension in the school itself. I have verified the relevance of studying this theme because, with the process of globalization and cultural homogenization which has marked the contemporary world, there is the change of values and social reorganizations of all kinds and, with this study, it is possible to contribute, encouraging future research.

**Keywords:** Indigenous Communities, Terena Identity, Terena People.

## Introdução

Algumas pessoas nos marcam na vida, pela sua alegria contagiante ou rudeza excessiva. Meu avô, José Duarte, pai de minha mãe, foi o homem mais alegre que conheci. Nasceu aos sete dias do mês de março de 1892, no conselho de Penafiel, diocese do Porto, região norte de Portugal. Anos mais tarde, partiu de sua cidade para enfrentar as aventuras de uma terra desconhecida, cheia de promessas. De acordo com Dulles (1977, p. 17), os imigrantes vieram “bastante estimulados pela propaganda do governo brasileiro sobre ‘a terra da oportunidade’ [...] muitos europeus afluíram entre 1870 e o começo da Primeira Guerra Mundial”. Segundo o autor, as condições econômicas eram precárias, e uma multidão de trabalhadores correu em direção ao Novo Mundo..

No caso, José Duarte foi até o Rio de Janeiro, Brasil, provavelmente em 1907. Como a maioria dos portugueses, seguiu para Mato Grosso (MT)<sup>2</sup>, atualmente Mato Grosso do Sul (MS), para trabalhar na construção da linha férrea. De acordo com Maram (1979, p. 13), “os imigrantes italianos, portugueses e espanhóis formaram a maioria da liderança do primeiro movimento operário brasileiro”. Conforme o autor, “foram, ao mesmo tempo, a fonte de energia da fase inicial do movimento e uma das causas fundamentais de seu enfraquecimento”. As lideranças operárias eram, em sua maioria, imigrantes, e era comum os “organizadores verem seus movimentos entrar em colapso devido a uma greve malsucedida ou a apatia dos operários.” (MARAM, 1979, p. 29)

No histórico da Companhia Ferroviária Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), disponível no Arquivo Histórico do Museu Ferroviário de Bauru (AHMFB), consta que José Duarte foi admitido nessa companhia em 21/01/1908 para trabalhar na construção das linhas férreas<sup>3</sup>, no então Mato Grosso. Ao longo do caminho, fez inúmeras amizades, entre elas, com os índios que também trabalhavam na construção dos trilhos. Foi assim, com sua atitude de amizade e companheirismo com os índios da região, principalmente com os Terena<sup>4</sup>, que influenciou a família, em particular a minha mãe e eu, no que se refere à paixão pela questão indígena.

José Duarte era um cientista, artista e, supostamente, o primeiro anarquista do município de Aquidauana, distante 136 Km de Campo Grande, atual capital de MS. Criou a primeira

---

2        Mato Grosso é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado na região Centro-Oeste. No dia 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar nº 31 dividindo Mato Grosso e criando o estado de Mato Grosso do Sul, um processo demorado em que foram levados em consideração aspectos socioeconômicos, políticos e culturais. (<http://riosvivos.org.br>, acesso em 26/11/17, 17h)

3        Em 1889, já existia, no Brasil, cerca de dez mil quilômetros de ferrovias. Foi, porém, no início do século 20, que se deu um grande passo no desenvolvimento das ferrovias, período no qual foram construídos, entre 1911 e 1916, mais de cinco mil quilômetros de linhas férreas. (<http://cabana-on.com/Brasil/curiosidades.html>, acesso em 06 de junho de 2016, às 18h).

4        Também chamados de Terenoe, vivem, principalmente, no estado de Mato Grosso do Sul, podendo também ser encontrados no estado de São Paulo. Situam-se, ainda, na margem esquerda do Alto Rio Paraguai, em Mato Grosso. Mantêm contato intenso com a comunidade circundante e dedicam-se à cultura do plantio. (<http://triboterena.blogspot.pt/2011/05/indios-do-brasil.html>, acesso em 23/11/2017, às 15h)

banda de música da cidade, a Lira Operária da Noroeste, construiu uma espécie de hidroavião que só não levantou voo devido à potência do motor, reinventou, com um pequeno motor diesel, a energia elétrica, iluminando reuniões políticas e churrascos, foi baloeiro, prestou serviços relevantes na época da gripe espanhola, esteve preso, foi construtor. Enfim, viveu cem anos à frente de sua época. Ao mesmo tempo em que fazia um hidroavião com motor de carro, participava de greves e liderava movimentos.

Assim, pelo fato de ir contra as ideias que julgava prejudiciais à maioria dos trabalhadores, foi, muitas vezes, punido e afastado do serviço por insubordinação, sendo o ato registrado em sua Carteira de Trabalho.

Acredito que a mudança de nomes acontecia pelo fato de José Duarte, anarquista, líder de movimentos, com vários atos de insubordinação registrados em sua Carteira e demitido do serviço, não poderia retornar ao trabalho com o mesmo nome. Entretanto, pelo fato de ser competente naquilo que fazia, retornava como outra pessoa, com um nome fictício, e era aceito e recontratado.

Assim, sempre liderando movimentos, prosseguiu sua vida nas linhas férreas, até que teve, em 18 de dezembro de 1934, registrado, em sua Carteira de Trabalho, pelo escrevente e Inspector de Tracção do III Trecho, que ficaram “cancelladas as penas disciplinares impostas até a presente data desse Decreto.” Trata-se do Decreto Nº 24.761, de 14 de julho de 1934, que “Cancela as penas disciplinares impostas aos funcionários públicos civis.” (BRASIL, 1934)

Em suas folgas, José Duarte partia para as aldeias da região de Aquidauana ou para as mais distantes para a época, da região de Bodoquena<sup>5</sup>. Português loiro de olhos azuis, biótipo diferente dos indígenas, era aceito para passar dias, por vezes meses, nas aldeias. Assim ficou amigo dos Kadiwéus<sup>6</sup> e dos Terena, duas comunidades indígenas próximas, mas com hábitos diferentes. Os Kadiwéus, criadores de gado e cavalos, hábeis guerreiros, protegiam os Terena que cultivavam, se dedicavam à plantação de mandioca, milho, abóboras e outros alimentos indispensáveis a sua sobrevivência. Era uma troca de favores.

Esse laço foi fortalecido pela sua contribuição na construção de algumas residências, com tijolos, tarefa difícil na época, mas que ele resolvia porque possuía uma ximica, como era conhecido seu Ford 29, onde levava os tijolos até as aldeias. Lá era construtor, encanador, mecânico, eletricitista e tudo mais que pudesse ajudar. Quando voltava, era outro homem, refeito. Espalhava alegria e contagiava todos, com suas histórias, seus momentos de felicidade, e nós, os netos, que esperávamos pelo seu retorno, expectadores ansiosos pelas novidades, ficávamos boquiabertos ao ouvir tantos detalhes de sua viagem.

---

5 Situada na região Centro-Oeste do estado de Mato Grosso do Sul.

6 Os kadiwéu, chamados de “os índios cavaleiros”, por sua condição de possuidores de um vasto rebanho equino e sua admirável destreza na montaria, vivem hoje em território localizado no estado do Mato Grosso do Sul, em terras em parte incidentes no Pantanal Matogrossense. <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/Kadiweu/262>, acesso em 23/11/2017, 19h.

Assim cresci, ao lado de uma pessoa alegre e muito amiga dos indígenas, que envolvia todos em sua felicidade e histórias com seus amigos.

Posso afirmar que a amizade construída entre meu avô e os índios era muito motivadora e que essa sua paixão pelos indígenas contagiou toda a família. Enquanto teve vida e saúde, visitava e era visitado, sempre com fartas pencas de banana da terra. O relacionamento pessoal entre meu avô e os Terena ganhava o sentido da hospitalidade, nos termos que refere Derrida (2004, p. 33/34): existe diferença desde que “exista traço vivo, uma relação vida/morte ou presença/ausência”. A diferença não é, entretanto, uma oposição, mas uma reafirmação do mesmo, “uma economia do mesmo em sua relação com o outro, sem que seja necessário, para que ela exista, congelá-la, ou fixá-la numa distinção ou num sistema de oposições duais”. (DERRIDA, 2004, p. 33/34)

O envolvimento dos meus ancestrais com a comunidade indígena contagiou a família, mais uma vez me contagiou. Cresci vivendo essa experiência e me aproximando cada vez mais dos Terena que moravam próximo da nossa região.

Percebo que meu avô foi uma figura muito importante em minha vida: sempre me mostrou a importância de ser feliz e seus laços de amizade com os Terena que tanto me encantaram e fascinaram. Na composição do ambiente familiar, peças de cerâmica indígena, cestos de bambu, jarros de barro, entre outros artefactos representativos de sua cultura, sempre fizeram parte da casa de meu avô, da casa da minha mãe e da minha casa.

Meu avô foi um “sujeito da experiência” (LARROSA, 2002) entre os indígenas, tendo com isso construído seus afetos e suas marcas. Em tudo que me repassou, deixou esses vestígios. O tempo passou, continuei meus estudos e, quando terminei o Curso de Pedagogia, fiz pós-graduação *latu-senso*, na mesma Faculdade, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Com os estudos efetuados, fui convidada a assumir o cargo de diretora da escola localizada na Aldeia Limão Verde, em terras Terena. Aceitei para melhor conhecer a aldeia sobre a qual tanto ouvira falar e para dar a ela minha contribuição.

A partir desse período, comecei a trabalhar com projetos educacionais relacionados ao meio ambiente, também em outras aldeias, tais como Córrego Seco, Ipegue e Bananal, todas localizadas no entorno de Aquidauana. O trabalho consistia em desenvolver projetos em parceria com as aldeias, todos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de Aquidauana, município no qual também lecionei em escolas estaduais.

Anos após, sempre lecionando, fui Secretária Municipal de Cultura (SMC) e Secretária Municipal de Turismo (SMT), período no qual incentivei práticas relacionadas ao meio ambiente e à cultura indígena. A minha experiência como diretora, professora e Secretária de Cultura e Turismo, juntamente com o desenvolvimento, em aldeias do entorno de Aquidauana, de projetos educacionais relacionados ao meio ambiente, possibilitaram que eu observasse a atuação dos professores indígenas Terena na escola da Aldeia Bananal. Motivada a cursar o mestrado, ingressei no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), MS, Brasil, e, partindo da hipótese de que professores indígenas Terena que atuavam na escola da Aldeia Bananal

não tratavam a temática ambiental sob valores tradicionais, realizei um estudo que culminou na dissertação intitulada “Representações sobre meio ambiente, dos professores Terena, que atuam de 1ª a 4ª série, na Aldeia Bananal, distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul”. (FERREIRA, 2008)

A pesquisa exploratória que realizei no mestrado indicou alguns elementos que serviram para a busca de respostas sobre a mitologia e a identidade Terena. Para tanto, utilizei dados de fontes bibliográficas, como também fontes orais. Coletei os dados em fontes orais em pesquisa de campo realizada na Aldeia Bananal, com professores e idosos. Tive, como objetivo geral, identificar as representações sociais dos professores Terena, em seus saberes étnicos, sobre a temática meio ambiente e os vínculos com sua cosmologia. Essa configuração dos dados sobre o modo étnico de ver o ambiente resultou em dois livros: “Caminhando pelo Mundo – Mitologia Terena” (FERREIRA, 2010) e “Caminhando pelo Mundo – Mitologia Terena – A Saga dos Terena”. (CUNHA, 2012)

Quanto à escrita desta tese, ela resulta de um trabalho em que elaborei uma análise para melhor compreender a identidade Terena, o processo de transformação e resistência das aldeias que têm uma raiz comum e problemas de vida idênticos, embora cada uma com sua especificidade. O objetivo foi analisar e problematizar conflitos identitários e tensões de identidade existentes na contemporaneidade, refletindo o presente, pensando no futuro. Dentre os objetivos específicos, analiso na educação diferenciada indígena as linguagens e manifestações artísticas nas aldeias e escolas. A análise também objetivou apontar a influência sofrida pela intromissão colonial e pela proximidade da cidade, verificar os conflitos e as tensões de identidade existentes no presente e no seu devir e estudar a sua identidade e como esta se vai construindo a partir de hábitos tão diferentes e tão próximos das novas comunidades que o colonialismo gerou, ao longo de sua existência, perante as tensões que atravessaram e enfrentam pelas intromissões em sua cultura.

A tese reflete o modo de identificar esses conflitos na preparação para um futuro mais sólido, revisitando o passado e empoderando a cultura, bem como identificando perspectivas para o futuro, questionando os medos partilhados pela investigação e pelos Terena de que se perca, no tempo, a história da comunidade e se desconheçam ainda as tensões existentes na projeção do futuro.

Para ampliar a compreensão sobre a identidade Terena, os conflitos identitários e as tensões existentes na sua identificação como indígena na contemporaneidade, com uma reflexão no presente e pensando no futuro, verificando os desafios que as comunidades enfrentam, a tese está organizada do seguinte maneira: “Introdução”, em que apresento a minha motivação e o que subsidiou a minha pesquisa; as “Secções” 1 e 2; e as “Considerações Finais”.

Na Secção I – A ocupação colonial, os Terena –, apresento a contextualização: o existente no período pré-colonial, e a partir da chegada dos colonizadores, a classificação que lhes foi atribuída de acordo com o olhar de quem estava chegando; os momentos mais marcantes na sua história e da sua trajetória da região do Paraguai ao Mato Grosso; o



período da Guerra do Paraguai; e a demarcação de suas terras. Um breve histórico das aldeias que fazem parte da pesquisa foi acrescentado. Em seguida, a escrita assume uma ambição de mapeamento dos conceitos (identidade, laços étnicos e memória) necessários para compreender a identidade Terena a partir de autores, como Rex (1987), Hall (2011), Silva (2005), entre outros, da antropologia e da sociologia. Quanto à ligação dos Terena com a terra, vista no percurso Terena, seu território, não foi mencionada nas entrevistas e nos questionários, mas foi revelada em algumas entrevistas noticiadas nos jornais locais, regionais e nacionais.

Ainda na Secção 1, exponho a primeira parte da pesquisa e o trabalho de campo efectuado junto às duas comunidades – Aldeia Bananal e Aldeia Limão Verde – e em duas escolas – Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Limão Verde, e Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia do Bananal. A investigação foi feita com perguntas previamente elaboradas a 117 alunos indígenas, por meio das quais procurei tornar visíveis e perceber as tensões e os conflitos identitários existentes em quatro comunidades indígenas Terena e, por meio disso, colocar em discussão as questões de identidade nas comunidades indígenas do Brasil, em geral, e na comunidade Terena, em particular. O objecto de estudo que aqui discuto é parte de uma investigação mais ampla, na qual já realizei trabalho de campo em quatro comunidades – Aldeia Bananal, Aldeia Limão Verde, Aldeia Aldeinha de Anastácio e Aldeia Tico Lipú – e em duas escolas Terena, já mencionadas anteriormente. Também foram efetuadas entrevistas informais com alunos, diretores, coordenadores, professores, anciões, caciques e moradores das aldeias, bem como com alunos, professores e outros indígenas que não moram mais nas aldeias de origem. Constan desta parte a análise dos dados e o resultado dos questionários aplicados.

Na Secção 2 – A arte estampada na identidade indígena Terena – discorro sobre a arte e o seu significado, seguindo a reflexão de Abel Salazar (1940). Compactuo com o pensamento do autor: um conceito pessoal e aberto a diversos olhares. Exponho o que diz a legislação indígena, qual o seu significado e apoio à arte indígena.

Procurei verificar os fragmentos da identidade Terena, com o advento da globalização e a influência sobre sua cultura, encaixados nos conceitos de Hall (2011). A seguir, apresento os fragmentos identificados da identidade Terena, como a pintura corporal, a cerâmica, a língua, as danças, a tecelagem e o trançado de palhas.

Concluo a secção com a arte nas escolas, tratando do tema arte e educação artística e verificando que ela surge em suas mais diversas formas, a arte na Escola Estadual de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia Bananal; a arte na Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Limão Verde; a arte na Aldeia Tico Lipú; e a arte na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, da Aldeia Aldeinha de Anastácio.

À medida que levanto questões ou dados a respeito de valores, no local em que vivem os indígenas Terena, com as questões semiestruturadas, verifico que o resultado pode indicar, conforme a fala de Hall (2011), não um traço marcante da identidade Terena, mas

vários fragmentos de identidade, como a dança, a língua, o artesanato, entre outros. Registro esses dados em relação à cultura presente na aldeia e a tudo que fortalece sua identidade.

Nas Considerações Finais, faço uma reflexão sobre os conceitos e os resultados obtidos. Verifico que a tensão existente só é percebida pelos alunos indígenas à medida que se tornam adultos, sendo que a questão do emprego os leva a perceber a violência simbólica operada sobre eles em virtude da sua pertença a uma comunidade indígena. Muitas vezes, a renegação da própria etnia surge como a resposta possível para um sentimento maior de “inclusão”.



Aldeia Tico Lipú, fonte: Cunha, 2016

## Secção I



## **1. A ocupação colonial, os Terena**

No século XV, a busca por matérias-primas desenvolveu, na Europa, um expansionismo de procura por novas rotas comerciais que gerou, entre outras conquistas, a chegada dos portugueses ao Brasil. Nestas terras viviam, há milénios, variados povos indígenas que usufruíam seus modos de vida, estabeleciam suas culturas, suas religiosidades, suas línguas e seu relacionamento singular com a natureza. Como aconteceu por toda a América do Sul, espanhóis, holandeses, ingleses e portugueses dominaram militarmente a terra e a tomaram. Além disso, cometeram um número indiscriminado de barbaridades contra os seus habitantes que foram amplamente exterminados pelos conquistadores, em uma disputa desigual, acompanhada pelas doenças que para lá transportaram. No Brasil, muitos povos índios foram desapossados de suas terras e sofreram fortes ataques às suas culturas.

Um desses povos, os Terena, objecto deste estudo, teve suas terras invadidas e sofreu os efeitos da dominação portuguesa e cristã durante séculos. Assume hoje, como grande parte das comunidades indígenas, a luta pela revalorização de sua identidade, pelo uso franco de sua língua e pela dignidade de sua cultura, de resistência e de futuro.

Nesta subsecção, apresento meu estudo sobre o início da disputa por essas terras brasileiras (1.1.); as primeiras classificações dadas aos indígenas do Brasil pelos jesuítas e a família dos Terena (1.2.).

### **1.1. O início**

Quando Cristóvão Colombo desembarcou na América, no ano de 1492, era objetivo de Portugal e Espanha ampliar suas posses territoriais e conquistar novas rotas comerciais. A colonização e a cobiça pelas terras de além-mar tiveram, como consequência, a expansão de outros navegadores, como dos ingleses, dos holandeses e dos franceses. Nesse período, muitos povos indígenas que, há séculos, habitavam o continente americano foram invadidos e gradualmente desapossados de suas terras.

Conta-se que, no século XV, em 1500, Pedro Álvares Cabral, com a mesma finalidade de Cristóvão Colombo, a de encontrar um novo caminho para as Índias, chegou a uma nova terra: o Brasil. A partir desse momento, e durante largos anos, com o objetivo de assegurar a posse dessas terras “recém-descobertas”, houve um movimento de colonizadores portugueses que, sem sequer levar em conta os povos que nelas viviam e as suas culturas, invadiram e ocuparam suas terras. Esse movimento de colonização (de portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses) corresponde a uma busca por matérias-

primas fundamentais para o enriquecimento das cortes europeias, o que fortaleceu sua procura de domínio na Europa e sobre os mercados internacionais.

Os variados povos índios habitavam toda a extensão da costa e do interior de toda uma imensa extensão continental. Estavam em suas terras e viviam em territórios que lhes pertenciam. Agrupados em comunidades, sabiam de que etnia eram, se comunicavam em sua língua, dominavam a sua geografia. Conheciam seu espaço, seu território e tinham poder sobre ele. Dispunham de governo, religião, usos e costumes próprios. Repartiam entre si o que coletivamente produziam, vivendo em harmonia com a natureza. Não tinham a mesma ambição dos invasores, desconhecendo o roubo e o furto. Tinham seus inimigos naturais, suas disputas territoriais, sendo algumas etnias antropofágicas que, após enfrentamentos, comiam seus inimigos para sorver deles o seu melhor, a sua coragem e demonstrar seu poder. Outros faziam dos seus inimigos prisioneiros cativos.

Eram livres, andavam pelas matas, caçavam e pescavam, viviam a seu tempo, sempre resistindo às tentativas de sujeição, não sendo acostumados a qualquer modo de opressão. Os colonizadores, com sua chegada e exploração do pau-brasil, estabeleceram relações de troca desigual (espelhos, missangas e algumas ferramentas) com os índios, numa demonstração de seu poder colonizador. A colonização e a cristianização intensa foram criando o calvário dos indígenas, chegando a proporções de extermínio em massa de sua população, decorrente da resistência à escravidão e ao trabalho forçado, com demonstrações de que preferiam lutar e morrer à sujeição. Pela própria natureza, grande parte dos povos índios não aceitou as tentativas de ser feita cativa pelo opressor e invasor. Seus arcos e flechas, porém, desconheciam o poder da pólvora.

## **1.2. Os Terena**

O povo que era dono legítimo da terra e que nela estava instalado foi classificado de acordo com o olhar de quem estava chegando. Os brancos lançaram seu primeiro olhar sobre os povos existentes e, de acordo com a sua percepção, determinaram a primeira classificação dos indígenas brasileiros. Levando em consideração, a seu modo de ver, a diversidade linguística entre os que habitavam o litoral e o interior. Assim fizeram, segundo Luna (1993, p. 14), os jesuítas: dividiram os grupos em Tupi, Gé, Caraíba, Aruáqui ou Maipure, Goitacasses, Pano, Miranha e Guaicurus. Karl Von Den Steine, alemão que esteve no Brasil, também classificou os indígenas brasileiros, se fundamentando, como os padres jesuítas, no elemento linguístico. (LUNA, 1993) Conforme esse autor, por ocasião de uma segunda visita ao Brasil, Steine, orientado pelo seu companheiro Paul Eherenreich, resumiu a classificação em quatro grupos: Tupi, Gé, Caraíba e Aruáqui.

A partir do momento em que chegaram, os jesuítas, para melhor realizarem a sua missão cristianizadora, trataram de aprender a língua dos que lá estavam, elaborando alguns dicionários da língua tupi. Um exemplo é o Dicionário da Língua Tupy, chamada língua geral dos indígenas do Brasil, escrito por Antonio Gonçalves Dias (Dias, 1958). O objetivo claro dos jesuítas e também das forças lusas era catequizar esse povo que julgavam atrasado, sem alma e rude, para se aproveitarem não só de suas terras, mas também de seus serviços, fazendo-o escravo em plantações de cana-de-açúcar, nos engenhos e nas construções.

Aos poucos, as forças lusas dominaram os seus territórios e os escurraçaram de suas legítimas terras, dividindo-as em lotes extensos e distribuindo em capitanias hereditárias<sup>7</sup> para aqueles que possuíam condições de manter e prover o que receberam, tirando proveito das riquezas encontradas, no primeiro momento, o pau-brasil.

Segundo Ramos (1951), os Terena, da família linguística *Aruak*<sup>8</sup>, são originários do Chaco, Região do Paraguai, onde viveram até meados do século XVIII. Os *Aruak* constituem a mais extensa das famílias linguísticas, não apenas no Brasil, mas na América do Sul.

De acordo com Ramos (1951), os *Aruak* estão subdivididos em vários grupos. Alguns habitam o norte do Rio Amazonas e ao longo do curso do Rio Negro e Rio Xié, também no Amazonas. Habitam ainda o estado de Roraima, as margens do Rio Branco, no estado do Amapá, bacia do rio Oiapoque. Outros vivem no sul do rio Amazonas, divididos em grupos importantes, distribuídos nas seguintes áreas: a) sudoeste do estado do Acre; b) oeste do estado de Mato Grosso; c) alto Xingu; e d) região Meridional. Quem habita a região Meridional é o povo Terena que vive na área dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do Rio Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul.

Os grupos anteriormente citados falam a mesma língua de origem, ou seja, o *Aruak*, e têm semelhanças em sua forma de organização social. “Todos esses grupos possuem ou possuíram formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica.” (LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 18)

De acordo com o Relatório Final do Inventário da Cultura Material Terena – CR Campo Grande/MS – (RFICMT-CR-CG -2012, p. 3):

A maioria dos Terena vive em aldeias no estado de Mato Grosso do Sul, entre os paralelos 20° e 22° e os meridianos 54° e 58°. Sua população

---

7 O sistema das Capitanias Hereditárias, criado pelo rei de Portugal D. João III, em 1534, consistia em dividir o território em grandes faixas e entregar a nobres com relações com a Coroa Portuguesa. O objetivo era colonizar, proteger e evitar invasões estrangeiras e, em contrapartida, poderiam explorar os recursos naturais. Receberam o nome de Capitanias Hereditárias por serem transferidas de pai para filho. Com falta de recursos e ataques de indígenas, o sistema não funcionou muito bem, vigorando até 1759.

8 O nome *Aruák* vem dos povos que habitavam principalmente as Guianas, região próximo ao norte do Brasil, e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas; o nome *Aruák* veio a ser usado pelos europeus para identificar um conjunto de línguas encontradas no interior do continente sul-americano (LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 12).

total, segundo o Censo 2010 do IBGE, é de 28.845 indivíduos, dos quais 19.219 vivem em terras indígenas e 9.626 fora delas. Os Terena são a 5ª maior população indígena do Brasil. Falantes da família linguística Arawak.

Por ser ancestralmente a região de Miranda, atualmente Mato Grosso do Sul, desabitada<sup>9</sup>, os Terena foram os primeiros a ocupá-la. Os espanhóis e os portugueses, preocupados em mandar nos territórios ocupados e expandi-los, chegaram à procura de ouro ou alargando suas fronteiras de ocupação, além de que construíram os seus fortes, tais como: Forte Coimbra (1775), Forte Dourado e Presídio de Miranda (1778). Enquanto os espanhóis se dedicavam à criação de gado, na esperança de expandir seus territórios e expulsar os nativos do local, os portugueses construíam fortes e acordos com os Terena, elaborando um quadro legislativo. Uma dessas leis tratava da proibição da escravização dos indígenas, mas estabelecia que “deveriam viver e aprender a trabalhar como os brancos”. (LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 41)

Segundo Ladeira e Bittencourt (2000), os momentos mais marcantes da história do povo Terena foram três. Um deles foi o momento da saída do Êxiva<sup>10</sup> até a região de Mato Grosso do Sul, um período longo – chamado de Tempos Antigos – com muitas migrações, durante o século XVIII, período no qual se dedicaram à agricultura e estabeleceram relações com os índios Guaicurús e com os portugueses. Outro momento, na sequência, foi a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando estiveram comprometidos com a defesa do território brasileiro. Nesse período – chamado de Servidão –, perderam grande parte de suas terras para proprietários de terras brancos que chegavam para plantar e criar gado. O terceiro momento correspondeu ao início das demarcações do território até a atualidade. Iniciou-se com Rondon<sup>11</sup>, que impôs ao Serviço de Proteção Indígena algumas linhas de atuação, tais como demarcar suas terras e criar reservas indígenas.

Quanto aos Terena que vivem na região de Aquidauana, MS, participantes da pesquisa ora apresentada, cabe mencionar que suas relações estão cada dia mais estreitas com a vida urbana dos municípios circunvizinhos, com influência da vida da cidade sobre seus componentes, dada a proximidade com o centro urbano. A aldeia mais distante fica a 70 km do centro urbano mais próximo.

A cultura que une, conforme Bordieu (2001, p. 11), é também a cultura que separa e que “legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante”. Apesar do contato com portugueses, espanhóis e brasileiros (descendentes de colonos), muitos costumes e

---

9 A região era desabitada, pois os índios vieram provavelmente da região do Paraguai, à procura de um local para iniciar uma nova aldeia, segundo relatos dos mais velhos.

10 Chaco compreende partes dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro (ao norte do Pantanal).

11 Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon abriu caminhos, desbravou terras, lançando linhas telegráficas, fazendo mapeamentos e estabelecendo relações com os índios. Em 1910, criou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e obteve a demarcação de terras de vários povos, entre eles, os Terena, em 1905. [educacao.uol.com.br/biografias](http://educacao.uol.com.br/biografias), acesso em 24/05/2017, às 15h11m.



tradições se transformaram. Entretanto, as características principais do modo de vida permanecem, a exemplo da língua, do artesanato, da organização familiar, entre outras.

Saulo Luis (p. 166, 2016), indígena Terena, assinala que “A língua materna que é a nossa identidade. Nossos costumes e tradição. Que nos define como indígenas. É importantíssimo valorizar nossa cultura para que as futuras gerações saibam de onde vieram.” Isso mostra a resistência do povo Terena com relação ao contato, ao longo de todo esse período, e clarifica a ideia de Bordieu (2001) no que se refere à cultura: a cultura une, mas separa.

## 2. Aldeias pesquisadas

O índio resiste diante da superioridade das armas lusas que desembarcaram em suas terras e perdeu, há cinco séculos, o direito de viver livremente em seu território que se estendia por mais de oito milhões de quilômetros quadrados. Hoje, desestruturadas as comunidades ao longo dos séculos, a população está reduzida e algumas etnias desapareceram. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira indígena soma 817.963 mil indivíduos, representando 305 diferentes etnias, enquanto as línguas indígenas somam, no país, 274 (BRASIL, 2010). Entretanto, segundo o IBGE, há ainda a necessidade de estudos mais aprofundados, pois algumas línguas declaradas podem ser variações de uma mesma língua, assim como algumas etnias também se constituem em subgrupos ou segmentos de uma mesma etnia. (BRASIL, 2010)

Para ilustrar, a aldeia Tico Lipú apresentou, na coleta de dados, o perfil quantitativo de habitantes e famílias. “Nós somos sessenta e oito famílias. Sessenta e oito casas. Duzentos e oitenta e três pessoas”. (LIPÚ, p. 176, 2016).

Os índios participantes desta pesquisa situam-se na terceira região com maior concentração de indígenas do Brasil – região Centro-Oeste, no estado do Mato Grosso do Sul – que agrupa 56% da população na região. Nas aldeias pesquisadas, nas cidades de Aquidauana e de Anastácio, encontra-se a maior comunidade indígena Terena do estado.

Apresento, a seguir, as aldeias pesquisadas – Aldeia Bananal, Aldeia Limão Verde, Aldeia Aldeinha de Anastácio e Aldeia Tico Lipú – e o faço de acordo com a data de criação. A Aldeia Bananal é a mais antiga, com registros oficiais em documentos de, aproximadamente, 1894, embora haja registros de que os indígenas dessa região tenham participado da Guerra do Paraguai<sup>12</sup> e já estivessem na região desde o ano de 1864, 30 anos antes do registro oficial. A Aldeia Limão Verde, por sua vez, possui registros a partir

---

12 A guerra começou quando o exército de Solano Lopez, o governante paraguaio, invadiu Mato Grosso em dezembro de 1864 [...] o governo brasileiro também chamou índios de Mato Grosso para combaterem os paraguaios. (LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 56)

de 1864, período da Guerra do Paraguai, quando alguns índios, inclusive da região da Aldeia Bananal, com suas famílias, se deslocaram para lá, fugindo da guerra.

Escolhi essas duas aldeias – Bananal e Limão Verde – pelo fato de serem mais afastadas do centro urbano e de preservarem algumas características mais tradicionais da cultura indígena Terena. O meu interesse foi observar a atual realidade das aldeias, verificar, nas escolas, o verdadeiro interesse pela cultura tradicional e identitária, e provocar algumas ideias a respeito do passado, do presente e do futuro, bem como tentar decifrar o que os indígenas, em sua maioria, se identificam como a sua identidade, ou seja, o que representa a identidade Terena para eles. Realizei a pesquisa nas duas aldeias, nas escolas que atendem a alunos indígenas, com perguntas previamente formuladas, e com alguns anciões.

Realizei a pesquisa nessas duas aldeias por meio de visitas a escolas indígenas, com observação, recolha fotográfica, reuniões informais, entrevistas e questionários (com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas a 90 alunos do 6º ano ao 9º ano da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena Limão Verde, e a 27 alunos da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia do Bananal), totalizando, neste estudo, o contacto com 117 alunos indígenas, para, assim, com esses elementos, perceber as tensões e os conflitos existentes com relação à identidade. Analisei esses dados a partir dos conceitos: identidade, laços étnicos e memória.

Quanto à Aldeia Aldeinha de Anastácio, datada de 1984, está inserida no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, faz divisa com a cidade de Aquidauana, estando dividida apenas por um rio que liga as duas cidades (Anastácio/Aquidauana). É uma aldeia considerada urbana cuja escola, dentro da aldeia, atende a toda a comunidade indígena e não indígena. Embora inserida no coração da cidade, vários movimentos de reivindicação por melhorias de condições na vida dos indígenas já foram feitos na comunidade, com a participação de várias aldeias da região.

A Aldeia Tico Lipú, localizada bem próximo da cidade de Aquidauana, é a mais “recente”, tendo começado sua luta em 2010. Nela, estão reunidos os índios que foram à procura de emprego e que ficaram espalhados pela cidade. Em uma tentativa de reagrupá-los, e percebendo que a sua gente enfrentava grande dificuldade com seus direitos, Francisco Gomes Lipú, ou Tico Lipú, resolveu aglutiná-los em uma só área, para providenciar certidões indígenas, entre outros documentos. Como a aldeia é recente, não possui escola, e os alunos estudam em escolas municipais ou estaduais localizadas próximo à aldeia.

Nas duas aldeias, Aldeia Aldeinha de Anastácio e Tico Lipú, realizei entrevistas com os caciques e reuniões com a comunidade para tentar perceber um pouco mais sobre a identidade e realidade dessas comunidades, não sendo feita uma pesquisa com perguntas pré-formuladas aos alunos. Isso porque a Aldeia Aldeinha de Anastácio recebe alunos não indígenas no Ensino Fundamental e, na Aldeia Tico Lipú, cerca de setenta crianças e alguns adolescentes estudam nas escolas dos arredores da aldeia.

Escolhi essas duas aldeias porque, para além de conhecer a realidade das aldeias consideradas urbanas, mas com algumas características tradicionais, tentei verificar se existia, entre elas, algum cuidado com as raízes culturais e possíveis preocupações com o futuro da sua identidade.

No estudo ora apresentado, recorri a Freire (1974, p. 8) segundo o qual a “possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo”. Dessa forma, para esse autor, o homem atua no mundo de acordo com suas finalidades a fim de transformá-lo.

À medida que o ser humano procura respostas do mundo sobre como proceder diante dos desafios e de suas constantes transformações, vai, com suas respostas a esses desafios, modificando esse mundo, “impregnando-o com o seu ‘espírito’, mais do que um puro fazer, são quefazeres que contêm inseparavelmente ação e reflexão”. (FREIRE, 1974, p. 9)

O homem é o sujeito que opera e transforma o mundo, é um ser de busca permanente, e não poderia haver homem sem buscar, do mesmo modo como não haveria busca sem mundo. Assim, acredito que os indígenas estejam em permanente processo de compreensão do seu mundo, das transformações que ocorrem com a velocidade do mundo globalizado. Estão sempre revisitando o passado, para dirimir algumas dúvidas a fim de compreender o agora, o necessário, aquilo que o momento exige para se prepararem para o futuro, para, quem sabe, guardar suas tradições e as possibilidades de repassar as informações aos mais jovens, como, no caso, a língua Terena. Em relação à língua, verificam a necessidade desse repasse aos mais jovens.

## 2.1. Aldeia Bananal



Aldeia Bananal, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul.  
Fonte Cunha, 2016



Aldeia Bananal 1, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

A Aldeia Bananal é uma das maiores aldeias na região da cidade de Aquidauana. Está localizada no Pantanal Sul-Mato-Grossense e situada na Serra de Maracaju – a 139 km da capital de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana, distrito de Taunay – em um planalto<sup>13</sup>, com pequenas colinas arredondadas pela erosão.

Com o nome de Aldeia Bananal, a primeira ideia que surge é que a aldeia seja repleta de plantações de banana, mas é um equívoco, pois a aldeia pouco produz essa fruta. O que vemos ao longo da rua principal e de praticamente em todas as residências e seus quintais, são imensos pés de mangueira, que produzem a manga. Em época de produção, as frutas são vendidas para fabricação do suco de manga e da aldeia partem caminhões lotados para outros estados.

Distante 55 quilômetros da cidade de Aquidauana e 11 do distrito de Taunay, foi fundada em 15 de agosto de 1892, quando os fazendeiros situados nas terras banhadas pelos rios Aquidauana e Miranda sentiram necessidade de um povoado que facilitasse as comunicações e vendas, comuns aos seus interesses. Na data mencionada, em reunião, foi adotado o nome de Aquidauana para o novo centro de população, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.<sup>14</sup>

---

13 Ou *plateau*, classificação dada a uma forma de relevo constituída por uma superfície elevada, com cume mais ou menos nivelado, geralmente devido à erosão do vento eólica ou pelas águas. (Wikipédia dicionário on line, acesso em 20/04/2016)

14 Informação obtida em: 10/07/17, às 15h, na página da biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/aquidauana.pdf, que teve como fonte a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Volume XXXV, ano 1958.

A aldeia apresenta características urbanas desde sua criação, a princípio, em ruas traçadas em linhas retas e, agora, em lotes e quadras. Dispõe de água encanada. A maioria das casas é de alvenaria e possui banheiro externo, com descarga e caixa de água. Ainda existem construções de bambu, cujos residentes são pessoas idosas. Essas residências tradicionais estão geralmente localizadas próximo de outras de alvenaria onde moram familiares.



Aldeia Bananal 2, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

Na Aldeia Bananal, há um Posto de Saúde, energia elétrica, igrejas, campo de futebol, telefone público e mercearias. Em observação, constatei que a maioria dos moradores possui televisão e som, que a escola possui computadores ligados a uma rede precária de Internet e que alguns dos seus habitantes possuem computadores portáteis e Internet.

De acordo com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a aldeia contava, em 2006, com 1413 pessoas. Dessas, a quase totalidade é falante da língua Terena, sendo uma das aldeias mais importantes e com participação nas decisões políticas do município de Aquidauana. (BRASIL, 2010)

Não existem calçadas, as casas foram sendo construídas ao redor do posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Posteriormente, a escola também foi construída no mesmo local, onde se encontra a Escola Municipal Indígena General Rondon. O prédio antigo da escola funciona até hoje. Posteriormente, próximo à entrada da aldeia, foi construída uma escola para atender a alunos do nível médio. As casas estão à beira da estrada. Algumas têm gramas nativas e outras, apenas chão batido.





Aldeia Bananal 3, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

Historicamente, devido às várias perseguições de luta pelas terras, movidas pelos fazendeiros, poucas famílias indígenas permaneceram na região. Foi nessa aldeia, em 1905, que Rondon realizou audiências antes de iniciar a demarcação das terras. Nesse mesmo ano, tiveram início a demarcação das áreas e o registro no cartório principal da cidade de Miranda<sup>15</sup>. Mesmo com terras expropriadas indevidamente, os Terena não deixaram de ocupar as áreas demarcadas por Rondon, pois eram territórios de ocupação tradicionais. (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000)

Nascimento (1996), por meio de relatos colhidos por professores, narra que a organização da Aldeia Bananal teve início com um velho índio:

Emeteteu, que era do Chaco, [diz] que quando chegou, a aldeia ainda não estava organizada. Ele diz que na baixada, atrás da casa em que desde aquela época morava o Sr. Pereira, era o início de um brejo tão feio, tão feio que dava medo, muito medo! O grupo de índios que tinha sua casa nesta região sofria muito, no entanto ali tinha uma bela mina onde todos buscavam água, havia um trilheiro usado por todos com um capinzal enorme ao seu redor. Esta mina era chamada de Yuxu, ela jamais secava. Em meio ao capinzal da mina, encontraram pés de banana; é bom dizer que naquela época ninguém conhecia a banana. Somente o velho índio do Chaco, lá da Bolívia, conhecia. Por isso deu o nome para esta aldeia de Bananal. (NASCIMENTO, 1996, p. 8)

---

15 Miranda está localizada no sudoeste do Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul. É uma das portas de entrada para o Pantanal. Fica a 45,3 km da aldeia Bananal e a 206 km da capital do estado Campo Grande. Na cidade, existe o centro cultural de Terena que narra a história do povo indígena Terena.

A referida aldeia foi se constituindo próximo a um brejo, mas com uma área propícia à agricultura. Após a demarcação, em 1905, conforme mencionado nesta subsecção, foi se organizando em ruas e lotes. Para lá foram vários índios de diferentes localidades, quando souberam que já estava tudo organizado. Limparam a rua principal com enxada e, ao longo dela, construíram suas casas.

## 2.2. Aldeia Limão Verde



Aldeia Limão Verde 1, em Aquidauana, MS.  
Fonte: Marcos Quinhonez, 2006



Aldeia Limão Verde 2, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

Aldeia Terena Limão Verde, com uma área de aproximadamente 4.086 hectares, está localizada a 23 Km da sede do município de Aquidauana. Nela vive cerca de 1.094

indígenas, sendo 301 famílias e 233 residências, que sobrevivem de pequenas comercializações da agricultura familiar<sup>16</sup>. A escolha do termo Limão Verde para designar a aldeia não aparece em registros oficiais nem em outros documentos pesquisados, tampouco nos relatos dos indígenas nela residentes.

Apresenta características urbanas, com ruas e casas construídas ao longo da rua de acesso à escola e ao Posto Indígena (PIN). Cada família tem sua propriedade em uma área de terra determinada e, à medida que os filhos e netos crescem, constroem suas casas nas proximidades. Dispõe de água encanada e luz elétrica.

A maioria das casas é de alvenaria, com cozinha do lado externo, assim como o banheiro, em sua maioria com descarga e caixa de água. Apesar da inclusão, pelo governo de algumas casas com telhas de amianto ou de barro, é possível observar algumas construções de bambu, geralmente de pessoas idosas. As residências tradicionais ficam onde moram os familiares.



Aldeia Limão Verde 3, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

Não existem calçadas, e a frente das casas é de chão batido ou de grama nativa. As casas foram construídas ao longo das ruas e ficam dela a uma curta distância. Possuem árvores com grandes copas, produzindo muita sombra aos residentes que, nos finais de tarde, aproveitam para longas conversas e ensinamentos, reúnem-se para colocar as novidades em dia, falar sobre o tempo, “prosear”, como dizem. Basta atravessarem seu quintal sem cerca que já se encontram na casa do vizinho sem grandes cerimônias. Nos quintais, muitas frutas típicas da região, tais como goiaba, abacate, guavira, manga, entre outras, que, nas visitas aos patrícios, são trocadas. Solidariedade e alegria são constantes nos indígenas Terena.

---

16 Informação obtida em: <http://apreis.eu/essas/place/aldeia-limao-verde-aquidauana-ms>. Acesso em: 20/02/2016, às 18h.





Aldeia Limão Verde 4, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

A Aldeia Limão Verde possui uma paisagem exuberante, é toda cercada por morros, como o Morro da Vigia com uma linda paisagem. “Este nome foi dado por ocasião da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. A população indígena se refugiava neste morro para ver da onde vinham os inimigos”, disse Wanderlei<sup>17</sup>. O morro oferece uma visão geral da comunidade e tem um percurso de 600 metros até o pico mais alto.

De acordo com Cardoso (2011, p. 31), o avanço das tropas paraguaias, no período da Guerra do Paraguai, no ano de 1864, foi afastando os Terena para locais mais seguros: “É certo que com o avanço da tropa paraguaia naquela região, os Terena foram chegando e cada vez mais – se enfurnando na base da Serra de Maracaju”.



Aldeia Limão Verde 5, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2016

---

17 Professor e doutor em história indígena Terena, Wanderlei Dias Cardoso. <http://gshow.globo.com/TV-Morena/Meu-MS/noticia/2015/10>. Acesso em 26/11/17, às 19 h.

Há, no centro da Aldeia Limão Verde, uma igreja católica cujo prédio foi construído com pedras da localidade, no ano de 1932, pelos padres redentoristas<sup>18</sup>. De acordo com Altenfelder (1949), os missionários protestantes também entraram nas aldeias para evangelizar. Mas os norte-americanos, da Inland South America Missionary Union, em 1920, foram expulsos da Aldeia Bananal, sob a acusação de instigar os índios contra as autoridades do Serviço de Proteção aos Índios. Somente em 1925 retomaram suas atividades, prosseguindo na catequese dos Terena. No ano de 1928, construíram uma igreja na aldeia.

Na aldeia, há um Posto de Saúde, campo de futebol, telefone público e mercearias, além de um prédio onde funciona o Posto Indígena, e uma Rádio Comunitária. Nas visitas, constatei que a maioria dos moradores possui televisão, som e computadores.

Em entrevista que realizei em 06/11/2007, com o Sr. Isac Pereira Dias, na época com 76 anos, ele relatou que foi cacique durante 20 anos na Aldeia do Limão Verde e que, em conversas informais em família, sua tia contava que o seu povo sempre foi agricultor e trabalhava com roça, mas que, quando a produção estava pronta para colher, outros indígenas apareciam e roubavam suas colheitas. Enjoados com o fato, foram para a região de Miranda e começaram a procurar emprego nas fazendas. Nesse tempo, conseguiram emprego e trabalharam.

O bisavô do Sr. Isac Pereira Dias, chamado Atalé, trabalhou com João Dias que o batizou por Manoel Lutuma Dias. Um dia, pediu para “fazer roça”, e o patrão concordou. Então mudou para a atual região do Limão Verde. Durante a Guerra do Paraguai (1864), estando sozinho, chamou companheiros que haviam ficado na Aldeia Bananal para também trabalhar na terra. Esse fato confirma a fala de Cardoso (2011), ao relatar que os Terena procuravam terras mais seguras para se protegerem dos soldados paraguaios, conforme mencionado anteriormente.

Após a guerra, começaram os rituais das danças que recordavam a luta que tiveram e sua vitória. Com o tempo, foram repassando a seus filhos, netos e bisnetos. São duas danças: uma executada apenas por homens, a dança do Bate-Pau, e uma executada por mulheres, a Siputrena, em que as mulheres representam uma saudação à chegada dos guerreiros na aldeia após a batalha.

A Escola Municipal leva o nome do avô do Sr. Isac Pereira Dias – “Lutuma Dias” – onde é ensinada a língua materna do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

---

18 A Província Redentorista de Campo Grande nasceu no ano de 1930, com a chegada de dois padres Missionários Redentoristas vindos da Província de Baltimore dos Estados Unidos. Francis Mohr e Alphonse Hild desembarcaram em Aquidauana/MS e deram início à presença estável de redentoristas, inclusive nas aldeias próximas ao município. Disponível em <https://perpetuosocorroms.com.br/missionarios-redentoristas>, acesso em 26/11/17, 20 h.

### 2.3. Aldeia Aldeinha de Anastácio



Reunião de indígenas na Aldeia Aldeinha, Anastácio, MS. Fonte Google, 2018

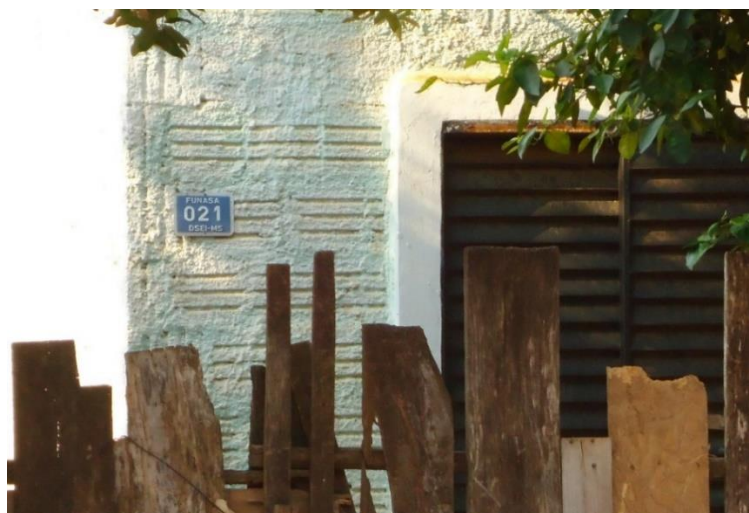


Entrada da Escola da Aldeia Aldeinha, Anastácio, MS. Fonte: Cunha, 2016

A Aldeia Aldeinha de Anastácio está localizada em Mato Grosso do Sul, no município de Anastácio, cuja emancipação política e administrativa ocorreu em 8 de maio de 1984. Faz divisa com a cidade de Aquidauana e fica distante 127 quilômetros de Campo Grande, capital do estado.

Sua história está intimamente ligada à Aquidauana, considerando que a margem esquerda do rio Aquidauana foi onde começou a atividade comercial desse município, com a instalação do primeiro porto e do primeiro núcleo comercial. O nome Anastácio foi escolhido em homenagem ao primeiro morador oficial do povoado, o italiano Vicente Anastácio.

A aldeia possui, segundo a FUNASA, 80 residências e um total de 321 moradores (BRASIL, 2010). As residências mais antigas possuem uma placa numerada de identificação, fornecida pela FUNASA. Os residentes são muito envolvidos com a comunidade. Por viverem em uma aldeia urbana, os Terena ficam nas cidades de Anastácio e Aquidauana, estudando, trabalhando, transitando, vivendo um cotidiano urbanizado.



Residência com placa da FUNASA na Aldeia Aldeinha, em Anastácio, MS. Fonte Cunha, 2018

A aldeia tem características urbanas, com ruas traçadas em linhas retas, lotes e quadras. A maioria das ruas é pavimentada com lajotas (pequenos blocos de cimento). Dispõe de água encanada, rede elétrica, arborização nas ruas e nas residências. As casas são de alvenaria e com banheiro interno. Por estar inserida na cidade de Anastácio, a aldeia dispõe de redes particulares de Internet disponíveis a quem quiser contratar.





Aldeia Aldeinha 1, em Anastácio, MS. Fonte Cunha, 2018

Seguindo o mesmo estilo das aldeias tradicionais, os filhos, ao constituírem suas famílias, constroem as suas moradas ao lado ou nos fundos das casas dos pais e avós, sendo raros os casos de filhos morarem longe dos parentes.

A escola fica localizada no centro da aldeia e dispõe de água, energia e esgoto da rede pública. O lixo é destinado à coleta periódica. A escola não possui calçada na sua entrada. Segundo dados do Censo/2016<sup>19</sup>, a Escola Pública Estadual Guilhermina da Silva possui Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos – Supletivo e Educação Indígena. Por ser considerada urbana, conta com acesso à Internet, banda larga, e uma quadra de esportes descoberta.

Algumas casas não possuem calçadas, e na frente da maioria delas, está plantada uma árvore frondosa para sombrear o local e arrefecer o calor. Também nos pequenos quintais, há uma árvore frutífera plantada, principalmente mangueira, goiabeira e abacateiro. Na maioria das casas, há televisão, som, equipamentos eletrônicos, computadores e computadores portáteis, com Internet de melhor qualidade, já citado anteriormente, por estarem dentro da cidade de Anastácio.

---

19      Dados verificados em <http://www.escol.as/257042-ee-indigena-guilhermina-da-silva>, acesso em 26/11/17, às 21h.



Aldeia Aldeinha 2, em Anastácio, Mato Grosso do Sul. Fonte Cunha, 2018<sup>18</sup>

A aldeia se encontra em contexto urbano em função do crescimento e avanço desordenado da população anastaciana (NASCIMENTO E PEREIRA, 2013, p. 300). Foi fundada no século XX, mas sua organização como aldeia se deu somente no dia 08 de abril de 1984, pelo índio Antônio Nimbú, quando trouxe o Chefe do PIN de Limão Verde para documentar os indígenas que habitavam a terra doada pelo indígena Ventura Jorge.

O primeiro Capitão foi o Índio Isaías Delgado da Silva, tendo como seu vice Geremias Delgado. O atual Cacique dessa aldeia é o Índio Enéias Campos da Silva, com Gestão 2013-2016 (ALDEIA TERENA ALDEINHA, SITE, 2016).

A história de criação da aldeia, segundo Nascimento e Pereira (2013: 300), ocorreu da seguinte forma:

Segundo Gedeão Jorge (Professor de Geografia da ‘Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva’), a chegada da Família da Dona Umbelina Jorge (composta por doze membros) vindo da Aldeia Buriti ocorreu por volta do dia 8 de Abril de 1932, e o motivo foi um desentendimento religioso. A caravana tinha como destino a Aldeia Cachoeirinha no Município de Miranda, MS. Ao chegar à margem esquerda do Rio Aquidauana, atual Anastácio, na fazenda Santa Maria, encontraram o filho da Dona Umbelina, Jorge José da Costa, popularmente conhecido como José Correio ou Zé Correio, que pediu que eles ficassem por aqui mesmo, visto que iria comprar terras na margem esquerda. O senhor Manequinho, fazendeiro e pai de criação do senhor Zé Correio, conversaram e fizeram um acordo para comprar 32 hectares de terras pagos em animais, serviços e retirada de madeira como postes e lenhas para serem usadas na fazenda.

Na área, a família de Dona Umbelina Jorge construiu e plantou. Os produtos eram para subsistência. O nome “Aldeinha” surgiu por meio dos evangélicos que, aos domingos, visitavam os irmãos da pequena aldeia.

A Aldeinha enfrentou dificuldades com documentação indígena, como certidão de nascimento e de reconhecimento indígena. Existe a preocupação de revitalizar os costumes Terena, pois a aldeia é dentro da cidade, com casas numeradas pela FUNASA, e as práticas não indígenas são frequentes.

Segundo o Cacique Enéias, “[...] por nós sermos indígenas, a gente era menosprezado na sociedade; então quando falava termo indígena, né, a pessoa ficava acanhada; então aí a gente já até evitava de tá querendo aprender.” Por vergonha de serem indígenas, os habitantes da Aldeinha de Anastácio não queriam nem aprender a língua Terena. Hoje, a situação é diferente, ou seja, existe um esforço enorme para ensinar os filhos. Não só nessa aldeia, mas em todas as outras que participaram da pesquisa, percebi, por meio de todas as entrevistas, que os Terena consideram a língua Terena uma arma. Falar na língua sem que outros percebam a sua fala é muito importante. A preocupação do momento, que eles consideram muito relevante, é resgatar a língua, começando pelas crianças, que julgam que aprendem com mais facilidade.

Com relação às dificuldades enfrentadas, o Cacique Enéias citou, além da documentação, a aceitação pela sociedade da cidade, pois, quando diziam que eram moradores da Aldeinha, não tinham chance de arrumar emprego. Relatou que, há uns dez ou quinze anos, a aldeia tinha uma má reputação e que, diante de qualquer ato de violência ou maldade, a Aldeinha era o local onde os malfeitores eram procurados. Isso criou uma imagem negativa da aldeia que, aos poucos foi trabalhando para melhorar a visão perante a cidade de Anastácio.

## 2.4. Aldeia Tico Lipú



Rua da Aldeia Tico Lipú, em Aquidauana. MS. Fonte Cunha, 2018



Placa da Aldeia Tico Lipú, em Aquidauana. MS. Fonte Cunha, 2018

A Aldeia Tico Lipú, cuja área tem a dimensão de um hectare e meio, está localizada a 06 km de Aquidauana. Recebeu o Decreto de Desapropriação de Utilidade Pública<sup>20</sup> para que fosse feita a regularização fundiária do local em 2015, apesar de os indígenas estarem lutando pela área desde 28 de novembro de 2010.

O cacique da Aldeia Tico Lipú é Francisco Gomes Lipú, o “Tico Lipú”, com quem realizei uma entrevista para compreender um pouco o processo de urbanização da aldeia. Fundador da aldeia, tem 49 anos, nasceu em 09/11/1966, na Fazenda Esperança, na Aldeia Ipegue, é casado, tem três filhas e três netos e chegou a Aquidauana em julho de 1997.

O motivo que o levou para a cidade, segundo ele, foi que, ao perceber que a sua gente enfrentava grande dificuldade com seus direitos, resolveu aglutinar aqueles que estavam espalhados na cidade em uma só área para poder “correr atrás” desses direitos. Quando chegou ao local onde seria a futura aldeia, encontrou só mata: “era só cipó, caraguatá, etc. Era uma situação muito feia de se ver e entrar.”

Foi oferecida por um chacareiro que dizia ser dele a área. Fizeram uma cotização entre todas as famílias da associação que havia na cidade, no valor de duzentos reais por pessoa, para comprar a área. O custo total seria vinte mil reais. Olharam a área e negociaram. Quando entraram nas terras, foi declarada uma invasão, porque compraram de pessoas que não eram donas. Foram enganados. Reuniram o povo e resolveram resistir, em uma tentativa de conservar a cultura Terena dentro do município.

Começaram com 100 famílias que vieram das aldeias Colônia Nova, de Aquidauana, Ipegue, também de Aquidauana, Bananal, entre outras. Roçaram, carpiram, fizeram a

20 O decreto de desapropriação de utilidade pública foi assinado para que fosse feita a regularização fundiária do local. Segundo a Procuradoria Jurídica do Município de Aquidauana, a área invadida teve de ser desapropriada para poder ser regularizada como aldeia urbana. Disponível em <http://aquidauana.ms.gov.br/index.php?p=noticia&id=1354>, acesso em 26/11/17, 21h30m.



limpeza da área e, já de imediato, pediram para que um engenheiro amigo e da prefeitura fizesse a medição dos terrenos.

Construíram barracos de lona e ali ficaram enfrentando sol, chuva e uma vida muito difícil, pois não havia água nem luz. Do poste de luz da rua, puxaram para a aldeia a eletricidade, mas os responsáveis pela empresa iam até o local e a cortavam. Assim, ficaram, de três a 4 anos, nessa “briga”. Além dessa dificuldade, enfrentaram outra maior, que era a polícia, pois cada vez que ia à aldeia, eram despejados.

Atualmente, vivem, na Aldeia Tico Lipú, 68 famílias, e o total de pessoas que mora na aldeia é de 283, sendo 70 crianças de até 10 anos. A documentação de regularização do terreno ocorreu por meio de doação, pela prefeitura de Aquidauana. Segundo Tico Lipú, ele é cacique porque foi escolhido pela comunidade por aclamação, o que julga correto, pois, para ele, eleição é coisa de branco e não de índio, além de que a campanha para eleição apenas corrompe as pessoas e acaba com a cultura.

Quanto ao nome da aldeia esclarece: “Tico Lipú não é meu nome; Tico Lipú não existe; vem do apelido do meu finado avô que eu herdei o nome dele, que é Francisco Gomes”. Ele gostaria que a aldeia tivesse o nome de sua mãe, Isolina Gomes, um exemplo de mulher, que lutou pra manter nove filhos, sempre na dificuldade da aldeia, com poucos alimentos, tentando sustentar o dia a dia de todos os filhos. A comunidade não concordou porque eles disseram que quem estava lutando era ele, e então, quem merecia o mérito era ele. Assim surgiu o nome Aldeia Tico Lipú.

A Aldeia Tico Lipú apresenta características urbanas muito simples, com ruas traçadas em linhas retas e lotes, todos divididos por uma cerca de arame farpado e ripas de madeira ou de bambu.



Aldeia Tico Lipú 1, em Aquidauana. MS. Fonte Cunha, 20188

Dispõe de água encanada e nem todas as residências possuem energia elétrica. A maioria das casas é construída em peças pequenas de alvenaria, e quase todas possuem banheiro

externo, de madeira com fossa séptica, sem descarga e sem caixa de água, alguns cobertos nas laterais por lona plástica preta. Existem algumas construções de madeira, cujos residentes são pessoas idosas.



Aldeia Tico Lipú 2, em Aquidauana. MS. Fonte Cunha, 2018

As residências da aldeia não são consideradas tradicionais devido às condições financeiras dos moradores. Não existem calçadas ou ruas pavimentadas, não há Posto de Saúde, escola, igrejas, campo de futebol, telefone público, nem mercearia. Em caso de doença, os seus habitantes são atendidos nos postos de saúde do município de Aquidauana ou hospital.



Oca na Aldeia Tico Lipú, em Aquidauana. MS. Fonte Cunha, 2018

A oca foi construída pelos moradores da aldeia para dar continuidade à tradição, tentando demonstrar aos moradores que, a partir do momento em que foi fincada a primeira estaca, a partir do momento em que a oca estivesse erguida, simbolizaria o poder da aldeia, seria

um marco. A partir do momento de sua construção, eles tinham a certeza de que não sairiam mais daquele local.

As setenta crianças e os demais jovens que residem na aldeia são atendidos nas escolas próximas. Em observação, pude constatar que nem todos os moradores possuem televisão, som, equipamentos eletrônicos ou computadores.

### **3. Conceitos necessários para compreender a identidade Terena**

Nesta subsecção, apresento as minhas reflexões a partir de alguns dos conceitos que povoam o meu estudo (como identidade, laços étnicos e memória), considerando necessário para melhor compreender o trabalho de campo já efectuado junto das comunidades (Aldeia Bananal e Aldeia Limão Verde) e em duas das suas escolas (Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos e Escola Municipal Indígena Lutuma Dias).

Esta abordagem não é assumida como um estudo teórico, mas como uma reflexão do cruzamento dos referidos conceitos com a realidade e a natureza da pesquisa realizada.

#### **3.1 Identidade**

As comunidades indígenas do Brasil sofreram os maiores desafios identitários da história a partir do contacto com as forças invasoras coloniais, tendo de enfrentar a desestruturação de seus modos de vida, a despossessão de suas terras e a evangelização de suas “almas”. Por longos períodos de suas vidas, tiveram de aprender a conviver com as forças invasoras ou a elas resistir pelo refúgio em outras paragens. Suas identidades foram se transformando no modo como enfrentaram as contingências a que foram sujeitas.

A evolução política do Brasil, independente e gradualmente atento às lutas e à realidade dos povos indígenas, permite, no presente, a criação de uma situação em que as comunidades reivindicam a sua história e retomam parte dos valores identitários que perderam e pretendem revalorizar, juntamente com suas aspirações de melhores condições de vida.

Muitas foram, ao longo da história, as ofensivas à sua identidade. A própria presença da Igreja e, em particular, dos padres jesuítas, com sua evangelização, foi, aos poucos, desarticulando a identidade religiosa original dos indígenas.

Com a presença do branco e do seu poder, na identidade indígena foram sendo incorporados a cultura e os valores europeus do branco, que ganharam evidência no quotidiano e alteraram seu modo de vestir, suas comidas, sua fala. Sua identidade foi sendo transmutada para um estatuto de assimilado, transformando seus desejos e seus costumes, incorporando a evangelização, a nova língua e o trabalho escravo e assalariado.

Com a escola evangelizadora, uma identidade mesclada com a dos invasores se fez presente: um novo deus, uma nova fala. A mão habituada a pintar a face e o corpo, agora

realiza os trabalhos que lhe são conferidos. É realizada uma desestruturação da identidade individual e coletiva.

Com a proposta de refletir sobre o conceito de identidade e por compartilhar das ideias de Stuart Hall, autor mais utilizado em minha pesquisa, entendo, como o autor, que a identidade mostra as particularidades de um indivíduo ou de um grupo. Além disso, considerei que esse autor aborda a dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.

Igualmente compartilho da ideia de Hall no que se refere às identidades modernas fragmentadas. Nessa direção, e atendendo ao presente, constatei – por meio da resposta da professora Geyse<sup>21</sup> à questão “Existe algum conflito em se identificar como indígena?” – que a identidade pode incluir o indivíduo em uma determinada cultura, mas também o exclui. A professora Geyse sentiu que existe esse conflito em sua própria etnia: “Sim, principalmente, entre os indígenas. Por eu não morar na aldeia e sim na cidade. Como se, para ser índio, tem que ser aldeiado; entre os não indígenas, existe certo preconceito, como se o índio não possa ter estudo e ascensão social.” Ser diferente por não morar na aldeia ou por não saber a língua materna é interpretado como “ser diferente”, separado da identidade do grupo. Esse foi um dos motivos que me levaram à escolha de Hall (2011) para melhor entender a questão da identidade Terena.

A professora Maria Alexandra<sup>22</sup>, nas minhas visitas às aldeias Terena e nas entrevistas informais, também expressou o que representa a identidade Terena para ela: “Representa o sentimento em estar na cultura, falando a língua Terena, viver em terra indígena, entender o que a natureza está mostrando no dia a dia, e, quando escuto o som da cerimônia das danças, tudo fica equilibrado; muita emoção quando escuto o canto Terena”. A professora desenvolve um projeto no qual valoriza a cultura indígena Terena e cujo objetivo é que a “ideia de ser índio fique na alma das crianças”, como a gravar a sua identidade para que não se esqueçam seu passado. Segundo a professora Maria Alexandra<sup>23</sup>, a identidade está representada na comida, nos artesanatos, na dança, nas pinturas e, principalmente, na fala indígena. É uma tentativa de resgate da cultura dos antepassados, elaborado com base em pesquisas com anciões, com caciques antigos, com alguns benzedores, entre outros. Para Hall (2011, p. 85), “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos

---

21 Professora de uma escola estadual, jornalista, ex-conselheira tutelar e Militante de Causas Indigenista e das Minorias, atualmente mora em Aquidauana e leciona na Escola do município de Aquidauana.

22 Professora que atuava na Escola da Aldeia Bananal, em Aquidauana, com alunos do Ensino Médio e que atualmente leciona na Aldeia Ipegue, para alunos do ensino fundamental.

23 Conheci a professora Maria Alexandra na Aldeia Bananal, no ano de 1996, época em que ela era diretora da Escola Municipal Indígena General Rondon e eu trabalhava na Prefeitura Municipal de Aquidauana, executando projetos nas aldeias do município. No ano de 1998, a professora fez concurso municipal e assumiu vaga na Aldeia Ipegue, aldeia vizinha, distante 12 km de sua aldeia de origem. No ano de 2010, foi a primeira professora eleita – para uma gestão de 3 anos – pelos pais para a direção da Escola Municipal Indígena Pólo Feliciano Pio, que atende a crianças da Educação Infantil ao 9º ano, crianças de 5 a 15 anos de idade. O projeto com o qual a professora trabalha tem, como tema, Reafirmando a Identidade. Cada ano é escolhido um subtema. Deste ano, o subtema é Identidade Pessoal na Escola, sempre reafirmando a condição de índio, com ensinamentos da língua materna, do respeito aos mais velhos e das histórias passadas e vividas. Assim, fazem consultas aos idosos da aldeia, aos pajés, aos professores, à comunidade toda. O projeto que está sendo elaborado para o ano seguinte é sobre a Língua Materna Terena.

dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. Esse projeto demonstra a defesa do grupo Terena e a tentativa de preservação de suas culturas.

Em um único momento, uma professora – no caso Maria Alexandra – falou, de uma forma simples e direta, sobre o que representa sua identidade, desconhecendo a concepção de Hall (2011), para quem a identidade é um conceito demasiadamente complexo. Para essa professora, na sua comunidade indígena Terena, identidade é simples: ela está representada no seu dia a dia, na sua comida, na sua fala, nas suas vestes, na dança, etc. Para o autor, a comunidade sociológica encontra-se dividida quanto ao conceito, sendo a identidade um tema pouco compreendido e controverso, entre os estudiosos, na contemporaneidade, sendo impossível uma afirmação conclusiva ou algum julgamento seguro. É complexo, por ser difícil de afirmar, com certeza, o que é identidade. Vários autores se posicionam de acordo com os estudos de Hall (2011), mas, nas comunidades que estudei, o conceito é interpretado no contexto das lutas pela valorização identitária.

Altamir, um senhor da etnia Terena que mora na cidade de Aquidauana, respondeu que a identidade dele é a “certeza da origem indígena”, que a língua os representa fortemente, mas que não podem ser esquecidas as danças, as comidas, os remédios de folhas do mato e as rezadeiras.

Para Hall (2011), há três concepções de identidade, ou seja, o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito do iluminismo é totalmente centrado, sendo que o centro emerge do seu nascimento e permanece idêntico a ele durante a sua existência. É possível comparar esse sujeito aos anciões das aldeias visitadas, pois eles conservam a língua, as comidas, suas danças, músicas, etc.

O sujeito sociológico, de acordo com Hall (2011), reflete a complexidade do mundo moderno e a relação com outras pessoas que são importantes para ele. Esse contato acontece principalmente na escola, com os professores que vêm da cidade e por meio da televisão e da Internet que chegam aos lares. O mundo globalizado se faz presente nas aldeias, o facebook divulga o momento presente, o WhatsApp manda as notícias, as fotos. É a interação entre o eu e a sociedade. A identidade, então, está colada ao sujeito e à estrutura, estabilizando o sujeito e o mundo cultural em que ele habita. Porém, essa identidade vai se tornando fragmentada, com várias identidades. Esse processo, então, produz o sujeito pós-moderno que não tem identidade fixa. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos as quais não são unificadas ao redor de um eu. Desse modo, a roupa se torna importante, como o tênis, novos modelos, novas cores e cortes de cabelo, por exemplo.

Em seus estudos, Hall (2011) revela a identidade moderna, fragmentada, em que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Tive essa mesma convicção do autor no que diz respeito à identidade fragmentada, com várias identidades, quando, durante a pesquisa, ao consultar os alunos das aldeias sobre o que sabiam a respeito de seus antepassados e o que valorizavam em relação a eles, obtive respostas que dividiram em várias facetas a identidade Terena. Na Aldeia Bananal, o mais importante é a língua,

como também as comidas típicas, as pinturas e os desenhos. Na Aldeia Limão Verde, a dança, tocar instrumentos indígenas e artesanato são prioridade. Verifiquei que a identidade Terena não tem apenas uma característica, mas várias. Assim, ainda compactuando com a ideia de Hall (2011), compreendo que seja impossível oferecer afirmação conclusiva ou fazer julgamento seguro a respeito da identidade, em particular em comunidades que têm uma história tão conturbada e que, hoje, são envolvidas numa sociedade tão desequilibrada entre a importância da tradição e da sobrevivência e a massificação de informação e de alienação cultural provocada pela mídia.

Nas aldeias consideradas urbanas, o discurso sobre identidade se tornou um pouco diferente. Saliento a fala do cacique da Aldeia Tico Lipú, obtida em uma das reuniões com a comunidade, quando percebe a dificuldade de preservar a identidade que, para ele, é representada pela língua materna: “Está sendo muito difícil preservar a identidade Terena; para alguns, é muito difícil falar”, razão pela qual procuram uma pessoa que fale a língua e que saiba escrever para ensiná-los, em uma tentativa de preservação.

No intuito de perceber a comunidade e suas relações sociais, reporto-me ainda a Hall (2011) que afirma que a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e as relações do indivíduo no seu interior. Na perspectiva desse autor, a representação se liga à identidade e à diferença, dois elementos estreitamente dependentes da representação. É na representação, portanto, que adquirem sentido, passam a existir e se ligam ao sistema de poder. No caso da aldeia urbana, o cacique usa cabelos longos como uma resposta ao preconceito, para demonstrar seu poder, para demonstrar sua identidade; não usa colares de bijuteria, mas colar de madeiras (bambu, taquara) e sementes, feitos por ele mesmo.

Silva Jr. (2005) explica que identidade e diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. Nesses sistemas, a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído, ligado ao sistema de representação. Assim, ao deixar seu cabelo crescer, ao usar colares e brincos de elementos da natureza, o cacique mostra a sua identidade por meio da representação de suas características e dos seus enfeites.

De acordo com Matos (1979, p. 10), a juventude é o período de consolidação da identidade, com uma “função biológica específica e uma intenção transformadora do meio que resumem a substância e o destino do homem”, ou seja, um ser que sabe quem é conhece limites e almeja modificações, embora nem sempre o consiga, pois é uma tarefa difícil e repleta de acidentes emocionais. É nesse período de florescimento de sua personalidade que ele se abre para mundo. E é nesse momento que o projeto da professora Maria Alexandra se faz importante na escola, pois quer “que a ideia de ser índio, fique na alma das crianças”, conforme já mencionado. Essa mesma professora igualmente fala sobre recuperar a autoestima identitária, reforçando, na família e na escola, a aprendizagem da língua Terena para manter viva a cultura e as tradições do seu povo.

Há que serem considerados, também, a globalização, os meios eletrônicos disponíveis e a influência que exercem sobre a vida da aldeia. Essa interferência influi na identidade, pois entendo que todas essas influências externas modificam alguns comportamentos e

preferências, bem como as roupas, os sapatos, o corte e a cor dos cabelos, etc., não significando deixar de pertencer ao grupo social do qual faz parte.

### 3.2. Laços étnicos

A utilização do conceito de raça, sabe-se, hoje, não representa fundamento científico algum por não existirem diferenças substantivas na genética humana que permitam a distinção a partir da cor da pele ou de outros traços nas fisionomias de grupos étnicos.

A partir de uma visão ocidental, há séculos que existem referências de classificação dos povos de pele “não branca” em espécies humanas com capacidades inferiores e genéticas diferenciadas que alimentaram a dominação colonial e imperial e a sua exploração no trabalho. Recentes estudos do ADN<sup>24</sup> fundamentam cientificamente a denúncia de diferenças entre os humanos que servem narrativas racistas e situações de exploração.

No que se refere aos Povos Índios, é fundamental entender, para compreender a sua luta pela sua dignidade e usufruto de um estatuto de igualdade plena, o racismo com que foram tratados ao longo da história do Brasil colonizado, que permanece ainda no Brasil de hoje, e repudiar, sem hesitação, a manutenção dos discursos racistas da sua classificação como de pertença a uma raça.

O uso do termo raça, no Brasil, teve início com a chegada dos “brancos”, com a expansão marítima mercantilista europeia no séc. XVI, quando do contato entre povos de diferentes continentes, e com o processo de colonização (SILVA JR, 2007, s./p.). Para o autor, a ideia de raça e etnia, apesar de próxima, teve enfoques distintos. Na ideia de raça, o enfoque se centrava na aparência física característica (cor de pele, compleição física, estatura, traços faciais, etc.) ou nos grupos de ancestralidade geográfica, enquanto na de etnia, se considerava uma questão de “parentesco tribal” e, sobretudo, de cultura específica (língua, cosmovisão, tradições, mito de criação).

O desenrolar dos tempos, de modo evidente no Brasil, foi criando cruzamentos de europeus, africanos e índios, gerando multiplicidades biológicas e alterações nas culturas que tornam, no presente, as questões de pertença complexas e, perante os processos de aculturação ocorridos, difícil a pertença a grupos étnicos.

Como referi, o termo raça foi muito usado. É possível atender que a primeira classificação dos homens em raças tenha sido feita de acordo com Silva Jr. (2005, s./p.), pela obra “*Nouvelle division de la terre par les différents espèces ou races qui l’habitent*” (“Nova divisão da terra pelas diferentes espécies ou raças que a habitam”), de François Bernier,

---

24 DNA ou ADN é a sigla para ácido desoxirribonucléico, que é um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e de alguns vírus.



publicada em 1684. Ao longo dos anos, novas versões surgiram, com novas variedades do homem e variedades da humanidade.

O conceito de raça foi muito utilizado na antropologia, na sociologia, na biologia e em outras áreas. Para Almeida (1968, p. 150), “o vocábulo raça é, sem dúvida alguma, o mais usado nas obras gerais de antropologia e simultaneamente aquele cuja nação se torna mais difícil de dar e que, por isso, mais discussões interpretativas tem suscitado.” Da mesma forma, conforme esse autor, hoje contrariado por estudos científicos recentes, as definições se misturam com a biologia, com a genética e componentes da hereditariedade. Em suas conclusões, Almeida (1968) cita que a humanidade possui um fundo comum, mas que os indivíduos adquiriram aspectos distintos em função da sua localização ou de ambientes diversos aos se adaptaram.

Para Lévi-Strauss (2006), existem mais culturas humanas do que raças, além de que duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados e que, devido à diversidade existente nas culturas, é fato no presente e direito do passado. O entendimento de Lévi-Strauss (2006) remete, no estudo presente, às aldeias pesquisadas. Dito de outra forma, registrei, na Aldeia Bananal, o enfrentamento da sua história e a revalorização identitária, sendo a aprendizagem da língua Terena, hoje, incentivada e falada nos momentos de encontros entre as brincadeiras das crianças. Na Aldeia Limão Verde, a dança é considerada a mais importante, sempre incentivada, inclusive na escola, com a participação dos alunos; e, na Aldeia Tico Lipú, que é urbana, quase a totalidade da população não é falante da língua materna Terena, havendo uma forte manifestação para a reaprendizagem da língua, o mesmo acontecendo na Aldeia Aldeinha de Anastácio, igualmente urbana.

Segundo Lévi-Strauss (2006), os homens elaboram culturas diferentes em virtude de seu afastamento geográfico das propriedades particulares do meio e da ignorância em que se encontram em relação ao resto da humanidade. Entretanto, alerta que as sociedades humanas nunca se encontram totalmente isoladas, principalmente com a globalização, pois a notícia se espalha em questão de segundos e, por mais humilde que seja a casa, pelo lado de fora, é possível observar uma antena parabólica, como é o caso da Aldeia Bananal que fica a mais de 70 quilômetros da cidade de Aquidauana. Nas aldeias que ficam mais próximo da cidade, os indígenas transitam entre a aldeia e a cidade, não ficando isolados, pois vendem, em visitas diárias ou semanais, os produtos que plantam em suas terras ou suas cerâmicas fabricadas em seus quintais.

Semelhante ao pensamento de Silva Jr. (2007), Almeida (1997) relata que, no Brasil, os povos indígenas constituem uma identidade, mas que, devido às suas características particulares, cada grupo é definido como etnia. As características fisionômicas da compleição física, da cor da pele, dos cabelos, etc. constituem um elo identitário forte de pertença étnica, revalorizado pela cultura e pela sua língua.

Muitos autores se deixaram levar pelos discursos ocidentais de discriminação racial que se alimentava de uma visão interesseira que, por sua vez, alimentava o uso de uma supremacia da rotulada raça “branca”. São muitos os exemplos, mesmo de autores que cuidadosamente se afastavam de intensões racistas e que se escudavam em estudos acadêmicos produzidos no Ocidente. Por exemplo, para Mota (1997, p. 31), o termo raça, em biologia, tem um significado utilitário, ou seja, “Serve para indicar que duas ou mais populações de uma mesma espécie apresentam uma diferenciação que deve ser assinalada”. Referia-se que há raças geográficas, como há raças cromossômicas que indicam realidades diferentes. Já Souta (1997, p. 43) apresenta várias razões que podem explicar a longevidade do conceito de raça, entre elas, a ineficácia da escola na abordagem da temática, a manutenção do conceito “operatório de raça na sociologia e antropologia contemporâneas, usando-se ‘raça’, ainda que agora entre aspas, como construção social.”

Em momento algum da pesquisa, os entrevistados se denominaram como “raça” ou “raça indígena”. Sobre a comunidade indígena, a quase totalidade das respostas foi “eu tenho muito orgulho da minha etnia Terena.”

O que se tornou evidente no estudo feito junto às comunidades foi que sua pertença se afasta do conceito de raça, e sua identificação liga aqueles que utilizam a mesma língua, a mesma tradição cultural e histórica, aqueles que ocupam um mesmo território e, sobretudo, que possuem a consciência de pertença a uma comunidade. Esse entendimento é partilhado pelos entrevistados nas aldeias, onde a maioria é falante da língua Terena e mantém as tradições locais, em danças, comidas típicas, artesanatos, etc. Ocupam o mesmo território, pertencem à comunidade indígena Terena e sentem orgulho de pertencer a essa etnia.

Para os questionamentos que fiz aos entrevistados sobre o orgulho da “etnia Terena”, obtive, da quase totalidade, que tem orgulho da sua etnia, que tem orgulho de ser índio, que quer manter a etnia e preservar a cultura.

Lévi-Strauss (2006, p. 66) alerta para a necessidade de preservar a diversidade das culturas no mundo ameaçado pela monotonia e pela uniformidade e que “A diversidade das culturas humanas está atrás de nós, à nossa volta e à nossa frente”.

Concordo com Lévi-Strauss no que diz respeito à diversidade das culturas. Cada aldeia possui suas prioridades e opções que devem ser preservadas, pois a proximidade das aldeias ameaça a sua uniformidade, juntamente com a globalização que chega à aldeia pelo sinal de TV, pela Internet e pelas ondas de rádio, e ameaça, possivelmente, a sua uniformidade.

Nos questionários com questões semiestruturadas, os alunos indígenas deixaram claro o seu orgulho pela etnia Terena. Alguns alunos escreveram, no final da folha, “eu sinto orgulho da etnia Terena”, demonstrando que são esclarecidos quanto à questão da etnia indígena Terena. Para Silva Jr. (2005), essas comunidades comumente reclamam para si uma estrutura social, política e um território. Foi perceptível, nesta pesquisa, que os

grupos étnicos compartilham uma origem comum e exibem uma continuidade no tempo, além de apresentarem uma história em comum.

O estudo das relações étnicas, de acordo com Rex (1987, p. 11), refere-se àquelas ligações étnicas que podem acontecer com a semelhança de comportamento cultural e não é de se admirar que aqueles que partilham a mesma cultura pretendam ter uma ascendência comum.

Entendo que isso se relacione com a comunidade indígena, pois todos têm uma ascendência comum. Percebi o cuidado com as crianças e com os adolescentes. Nesse sentido, de alguma forma, eles se protegem. Existe a preocupação com o filho do vizinho, do primo, do tio, etc., pois um atravessa o quintal do outro, contando com o cuidado do outro.

A semelhança física, para Rex (1987), poderia ter algum efeito na medida em que despertasse recordações de convívio familiar. Acredito que esse pensamento reflita o que vi na aldeia, onde a semelhança física ainda se mantém preservada em sua maioria. Rex (1987, p. 35), não tendo abandonado o conceito de raça, conclui que “as diferenças de raça e etnia fornecem apenas uma ligeira base para tais alianças e conflitos” e que a sua função principal foi ter fornecido a base dos laços sociais dentro dos quase grupos, pois o que havia era a presença de características raciais ou culturais compartilhadas. A semelhança física poderia ter algum efeito se despertar recordações de convívio familiar.

Quando pertence a um grupo social e tem uma consciência de pertença a essa comunidade, o indivíduo se faz forte. Cabe dizer, então, que aqui está formado um laço étnico e que as relações sociais existentes entre os indivíduos ou grupos definirão tudo aquilo que será considerado como valioso para sua cultura. Percebi a consciência de pertença refletida nas respostas que expressam o orgulho da etnia Terena.

Para Rex (1987), os laços que unem um membro a outros membros do seu quase grupo étnico não são apreciados simplesmente porque podem ser úteis. Caracterizam-se, segundo o mesmo autor, “por um sentimento de se formar um todo, de lugares e história comuns. Como tal, possuem as qualidades semi sagradas (sic). Se é isto que significa dizer-se que a etnia é primordial, estamos inclinados a concordar que é primordial.” (REX, 1987, p. 130)

As comunidades indígenas possuem uma história de vida em comum, uma cosmologia referente a sua criação, ao seu aparecimento na terra, e concordam quanto à preservação de sua etnia. Pude observar que a conservação de seus laços étnicos está refletida no dia a dia, na confiança entre os moradores e seus vizinhos e entre seus familiares, o que os leva a se protegerem mutuamente, a protegerem suas crianças, seus jovens e anciões. O laço por ser índio fala mais forte.

Reporto à memória para verificar se há o repasse das informações dos mais velhos aos mais novos. Nas entrevistas realizadas nas quatro aldeias, os entrevistados, em sua maioria, responderam que valorizam o que os avós ou anciões da aldeia lhes transmitem,

sendo muito importantes para o seu crescimento pessoal a opinião e os conselhos recebidos dos avós ou dos anciões.

Para falar sobre a memória, recorri a Candau (2011, p. 85) que mostra que a “amplitude da memória do tempo passado terá um efeito direto sobre as representações de identidade”. De acordo com o autor,

Os inúmeros trabalhos sobre a memória (em Psicologia ou em Antropologia) mostram que os melhores índices de evocação ou reconhecimento estão associados a acontecimentos integrados na vida do sujeito. Isso é particularmente verdadeiro em relação à memória episódica que tem sempre uma especificidade pessoal muito forte. De uma maneira geral, a memória se implanta essencialmente em um tempo privado, íntimo, como mostra bem a evolução do calendário no qual, a partir do século XVI, encontramos muitas vezes menções a informações biográficas. (CANDAU, 2011, p. 91)

Em minha pesquisa, grande parte dos entrevistados se referiu à memória dos mais antigos, dos anciões, e à importância do repasse de informações recebidas. Esses entrevistados relataram que somente ao escutarem e se dedicarem a essas palavras é que poderão guardar vestígios do tempo antigo, dos seus antepassados e que pretendem repassar esses conhecimentos aos mais jovens, mesmo aos que não são seus filhos, pois assim poderão preservar a sua cultura e a sua memória. A evocação do passado pelos anciões, pelos avós dos sujeitos pesquisados, poderá se refletir nos acontecimentos sempre presentes na vida cotidiana, na preservação da sua cultura.

Para Candau (2011), os membros de uma sociedade têm à sua disposição vários instrumentos para organizar o tempo, e o inventário das informações é incumbido ao historiador ou antropólogo. Já Ricoeur (2007) cita dois capítulos do tratado de Aristóteles, no qual consta que o elo entre os dois é o ato de lembrar: de um lado, a simples lembrança, enquanto a recordação consiste em uma busca ativa. A simples lembrança está sob o agente da impressão, enquanto movimentos e sequências de mudança têm seu princípio em nós. Esse elo é assegurado pela distância temporal. Assim, o ato de lembrar é produzido quando transcorreu um tempo, sendo que, nesse tempo, a recordação percorre.

Pactuo com Ricoeur (2007) que justifica a preferência pela memória por meio da convicção de que o ser humano não tem outro recurso a respeito da referência do passado senão a própria memória. Embora exista o alerta de que poderá haver deficiências devido aos esquecimentos, ela é o único recurso para significar o caráter passado daquilo que a pessoa lembra. Nada há de melhor que a memória para significar algo que aconteceu.

Os entrevistados relataram que ouvem mais os avós e os anciões para poder conhecer como era o passado e transmitir às gerações mais novas esse conhecimento, para que as informações não se percam no tempo. Para eles, não existe o “guardar a informação para

si”): declararam, em suas respostas, que querem repassar as informações aos filhos e também aos que não são filhos, ou seja, ao restante da comunidade.

Para os entrevistados, as conversas são longas e agradáveis, principalmente ao final da tarde, quando saem da escola, ou nos finais de semana, quando têm tempo livre para sentar sem pressa e escutar as histórias vividas, passadas, acontecidas com os avós, na sua infância, na sua juventude, na sua fase adulta, saber como era a aldeia há alguns anos ou ainda saber como era a vida no tempo dos avós, dos anciões, tomando um agradável e gelado tereré<sup>25</sup>, típica bebida de boas vindas em todas as residências da aldeia.

### 3.3. O Percurso Terena, seu território



Bem-te-vi. Fonte Google, 2018

De acordo com a mitologia Terena, o povo Terena pertence à Terra: nela estava quando foi encontrado por um pássaro, dela saiu e passou a fazer parte da humanidade. A terra faz parte de sua identidade. Segundo a mitologia, antigamente não havia gente. O bem-te-vi<sup>26</sup> marcou o lugar e tirou o povo do buraco (um buraco na terra).

Para os indígenas, a natureza nunca foi um recurso natural: faz parte da sua própria natureza. Por essa razão, eles conversam com os animais e com as árvores, clamam aos céus e às estrelas. A natureza faz parte de seu ser. Observei, na pesquisa de campo nas aldeias, essa demonstração no que se refere à natureza.

---

25 Tereré: refresco de mate ou erva-mate (*Ilex paraguariensis*), servido em cuia ou guampa, sorvido com bombilha, e que se distingue do chimarrão por ter água fria em vez de água quente. É bebida característica dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e do Paraguai. De maneira geral, é degustado puro ou com suco de limão, no período da tarde, em reuniões nas calçadas das ruas mais tranquilas das cidades. Nessas reuniões, há apenas uma cuia, que gira de mão em mão.

26 O bem-te-vi é uma ave passeriforme da família dos Tiranídeos. Conhecido também como bem-te-vi-de-coroa e bem-te-vi-verdadeiro, é provavelmente o pássaro mais popular do Brasil, podendo ser encontrado em cidades, matas, árvores à beira d'água, plantações e pastagens. Em regiões densamente florestadas habita margens e praias de rios. <http://www.wikiaves.com.br/bem-te-vi>, acesso em 27.01.17, às 20h.



Árvore da proteção. Fonte Cunha, 2017



Árvore florida. Fonte Cunha, 2018

O cacique Tico Lipú nos mostrou uma árvore enorme na aldeia à qual fez vários pedidos de proteção e com a qual teve conversas sobre os acontecimentos. Nele percebi a certeza de que ela o escutou e que seria atendido.

Rezende<sup>27</sup> (2014), indígena da região de São Gabriel da Cachoeira, cidade do interior do estado do Amazonas, faz, em um poema intitulado Árvores, uma analogia entre as árvores e os seres humanos:

As árvores são vidas,  
 Como nós seres humanos.  
 As árvores são gentes,  
 Como nós seres humanos.  
 Árvores nascem, crescem e morrem,  
 Como nós seres humanos.  
 Possuem pais, mães, avós, parentes,  
 Como nós seres humanos. [...]

Rezende (2014) continua o poema comparando a árvore ao ser humano, sendo que, como tal, sente alegrias e tristezas, como também nasce e vive livre. O autor o finaliza deixando,

---

27 Justino S. Rezende, indígena Utâpinopona-Tuyuka, já citado anteriormente.

nas entrelinhas, que a árvore, assim como o ser humano, merece respeito e que esse respeito à natureza é de suma importância para o indígena, seja ele de qual região for.

De acordo com Santos (1999, p. 34), os indígenas “assim a preservaram [a natureza] preservando-se, sempre que conseguiram escapar à destruição ocidental”. A maior parte da população indígena brasileira mantém-se dentro de seus costumes e culturas, mesmo em áreas demarcadas em espaços considerados pequenos e em contínuos conflitos com políticas brasileiras.

Constatei, nas entrevistas com os anciãos, que pouco falaram sobre o território ou luta pelas terras. Apesar da aparente acomodação, na maioria das vezes, esse espaço não é capaz de suportar a demanda local. Verifiquei que o espaço que habitam, no caso as aldeias urbanas, com o crescimento e a acomodação dos membros das famílias nos moldes tradicionais, de construir suas casas nos fundos das casas dos pais e dos avós, já não existe espaço suficiente para plantações de grande porte, mas apenas plantações a título familiar, de subsistência, e algumas árvores frutíferas e outras para amenizar o sol e o calor.

Nas aldeias Bananal e Limão Verde, o espaço é maior, mas as condições para grandes plantações também não são favoráveis. Para que isso aconteça, é necessária uma ajuda do governo por meio de sementes, equipamentos agrícolas e combustível. Tudo é muito oneroso. Quando recebem esse tipo de ajuda, as plantações são efetivadas. Observei, porém, apenas algumas plantações de mandioca, milho e abóbora na extensão das aldeias, assim como hortas e criação de animais nos fundos dos quintais para alimentação do dia a dia.

No estado do Mato Grosso do Sul, a luta pelas terras tradicionalmente ocupadas pelos Guarani-Kaiowá<sup>28</sup> (com conflitos constantes) é acirrada. De acordo com reportagens exibidas<sup>29</sup>, o conflito entre indígenas e produtores rurais é um problema antigo e longe de se resolver. Segundo a reportagem, a FUNAI pronunciou que essa etnia luta, há décadas, pela regularização fundiária de territórios de ocupação tradicional e informou que a instituição condena “toda e qualquer reação desproporcional embasada em atos de força e de violência contra o povo indígena”.

Nessas lutas, vários índios ficaram feridos ou foram mortos. Várias notícias retratam o conflito entre a etnia e os fazendeiros locais: “O conflito entre indígenas e produtores rurais em Mato Grosso do Sul é um problema antigo e longe de se resolver. Estudos

---

28 Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kaingá, Montes, Baticola, Apyteré, Tembkuá. Sua autodenominação é *Avá*, que significa, em Guarani, “pessoa”. No estado de Mato Grosso do Sul, concentram-se na região da cidade de Dourados e são falantes da língua guarani. Os critérios e a escolha das áreas onde seriam implantados os Pis para os Guarani no MS foram definidos por funcionários do SPI, já que a ótica fundiária do organismo indigenista não respeitou nem considerou padrões étnicos de ocupação do habitat tradicional nem as concepções territoriais dos indígenas. (<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/553> e <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>, acesso em 10 de fevereiro de 2018, às 12h).

29 <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/entenda-o-conflito-entre-indigenas-e-produtores-rurais-no-sul-de-ms16-06-16.html>, acesso em 26 de fevereiro, às 20h.

apontam que a questão fundiária vem se arrastando desde 1880, logo depois da Guerra do Paraguai, com a chegada da Companhia Matte Laranjeira.”<sup>30</sup>

O povo Terena está realizando nova retomada de 3 mil hectares, de um total de 12 mil, da Fazenda Esperança, no município de Aquidauana, a 140 quilômetros da capital Campo Grande. A retomada é uma tentativa de sensibilizar as autoridades para que seus direitos sejam garantidos. A área faz parte da terra indígena Taunay/Ipegue. Conforme a liderança indígena, existem cemitérios e áreas sagradas dos Terena dentro das terras da Fazenda Esperança. No Museu do Índio, no Rio de Janeiro, há um documento, usado nos estudos antropológicos, que atesta a existência de uma aldeia no lugar em que é hoje a Fazenda Esperança. (Notícia do Brasil de Fato)<sup>31</sup>.

Quanto à questão jurídica das terras indígenas, verifiquei que, no histórico jurídico<sup>32</sup> referente aos atos normativos incidentes, consta que, na Terra Indígena Taunay/Ipegue, existe portaria em revisão, decreto homologado, portaria homologada e em revisão, despacho identificado, aprovado, sujeito à contestação, com início no ano de 2000. Existem registros de 7 organizações indígenas na região: Associação das Mulheres da Aldeia Bananal, Associação das Mulheres Indígenas da Aldeia Água Branca, Associação dos Agricultores Terena de Taunay, Associação dos Amigos do Baixadão da Aldeia Ipegue, Associação dos Moradores da Aldeia Ipegue, Associação Indígena Terena dos Apicultores da Aldeia Água Branca e Associação Recreativa Terena de Aquidauana. As principais ameaças relacionadas ao ambiente e à vida dos povos indígenas, riscos potenciais e problemas existentes nas terras são: exploração de recursos e questões fundiárias. A luta é antiga e sem prazo para acabar. Há muitas associações envolvidas, e nada resolvido. O conflito pelas terras é uma batalha que está longe de ser resolvida.

Santos (2001, p. 9) traz uma definição que se adéqua ao pensamento Terena: o chão que o índio pisa faz parte da sua identidade. Para o autor, território não é apenas o “conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas”, mas um “território usado” que é o “chão mais a identidade”. A identidade refere-se ao “sentimento de pertencer”, e território é o “fundamento de trabalho, lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida, [...] onde a história do homem se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Compartilho a ideia do autor no que tange à identidade referir-se a esse sentimento, ao local de residência e partilhas materiais e espirituais. De acordo com sua mitologia, conforme mencionei no início desta subsecção, os Terena são retirados literalmente da terra e a interação com os animais da natureza os faz rir e conversar, revelando sua profícua habilidade agricultora.

Para Gottmann (2012, p.523) território é uma “porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte

---

30 <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/entenda-o-conflito-entre-indigenas-e-produtores-rurais-no-sul-de-ms16-06-16.html> - Acesso em 26.01.17, às 20h30m.

31 <https://www.brasildefato.com.br/node/13082/> - Acesso dia 26.01.17, às 21h.

32 <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3867> - Acesso dia 26.01.17, às 21h30m.



do corpo político organizado sob uma estrutura de governo.” Contrário à expectativa dos indígenas cuja identidade faz parte do chão que vivem.

Andrade (1995) cita que a formação de território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, estabelecendo outro sentido, o da territorialidade, e cria uma consciência de confraternização entre as pessoas ou grupos que povoam determinado espaço físico. Nesse sentido, é fundamental levar em conta as relações entre o espaço, as fronteiras e as representações sobre o território ocupado, adequado à realidade indígena e no qual a harmonia prevalece entre os membros da comunidade, bem como o cuidado não só de suas terras, mas também de seus familiares que habitam o local.

A territorialidade reflete a dimensão territorial pelos membros de uma coletividade, para Raffestin (1993), e os homens vivem, ao mesmo tempo, um processo e um produto territorial por meio de um sistema de relações produtivistas, ou seja, relações de poder inteiradas entre os agentes, uma vez que buscam modificar as relações com a natureza e também as relações sociais.

De acordo com Ricklefs (1996, p. 194), a territorialidade é a defesa de uma área da invasão de outros indivíduos. Assim como os animais, os quais mantêm o território que obtêm, defendendo-o vigorosamente, os humanos também se estabelecem e “uma área defendida contra a invasão de outros pode ser encarada como um território. Isto pode ser transitório ou mais ou menos permanente, dependendo da estabilidade dos recursos e de quanto são necessários para os indivíduos”.

Em se tratando de terras indígenas<sup>33</sup> (TIS), verifiquei que, na Constituição Federal em vigor (Capítulo VIII, Dos Índios, Art. 231) e na legislação específica, Lei Nº 6.001/73, Arts. de 17 a 38, está reconhecido que o habitat<sup>34</sup> de povos tradicionais são as terras por eles ocupadas – e das quais são moradores – desde o início do processo de colonização, por alguns ainda denominado “descobrimento”. A noção de habitat aponta, sob a ótica de Ricklefs (1996), para a necessidade de manutenção de um território dentro do qual um grupo humano, atuando no coletivo, tenha meios de garantir a sua sobrevivência físico-cultural ou a sua territorialidade.

Para atingir os objetivos em relação às terras indígenas no Brasil, a Constituição Federal as enquadrrou como bens sob o domínio da União. O intuito é o de colocar sua defesa diretamente na esfera de atuação do Estado, considerando-a merecedora de cuidados especiais. De acordo com Gallois (2000, p. 10), é indispensável levar em conta múltiplas dimensões e pontos de vista na definição de terras indígenas, frente às categorias jurídicas. Para a autora, quem observa as concepções e as práticas de territorialidades indígenas “verifica enormes variações na maneira como sociedades produzem e controlam seu espaço” e, quando elegem limites, nem sempre correspondem aos definidos pelos

---

33 A Constituição Federal de 1988 conceitua como “terra indígena” as que constituem objeto de “uso ou ocupação tradicional” (isto é, segundo seus usos e costumes) por coletividades indígenas. (BRASIL, 1988)

34 Termo utilizado em ecologia para definir as condições ambientais que determinam a região habitada pela população de determinada espécie. Ecologia é o estudo das interações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente.

critérios jurídicos da sociedade brasileira, resultando em tensas e históricas relações entre povos diversos e de modos de intercâmbio em constante transformação. A autora aponta para as tensões entre território, como espaço geográfico e sob a égide de delimitações políticas nacionais, e essa territorialidade firmada sobre o processo histórico de construção dos significados dos povos indígenas brasileiros.

Cabe frisar que o atual direito dos índios decorre da sua conexão sociocultural com povos pré-colombianos que habitavam no Brasil. Tal direito provém da sobrevivência dos grupos humanos que se identificam por tradições ancestrais e se consideram etnicamente diferenciados de outros segmentos que compõem o ambiente social humano com suas representações. É a esses grupos humanos, os quais muitas vezes foram deslocados para locais distantes de seus territórios tradicionais e raramente tiveram condições de sustentar, que a Constituição Federal (1988) prescreve direitos específicos. Os conflitos entre Estado e a maioria dessas populações ainda exigem muita mobilização social, tanto dos grupos indígenas organizadas quanto de outros segmentos sociais, nacionais e internacionais, envolvidos com a questão.

Taunay (1931), em seus escritos sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870), ressalta a importância das comunidades indígenas para o exército brasileiro, haja vista que os índios atuavam ora como soldados, ora como guias, oferecendo ainda suas aldeias próximo à Serra de Maracaju a servirem de esconderijo para os soldados brasileiros durante a referida guerra. De acordo com Ladeira (2000, p. 29), após o término da Guerra do Paraguai, os Terena começaram a regressar as suas aldeias e, à medida que caminhavam, encontravam as áreas totalmente destruídas durante os combates. Além do sacrifício de sair de sua terra, dos seus afazeres, ficar longe da família, do seu povo, suas terras encontravam-se ocupadas por novos “senhores”, em sua maioria, “oficiais desligados do exército brasileiro ou ainda por comerciantes que, após obterem grandes lucros com a guerra, continuaram na região, montando fazendas de gado, estimulados pelo governo como forma de controlar a fronteira.” Eram terras que ocupavam há muito tempo, como mostra Von den Steinem (apud ALTENFELDER, 1949, p. 279), em 1861, quando menciona que os Terena viviam em pequenos grupos, a 12 km de Miranda.

O fim da Guerra do Paraguai representou, para as sociedades indígenas, o começo de outra batalha. Muitos foram dizimados, muitos ficaram doentes e miseráveis por não possuírem mais a posse sobre os territórios que ocupavam. Ocorreu a desterritorialização e a desorganização do povo Terena. A guerra, com a imposição da participação de vários povos indígenas provenientes da região da bacia do rio Paraguai, foi fundamental para esse trágico acontecimento. Os índios Terena se alinharam ao exército brasileiro, lutando como soldados e por serem agricultores, abasteciam os combatentes com alimentos. Em vista dessa participação, explicam Ladeira e Bittencourt (2000), os Terena reivindicaram, junto às autoridades brasileiras, territórios anteriormente por eles ocupados, estabelecendo assim as primeiras reservas indígenas na região.

Os Terena foram os primeiros a ocupar a região de Miranda, bem como seus primeiros habitantes. Os espanhóis e os portugueses, preocupados em defender seus territórios,

chegaram à procura de ouro ou conquistando terras pela força, passando então a defender suas fronteiras. Os espanhóis tinham preocupação em implantar fazendas de gado e começaram a criação, na esperança de expandirem seus territórios e expulsar os nativos de suas terras naquela região, para caracterizar a posse das terras.

Os colonizadores portugueses buscaram o apoio das comunidades indígenas e construíram fortes, tais como o Forte Coimbra (1775), o Forte Dourado e o Presídio de Miranda (1778). Com isso, garantiram o domínio de seu território e buscaram acordos com os Terena, elaborando leis. Uma dessas leis tratava da proibição da escravização dos indígenas que deveriam viver e aprender a trabalhar como os “brancos” (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000, p. 41). Era indispensável aos portugueses manter a presença dos indígenas como forma de sustentar a posse dos territórios e a conquista de novos povoados. Outra vantagem era a de utilizar a mão-de-obra barata nas fazendas de cana-de-açúcar e criação de gado.

De acordo com Florence (1969), os Terena realizavam comércio no Forte Coimbra oferecendo produtos, tais como redes, panos, batatas, galinhas e porcos, em troca de objetos de metais e tecidos. Essa característica comercial é ainda observada na atualidade, tendo seus descendentes a prática do comércio na cidade de Aquidauana, para onde levam frutas, raízes e utensílios indígenas para comercializarem na desativada Estação Ferroviária do município. Deslocam-se diariamente de ônibus de suas aldeias para comercializar seus produtos. O contato com portugueses, espanhóis e brasileiros contribuiu para que muitos costumes e tradições se transformassem. No entanto, as características do modo de vida foram mantidas e permanecem, a exemplo da língua, da cerâmica, das organizações familiares, entre outras, indicando a resistência do povo Terena com relação ao contato ao longo de todo esse período.

A nação Terena buscava ocupar seu território na região de Miranda por diferentes razões: evitar o contato com outras etnias, a necessidade de sobrevivência e evitar conflitos com os colonizadores espanhóis e portugueses que, naquele período, adentravam a região. Essa situação estava diretamente ligada às questões econômica e territorial, conforme relata Oberg (1990). Nesse contexto, a aldeia Bananal se destacou, pois não era somente um lugar de morada, mas também de relações políticas e de campo cultivado com agricultura de subsistência.

O território Terena e sua territorialidade estão perpassados por lutas sociais e questões político-partidárias de forma que diferentes sentidos estão em construção. Os territórios indígenas foram incorporados como terras devolutas, passando à propriedade do governo imperial brasileiro. Na concepção dos colonizadores, dois tipos distintos de indígenas se manifestavam: os “bravos”, assim rotulados porque defendiam com armas o seu território para conseguirem a posse de suas terras, e os “mansos” que, por não oferecerem resistência, eram expulsos de seus territórios, afirmam Ladeira e Bittencourt (2000).

Os fazendeiros se apropriaram das terras indígenas, expandindo suas propriedades com o objetivo de viabilizarem a criação de gado. Os Terena, quando não exterminados, foram

obrigados a trabalhar em condições de escravidão ou a se dispersarem na região. Assim, distanciaram-se das terras mais férteis, buscando refúgio em áreas mais isoladas, de perfil mais árido e pouco adequadas para o cultivo. (RIBEIRO, 1970)

Rohde (1990), em 1883, evidenciou a importância que os índios Terena tiveram durante a Guerra do Paraguai, principalmente das lideranças denominadas “caciques”. Alguns deles foram recompensados com patentes, como a de alferes, por prestaram bons serviços e terem cooperado com o exército brasileiro. O autor destaca o aumento populacional, em decorrência da migração de diversas partes do Brasil. Mesmo sem alterar a questão das terras indígenas, foi no início desse ciclo de ocupação do sul de Mato Grosso que as áreas ocupadas pelos Terena começaram a ser preservadas pelo Estado. Decretos e atos firmados, ou por meio de resoluções expedidas pelo estado ou pelas câmaras municipais, delimitaram as primeiras “reservas” e datam de 1904-1905.

Ainda em 1905, foi feita a primeira demarcação das terras indígenas, em Cachoeirinha, na região de Miranda. Resultado da luta indígena, essas terras foram demarcadas por Cândido Mariano da Silva Rondon<sup>35</sup>, iniciando as legalizações de outras terras indígenas; desde 1870, aproximadamente, os indígenas reivindicavam suas terras ao governo brasileiro (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

Conforme Ladeira e Bittencourt (2000), com o aumento da população na região de Aquidauana, houve um estímulo para a atividade pecuária, o que contribuiu, ainda mais, para a desterritorialização dos Terena. A sociedade indígena Terena esteve sob relações de poder, muitas vezes desequilibrada, mas foi, ao longo dos anos, fixando-se em seus territórios. Hoje, quase todas as terras dessa região, na qual se inclui a Aldeia Bananal, encontram-se homologadas.

Os Terena, originalmente agricultores, com atividades de caça, pesca e coleta, realizavam uma economia autossuficiente. Com as relações de poder e violências, começaram a fazer parte do sistema latifundiário do sul de Mato Grosso, dependendo economicamente das fazendas, onde começaram a trabalhar periodicamente.

---

35 Concretizou o processo de demarcação das terras indígenas. Mas não foi ele quem começou esse processo e, sim, os próprios índios Terena que, ao reivindicarem os seus territórios de volta, o faziam com base nos serviços que haviam prestado para as autoridades brasileiras (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

## **4. Trabalho de campo realizado**

Iniciei a pesquisa com uma revisão em Bancos de Teses e Dissertações e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, onde quase nada há sobre as perspectivas de vida futura entre os indígenas. Livros, artigos e dissertações referentes às etnias da região, entre outros que contemplam as sociedades indígenas, também utilizei para completar o referencial teórico, tratando de verificar, na cultura indígena Terena, a memória existente, a identidade, como elas se constroem, pois, de acordo com Ricoeur (2010: 37), “o ato de se lembrar produz-se quando transcorreu um tempo. E é esse intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre”. Dos anciões, essa “memória” foi o recurso para mostrar um pouco do passado; para tentar perceber se houve ensinamento transmitido através das gerações ou aprendizagem por meio da simples vivência com os mais velhos.

Para Candau (2011, p. 137), a memória genealógica e familiar ou o “conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma mesma família, observa Halbwachs, participa da identidade particular dessa família.”.

De acordo com Ruth Benedict, em seu livro *Padrões de Cultura* (1934, p. 13), para o “antropologista interessa a conduta humana, não como ela é modelada por uma certa tradição, a nossa tradição, mas como o foi por qualquer tradição, seja ela qual for. Interessa-o a vasta gama de costumes que existe em culturas diferentes”. Mas qual seria o objetivo, então, de estudar essas culturas diferenciadas? A autora relata que o objetivo é compreender o modo como essas culturas se transformam e se diferenciam, “as formas diferentes por que se exprimem e a maneira como os costumes de quaisquer povos funcionam nas vidas dos indivíduos que os compõem”.

### **4.1 Caminhos da pesquisa e resultados da percepção das tensões e conflitos identitários**

Realizei a investigação com 117 alunos indígenas da etnia Terena para verificar como esses alunos entendem a sua identidade e levantar dados sobre as tensões e os conflitos existentes, a partir de questões semiestruturadas. Com base nessas questões, tentei perceber as tensões, olhando dentro da comunidade as dificuldades de ser mantida a identidade Terena perante as necessidades de vida futura e as zonas de conflitos existentes.

Percebi, no primeiro momento, a própria escola como um espaço de tensão, na diferenciação da estrutura física da escola, com cobertura de telhas e paredes de tijolos rebocados, cozinha toda azulejada, banheiros azulejados e extremamente limpos, diferente da estrutura de suas casas, com tijolos sem reboque e, em sua maioria, com piso de chão batido. A cozinha, em muitas residências, é do lado de fora da casa, com fogão a

lenha, às vezes mal conservado e com cobertura precária. O banheiro, em algumas residências, possui apenas um buraco no chão e paredes de lona.

O estudo revelou a dualidade criada por terem professor índio ou não índio, o professor que vem da cidade para ministrar as aulas, sem saber a língua Terena, o conflito de tecer um enredo que se faça compreensível, gerando uma situação de conflitos diferenciados de comunicação e de reconhecimento identitário

Ao aplicar os questionários, para perceber o que cada aluno Terena sabe e valoriza dos seus antepassados, obtive, como resposta, na aldeia do Limão Verde, a identificação eleita a tradição, que envolve a pintura, os rituais, as comidas e os artesanatos, seguida da língua e da dança. O repasse de informações dos mais velhos também foi sinalizado e, entendendo que a cultura pode desaparecer com o tempo, os alunos citaram a língua Terena como defesa, ou seja, em momentos em que não querem que a pessoa saiba o que dizem, falam na língua Terena, sentindo-se protegidos para poder falar o que pensam e o que desejam.

Na Aldeia Bananal, a tradição, envolvendo a dança, a pintura, os rituais, as comidas e os artesanatos, foi citada pela metade dos alunos, e a língua Terena, pela outra metade restante, demonstrando ser um ponto forte na questão indígena da aldeia e pelo fato de quase todos falarem a língua Terena.

Dos 117 alunos, apenas 02 responderam que não têm orgulho na sua etnia. As crianças indígenas, estudantes do 6º ano, não sentem vergonha da língua ou de serem índios. Na sua pureza e inocência, não percebem alguma discriminação, brincam nos intervalos e após as aulas, a maior parte das crianças sempre falando na língua Terena.

O conflito e a discriminação entre brancos e índios existem à medida que o tempo passa e que se tornam adultos, quando disputam espaços na faculdade e na busca pelo emprego, momentos nos quais começam a perceber a violência simbólica que os atinge, pelo fato de pertencerem à comunidade indígena. Alguns relataram que, em determinada ocasião, renegaram a própria etnia. Um exemplo é o relato de Marcos Terena<sup>36</sup> (1990) que cita que a sociedade foi muito dura com ele e, um dia, “quando me chamaram de ‘japonês’, decidi adotar essa identidade, e fiz isso por 14 anos.” Relataram também que, dentro da aldeia, aqueles que não sabem a língua sentem dificuldades nos relacionamentos e convívio com os demais, não sendo considerados como “índios de verdade”. Percebi que a tensão da língua é visível dentro da própria aldeia.

No período das visitas, em um momento em que estava apenas observando a Aldeia Bananal, o seu movimento após as aulas, fiquei embaixo de uma enorme árvore e presenciei várias crianças brincando ao redor da escola. As que eu estava observando falavam na língua Terena, e os adultos ao redor também. No momento em que saíram os

---

36 Mariano Marcos Terena é índio Terena nascido no distrito de Taunay, região de Aquidauana, MS. Foi piloto da FUNAI e um dos fundadores da União das Nações Indígenas (UNI). É escritor e comunicador indígena, tendo escrito vários textos publicados em livros, jornais e revistas de leitura nacional que serviram, inclusive, de base para os vestibulares brasileiros.

maiores da escola, a fala já não era a materna na sua maioria. Alguns caminhavam pela rua de chão batido conversando em português.

Por ter sido uma pesquisa aplicada na escola, o resultado sobre o que as crianças e os adolescentes querem para o futuro talvez não reflita exatamente o que pretendem, pois a grande maioria respondeu que pretende continuar estudando ou que quer se formar.

Podemos pensar que o amanhã possa ser diferente de hoje, pois carregamos conosco o poder de agir, de mudar o nosso amanhã. A ideia da pesquisa não é encontrar um consenso entre as respostas, mas mostrar os conflitos e expor as singularidades dos envolvidos. Os documentos produzidos na pesquisa, em Anexo nesta Tese, permitem reconhecer a complexidade e a variedade dos modos de enfrentar os problemas identitários nas comunidades visitadas.

No que diz respeito aos antepassados, a tradição (pinturas, rituais, comidas, artesanatos) ficou acima da língua que, isoladamente, seria a mais valorizada, seguida da dança e o que aprenderam com os avós, a história repassada. Quanto à questão de se identificar como indígena, a resposta da maioria é que não tem vergonha e que isso não os impede de manter viva a cultura. Pelo contrário, os incentivam mais. Isso contradiz as falas informais e as entrevistas, por meio das quais relataram que, quando se tornam adultos, a violência simbólica está presente e, por vezes, renegam a própria etnia. Como veremos a seguir nos relatos de Marcos Terena.

## **4.2 Análise dos Dados**

Os resultados obtidos com a aplicação do questionário aos alunos da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias da Aldeia Limão Verde (6º ao 9º ano, 90 participantes) e da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos da Aldeia Bananal (do 1º ao 3º ano, 27 participantes) encontram-se disponíveis nos Anexos desta Tese. Cada série da escola pesquisada possui um gráfico, pelo fato de os resultados serem diferentes. Também se encontram disponíveis, nos Anexos, maiores informações a respeito das questões aplicadas, bem como gráficos e tabelas com o resultado final obtido em todas as séries.

Utilizei 06 questões previamente elaboradas a seguir elencadas:

- 1) O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?
- 2) Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?
- 3) Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?
- 4) Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?

- 5) Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?
- 6) O que pretende para o futuro?

#### 4.2.1 Resultados dos questionários aplicados

O resultado a seguir apresentado está relacionado ao final da pesquisa com os alunos das duas aldeias citadas. No que diz respeito à primeira questão, a tradição recebeu 41% das respostas dos alunos, ou seja, o que mais esses alunos sabem e valorizam dos seus antepassados é a cultura. A ela aglutinei a pintura, os rituais, as comidas e os artesanatos por acreditar que constituam o que se trata da tradição Terena.

Para Ferreira (1984, p. 483), a cultura própria de cada povo delimita as suas possibilidades de libertação. A tentativa de destruição dos povos colonizados e a imposição do colonizador como superior são partes integrantes do processo de colonização e luta anticolonial. Concordo com o autor, quando relata sobre africanos e indígenas, essencialmente com relação aos indígenas, que o colonizador não conseguiu quebrar a sua cultura e, muito menos, impor a sua como superior. Para o autor, a função da cultura é uma arma de libertação e está ligada à procura da identidade do próprio povo, quando o grupo se torna consciente de que possui uma identidade histórica, linguística e geográfica comum.

É possível inferir e dizer que não existe apenas uma cultura indígena, mas várias, pois cada povo desenvolveu suas próprias tradições. Para Hall (p. 89, 2011) as pessoas tem fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições. “Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente sua identidade”. De acordo com o *site* Toda Matéria (2017), cultura é o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social, representando o “patrimônio social de um grupo e a soma de padrões dos comportamentos humanos, possui um caráter simbólico, é um conjunto de saberes, comportamentos e modos de fazer, é adquirida por meio das relações sociais de um grupo” e finaliza com a transmissão às gerações posteriores.

A segunda questão complementa as respostas da primeira, pois está relacionada à cultura do povo Terena: 27,35 % dos alunos responderam que, por saberem que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, aprender a Língua Terena pode evitar isso. Verifiquei, em todas as aldeias, a preocupação em saber falar a língua, em ser um “índio de verdade” que não só fale a língua de seu povo, mas que também a compreenda.

Verifiquei as crianças sorridentes e falantes da língua, sentindo-se à vontade entre seus companheiros de brincadeira, e os mais velhos, ao redor, também falando a língua e observando as crianças. Percebi, conforme o que comentaram nas conversas informais, que aquele que não sabe falar a língua nativa não é considerado um índio autêntico. Daí



surge a importância de aprender e falar a língua, mesmo sem saber escrever. O importante é se comunicar em momentos que julgam ser necessários. Quando precisam tomar alguma decisão, por exemplo, se protegem e decidem o que fazer na língua que conhecem.

A terceira questão estava relacionada à existência de conflito, interno ou externo, tais como vergonha ou *bullying*, ao se identificar como indígena Terena. Em sua maioria, os indígenas que responderam ao questionário afirmaram que não sentem vergonha ou que não sofreram *bullying*. Entretanto, considerando que as respostas foram dadas por crianças e jovens das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, cabe refletir que a inocência da criança, à medida que esta cresce, vai se perdendo com o tempo, e ela começa a perceber que existe discriminação no que se refere à etnia indígena.

O adolescente, por sua vez, se confronta com as exigências do meio social e percebe o domínio dos acontecimentos externos (sociais) e internos (psicológicos). Assim, percebe como é difícil fazer uma opção, manter-se naquilo que julga um atraso à sua evolução ou integrar-se a um meio sedutor, com metas próximas ou futuras satisfações, mas que não se assemelha ao ambiente familiar. (QUINTAS, 1979, p. 4).

Embora haja casos em que sejam reconhecidas as diferenças entre os que são culturalmente diferentes, ao se tratar de tomar providências consideradas apropriadas, existe sempre o perigo de que essas providências não sejam as esperadas e sejam tratadas como racismo face ao domínio privado (REX, 1987, p. 201).

Argumentar que “eles são diferentes” e que não é cabível esperar que tenham as mesmas facilidades que os que não são indígenas têm é uma atitude que não é compatível com uma política de igualdade de oportunidades. Esse sentimento de “diferentes” aparece claramente no relato da trajetória de vida de Marcos Terena (1990):

Quando tinha nove anos, fui levado a conhecer o mundo, a civilização do homem branco. Era preciso ler, escrever e falar o português. Um dia, a professora me pôs de castigo, não sabia por que, mas obedeci. Me colocaram de joelhos e fui proibido de sair para o recreio. Fiquei olhando para o quadro negro e de costas para a sala. Quando meus colegas entraram, todos morreram de rir. Não sabia o motivo, mas sentia-me orgulhoso por fazê-los felizes. Eles riam porque haviam descoberto meu segredo: meu sapato não tinha sola, apenas um grande buraco, amarrado por pequenos pedaços de arame. Naquele momento porém, sem querer, acabei descobrindo um dos segredos da civilização: suas crianças não eram apenas crianças. Uma palavra, apenas uma palavra as separava uma das outras: pobreza. (REVISTA TERRA INDÍGENA, 1990, p. 5).

Para conhecer a civilização do homem branco, era necessário ler, escrever e falar o português. Em sua simplicidade, em sua alma ingênua, Marcos Terena ficou feliz e orgulhoso por fazer seus colegas rirem e se sentirem felizes. Mas descobriu, em meio a esses sentimentos, a discriminação das crianças quanto à civilização. Em sua civilidade,

riram de um colega menos favorecido. Acredito que esse fato tenha marcado profundamente o autor, que fez esse relato aos 36 anos de idade e que, anos após, como já citado anteriormente, adotou a identidade de japonês por 14 anos.

A quarta questão deveria ser respondida apenas por aqueles que responderam sim à questão anterior. Porém, todos responderam, e a maioria assinalou que a vergonha ou o *bullying* não os impede de manter a cultura viva, mas que os incentiva mais. Pude presenciar, em suas falas, que se orgulham em ser Terena, em serem índios e que não admitem o *bullying*, embora exista entre eles, como, por exemplo, com os que não sabem a língua. Nesse caso da língua, considero que seja uma forma branda de *bullying* existente na escola, contrária à existente em algumas etnias cujos indígenas que saem das aldeias para estudar com os “brancos civilizados”. Eis, a seguir, um relato de um indígena da etnia Guaranis-Kaiowá, da região da cidade de Antonio João, MS:

O *bullying* se transformou em discriminação aberta dia 27/02, quando um grupo de 28 colegas do primeiro ano recusou-se a estudar na sala com oito colegas índios. Diziam que eles cheiravam mal. O diretor decidiu que a classe inteira deveria estudar no pátio e sugeriu que o grupo de índios comprasse desodorante: Se não têm dinheiro para isso, passem na minha sala que providencio!, disse, segundo as crianças da aldeia. Hoje, apenas três indígenas vão às aulas. A exclusão na escola reproduz a exclusão social. Antônio João fica na região de Dourados, notável pela violação aos direitos indígenas. (ALMEIDA e SILVA, 2018)

O indígena sente-se fora do grupo. É um sentimento de não aceitação, não pertencimento e, como não dizer, de profunda tristeza pelo fato ocorrido. Como superar os problemas decorrentes, como suportar esses momentos se o próprio ambiente escolar não consegue combater o *bullying* e atuar dignamente? O próprio diretor da escola não soube conduzir a situação, apenas agravando um pouco mais a triste experiência dos indígenas na escola.

Percebi, nas aldeias Terena pesquisadas, o *bullying* entre seus membros falantes e não falantes da língua Terena. Mas, ainda assim, existe a preocupação em preservar a cultura local, pois nada os impede de manter viva a sua cultura. Na tentativa da preservação, diversas maneiras aparecem, desde a publicação de um simples cartaz no quadro mural da escola, um ajudar o outro, evitar brigas, até gerar mais filhos, ainda que não acreditem que a cultura possa desaparecer, pois existe um conjunto de características comuns que os diferenciam dos demais povos.

Na quinta questão, relacionada ao sentimento de orgulho pela etnia, as respostas, em sua quase totalidade, foram positivas, pois apenas dois alunos disseram que não têm orgulho da sua etnia. A grande maioria dos indígenas sente orgulho. Percebi também que eles estão sendo mais valorizados pelo governo, recebendo cotas indígenas na universidade,

cotas em concursos públicos, bolsas indígenas, etc. Assim, podem estudar, participar da administração pública e se sobressair, mostrar o seu potencial.

Para Rex (1987, p. 207), numa sociedade multicultural, o ideal de todas as culturas é que venham “a partilhar um núcleo comum que impede a humilhação seja de quem for, por causa de sua origem cultural”. Isso dará oportunidades para que essa sociedade possa crescer, sem ser humilhada pela sua origem, o que reforça o pensamento de que o governo está valorizando e apoiando as questões indígenas relacionadas, principalmente, aos estudos e ao trabalho.

Lévi-Strauss (2006, p. 13) aponta que se está, primeiro, em presença de sociedades justapostas no espaço, “umas ao lado das outras, umas próximas, outras mais afastadas, mas afinal, contemporâneas” e que isso não impede que os indígenas tenham orgulho da sua etnia ou que apenas sejam lembrados no Dia do Índio. Dubar (2006, p. 4) alerta sobre a necessidade de escutar o que os indivíduos dizem, que “se observe o que eles fazem e, sobretudo, que se compreenda os seus contextos de vida”, pois isso é mais relevante do que analisar as pertencas sociais.

Na sexta e última questão, perguntei sobre o futuro, o que os indígenas pretendem. Como já mencionei anteriormente, é possível que essa questão tenha sido prejudicada pelo fato de que foi respondida dentro da escola, nas salas de aula. Mas, por outro lado, observei a preocupação dos alunos de verem a necessidade de uma profissão, pois apenas plantar, colher e vender somente para subsistência não seja, talvez, o suficiente para a sua satisfação pessoal. Almejam se sobressair, ter bens de consumo em suas residências, ou ainda, roupas mais elaboradas. É evidente, conforme Rex (1987, p. 201), que a educação “é uma esfera onde a distinção entre o que é necessário para uma sociedade largamente secular e o que é necessário do ponto de vista da conservação da cultura e da tradição de uma comunidade minoritária é muito difícil estabelecer”.

Compartilho o pensamento de Giddens (2001) sobre o extremo dinamismo da modernidade, que anda em ritmo muito acelerado e que esse ritmo é muito mais rápido do que em qualquer outro sistema anterior, afetando práticas sociais e os modos de comportamentos preexistentes. Quando, no conforto do seu lar, ao assistirem, na televisão, às propagandas com bens de consumo possíveis de serem adquiridos e sem profissão definida ou sem emprego, é claro que esses indígenas sentem vontade de adquirir tais bens ou viajar, conhecer o mundo, sair da sua aldeia e procurar novos horizontes. Daí a suposição de que, se tiver uma profissão, o mundo ficará mais leve e poderá correr atrás dos seus sonhos.





Aldeia Limão Verde: Cunha, 2016

## Secção II



## **1. A arte estampada na identidade indígena Terena**

Ao tratar do tema arte e a educação artística, verifiquei que, ao retratar a identidade Terena, ela surge, em suas mais diversas formas, tanto na dança como na pintura corporal. Percebi que a identidade não é fixa, ou seja, os sujeitos pesquisados, ao longo das suas respostas ao questionário, assumiram diferentes posicionamentos no que se refere à sua representação, e a arte e a educação artística apareceram em várias facetas da identidade. Cada aldeia, nas respostas dadas durante a pesquisa, elegeu o mais significativo da sua identidade. Ainda assim, em determinados momentos, como, por exemplo, na Aldeia Limão Verde, de acordo com a faixa etária, a escolha foi diferenciada, não sendo escolhida uma representação única da identidade Terena.

Embora a identidade se manifeste em casa, muito condicionada pelos ensinamentos dos pais, e na escola, os valores se diversificam. No caso dos alunos do 6º Ano, uma manifestação da arte apontada foi a dança, vista como a mais importante e significativa. À medida que os jovens e os adolescentes crescem, outros valores surgem. Nos 7ºs Anos (A e B), por exemplo, os alunos afirmaram que o que aprenderam com os avós é muito importante: o respeito e o orgulho pela etnia, o repasse do que aprenderam com os anciões. Além disso, aprender a língua, para eles, vai se tornando fundamental. Surge, assim, uma identidade fragmentada. São identidades diferentes em diferentes momentos.

Quanto aos alunos do Ensino Médio, metade deles (no caso 15 alunos, pois houve mais de uma resposta que foi considerada) apontou que o que mais valoriza dos seus antepassados é a língua, e a outra metade, a tradição, a dança, a pintura, os rituais, as comidas e o artesanato.

A seguir, perante os resultados do estudo que promovi e as observações realizadas, me permito apresentar a arte Terena, ou seja, a identidade Terena fragmentada, mas tecida e enlaçada em todos os momentos da vida Terena, em toda sua cultura: a pintura corporal, a cerâmica, a língua, as danças, a tecelagem, o trançado de palha e a arte nas escolas; como é tratada a arte na escola da Aldeia Bananal, na escola da Aldeia Limão Verde, na Aldeia Tico Lipú e na escola da Aldeia Aldeinha de Anastácio.

### **1.1. O que é arte?**

Em seu livro "O que é a arte?", Abel Salazar (1940) faz uma reflexão sobre a definição de arte e conclui que, para defini-la, é preciso definir a vida, sendo impossível uma definição exata sobre vida e sobre arte. Admiro o posicionamento do autor e com ele compactuo, pois definir algo muito subjetivo e defender uma proposição evidencia o conceito que temos dela: um conceito pessoal e aberto a diversos olhares.

No índio, vemos a arte estampada em sua pele, seus desenhos geometricamente pintados com galhos finos, penas e sumo de jenipapo. Olhamos, admiramos e falamos: que bela arte. Para ele, cada traço, cada risco tem um significado, um agradecimento, um pedido e

assim por diante. Em sua manifestação artística e expressiva leveza de se enfeitar e apresentar uma dança de passos elaborados, ele sabe que o seu desenho, a sua dança é arte? Ou isso é apenas um fato inquietante em nossa tentativa de uma definição, de um formalismo?

Para Salazar (1940), a arte é emoção. No desenho, as linhas têm propriedades emotivas e cada forma de linha corresponde a uma carga emotiva, positiva ou negativa, na qual cada um procura a forma que mais intimamente lhe corresponde. Para o autor, o artista, ao criar uma obra de arte, não tem outra finalidade que não seja o próprio ato da criação. Com a obra realizada, ele realiza-se simplesmente e segue a necessidade de outra realização.

A arte encontra um amplo motivo para se inspirar no passar das estações, cada uma com sua especificidade, no sol intenso, na chuva, no frio, bem como na paisagem na sua múltipla variedade em conjunto com seus animais. Nada escapa aos olhos observadores daquele que pinta, que faz cerâmica, que tece, que trança a palha, que copia o passo de dança. É o seu limite realista que encontra um amplo motivo para se inspirar. Essa harmonia não pertence a toda gente.

A título de informação sobre a arte indígena nas comunidades indígenas, recorri ao Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) para verificar como o conceito de arte o integra. O conceito não está expresso especificamente, mas o Referencial (BRASIL, 1998) deixa claro que a arte está presente em vários momentos da vida dos indígenas – nos rituais, na pintura corporal, na cerâmica, na língua, nas danças, na tecelagem, no trançado de palha, na produção de alimentos, nos locais de moradia, nas práticas guerreiras – e expressam aspectos da própria organização social. Assim consta nos RCNEI (BRASIL, 1998, p. 288): “As produções artísticas se constroem a partir de valores, regras, estilos, conhecimentos técnicos, materiais e concepções estéticas distintas em cada povo”. É um dos elementos importantes na formação de identidades específicas, e essas expressões artísticas podem representar o repasse de informações por meio da memória e dizem respeito à história do seu povo. Entretanto, a arte é elaborada e reelaborada ao longo do tempo e é a demonstração da cultura dos povos indígenas.

## **1.2. A legislação indígena e a arte**

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998) foi elaborado pela necessidade da construção curricular liberta das formalidades rígidas de planos e programas estatísticos, pautado na dinâmica da realidade concreta e na experiência educativa vivida pelos alunos e professores. Propõe-se a subsidiar e apoiar os professores indígenas na tarefa de invenção e reinvenção contínua de suas práticas escolares.

Recorri às legislações pertinentes aos indígenas para que pudesse ter claro o seu significado e apoio. O Parecer Nº 14/99, do Conselho Nacional de Educação e Câmara



da Educação Básica (CNE/CEB), inicia conceituando o termo Educação Indígena como um processo próprio e particular que garante a sobrevivência e a reprodução dos aprendizados do grupo, a vivência diária dos índios com suas comunidades. (BRASIL, 1999) Segundo o Parecer, a comunidade é responsável por fazer com que as crianças deem continuidade aos valores considerados fundamentais, por meio da transmissão de seus conhecimentos e saberes pela oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração. É um processo educativo próprio das sociedades indígenas.

O Parecer ainda salienta que essa educação assumiu diferentes facetas ao longo da história pelo movimento de imposição de “modelos educacionais aos povos indígenas, através da dominação, da negação de identidades, da integração e da homogeneização cultural” (BRASIL, 1999, p. 3). Reconhece que a educação esteve pautada na catequização, civilização e integração forçada dos índios à sociedade nacional. Ressalta que o que sempre aconteceu foram a negação da diferença existente e a tentativa de transformar os povos indígenas em algo diferente do que eram, impondo valores alheios e negando sua identidade e cultura diferenciadas.

Para ilustrar a educação indígena diferenciada na escola, a professora Maria Alexandra, professora concursada do quadro da Prefeitura Municipal de Aquidauana, desenvolve projetos em várias séries.

“O tema é reafirmando a identidade: identidade pessoal e cada professor trabalha um subtema dentro da sua área (português, matemática, etc.). O tempo do projeto depende do combinado entre os professores, pode ser bimestral ou semestral e também é utilizado temas transversais. O projeto iniciou em 2012 e todo ano tem um projeto diferente, para o ano de 2018, será sobre a língua materna, mas depende de outras ideias, dos demais professores. O projeto está sendo trabalhado na Escola Municipal Indígena Polo Feliciano Pio, da Educação Infantil ao 9º ano, onde todos os professores da escola participam.” (163 : 2016)

A Constituição de 1988 assegurou o direito das sociedades indígenas a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, que vem sendo regulamentado por meio de vários textos legais, pois, “Afim, não foram os índios que invadiram o Brasil... Suas tradições, seus costumes, seu habitat e, especialmente sua língua são os autóctones. A ‘gens’ indígena é aquela verdadeira, original e primeira nas terras ‘Brasílicas’.” (BRASIL, 1988, p. 4).

Segundo o Art. 78 da LDBN No 9.394 (BRASIL, 1996), a educação escolar para os povos indígenas dever ser ofertada intercultural e bilíngue para proporcionar a eles a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas, bem

como a valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pelas sociedades indígenas e não índias. Porém, ainda há muito a ser feito e construído no que se refere à oferta de uma educação escolar de qualidade para os povos indígenas.

A Resolução CEB Nº 3, de 10 de novembro de 1999 (BRASIL, 1999), fixa diretrizes nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Em seu Art. 5º, Parágrafo IV, preceitua que os conteúdos curriculares sejam especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do saber e da cultura indígena. Na realidade, contudo, esses conteúdos são mesclados com a cultura branca, e os seus projetos pedagógicos, em sua maior parte, são elaborados sem a presença dos indígenas interessados. Da mesma forma, nem sempre ocorre a produção de material didático específico e diferenciado, destinado às escolas indígenas com o apoio da União e do estado, previsto na referida Resolução. Prover as escolas indígenas de recursos humanos, materiais e financeiros para o seu pleno funcionamento não acontece, de fato, nas escolas estaduais, o que dizer nas escolas indígenas.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), as experiências e as referências adquiridas pelo ensino da arte atuam positivamente sobre os alunos, aumentando-lhes o sentimento de pertencerem a determinado povo e contribuindo para a construção de identidades. O professor não precisa obedecer à risca o que o RCNEI sugere, mas escolher, entre as sugestões, o que melhor se afine à capacidade de compreensão e ao desempenho técnico dos alunos, ao seu interesse e motivação e ainda às tendências artísticas da sociedade envolvida.

A arte, conforme o RCNEI (BRASIL, 1998), está presente em todas as culturas do mundo: nas culturas que existem hoje ou que existiram em tempos passados. Desde épocas mais antigas, os povos cantavam, dançavam e produziam pinturas, gravações e esculturas. As formas de expressão e comunicação da arte, assim como sua função e significado, foram se modificando ao longo dos anos, porque a cultura dos povos também se transformou. Os povos indígenas se diferenciam entre si e das demais culturas pela maneira de realizar suas festas, de fazer música, de construir a casa, de explicar sua origem, de relacionar-se com a natureza e com o mundo sobrenatural. No período de cerimônias e rituais nas aldeias, a arte ganha refinamento, são realçados os aspectos simbólicos, há a exposição na música, na dança, no canto, na pintura do corpo, nos adornos corporais e em outros objetos. Se surgirem mudanças, elas poderão provocar o desaparecimento de certas manifestações artísticas e também podem trazer outros elementos que possuam uma estreita relação com o modo de vida atual de um indivíduo, de uma família ou de uma comunidade.

### 1.3. Fragmentos da identidade Terena

Como argumenta Hall (2011), a globalização, com suas características temporais e espaciais, tem efeito sobre as identidades culturais e está enraizada na modernidade. Com a aceleração dos processos globais, se “sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas” e é provável que ela “vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas ‘identificações locais’” (HALL, 2011, p. 78). Esse impacto sobre a identidade também afeta o sistema de representação, ou seja, a escrita, a pintura, o desenho e a simbolização por meio da arte.

Os fragmentos da identidade Terena podem ser encaixados em um conceito de Hall (2011), segundo o qual pessoas foram dispersadas de sua terra natal, mas retêm fortes vínculos com sua origem e suas tradições. As pessoas são obrigadas a negociar com novas culturas, mas sem perder sua identidade, carregam seus traços de cultura, tradições e linguagens. A diferença é que nunca serão unificadas ao velho sentido. Elas devem aprender a habitar “duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 2011, p. 90), exatamente como acontece com a etnia Terena.

Por meio da pintura corporal, da cerâmica, da língua, das danças, da tecelagem, do trançado de palhas e das conversas com os pais e com os anciões, os fragmentos dos Terena são distribuídos. Esses fragmentos são repassados sem que os indígenas percebam, sem que notem algo diferente, mas algo que acontece naturalmente entre eles.

Os pais, falantes da língua materna, repassam, por meio da oralidade, elementos da identidade Terena. Desde o nascimento de seus filhos, eles os educam, ensinam o labor com a terra, como dela extrair o melhor – o alimento para seu sustento – ou a maneira de extrair o barro para utilizar na cerâmica. De acordo com Rezende (2014, p. 1), os avós construíram muitos saberes que sustentaram e sustentam suas culturas: “nossos avós ensinavam todos esses saberes cotidianamente e nas grandes festas.” Como eles ensinavam? me pergunto. “Nos ensinavam falando-mostrando-fazendo e aprendemos ouvindo-vendo-fazendo”, responde Rezende (2014, p. 1). O ensinamento de respeitar os mais velhos e escutar atentamente suas histórias, como também de prestar atenção no fazer, faz diferença, pois, no futuro, passarão a seus filhos ou amigos da comunidade esses ensinamentos. Os mais jovens admiram e respeitam os mais velhos, valorizam todos os conselhos repassados, seus rituais, seus cantos, suas danças, suas comidas, seus artesanatos. É uma fonte inesgotável de ensinamentos, de experiências, de saberes.

O contato com a natureza é fundamental. Dela sairão os elementos para a pintura corporal, a argila para a cerâmica, o fio de algodão, as fibras a serem tecidas. Deve ser respeitada e preservada, pois está interligada às suas mitologias, à sua vida. Deve, portanto, ser protegida. À medida que crescem, as crianças indígenas aprendem a língua, os costumes, as crenças e as tradições. Aprendem a conviver com seu povo, com respeito e harmonia, principalmente com os anciões.

Vivem e vibram com a dança. A língua se faz urgente; a pintura corporal é necessária aos ritos; a cerâmica, principalmente nos potes de água fresca, encontra-se em local de destaque na sala; aprender os costumes dos antepassados e contar com a preocupação atual das escolas em resgatar a identidade Terena, seja a língua, seja a dança, é imprescindível. O que vale é a tentativa de reforçar a identidade, de deixá-la forte e fechada a novas investidas dos brancos que se fazem presentes por meio da globalização.

É fundamental que os indígenas vivam em comunidade para preservar suas culturas, suas crenças, suas danças e tradições. Em todos os questionários efetuados, o traço de identidade mais forte e citado em todas as aldeias foi a preocupação com a preservação da língua para se protegerem com uma fala diferenciada, tornando-os fortes.

O pai e a mãe orientam sobre o que é bom e o que é ruim. Os primeiros passos da língua as crianças aprendem com os que são falantes da língua, além de que observam as danças, a natureza, com seus animais exuberantes, e a importância de preservá-los. A proteção e o cuidado com os filhos são evidentes. A obediência – conquistada por meio da fala, de olhares, não de castigos nem de surras – deve se estender além dos pais, ou seja, os mais jovens devem obedecer aos mais velhos.

O cuidado que existe na comunidade entre seus moradores é fascinante. Todos são irmãos e devem se proteger mutuamente: ninguém atravessa um quintal sem que tenha uma pessoa a olhar. Na escola, todos são conhecidos, todos reconhecem o pai, o avô, a tia, etc. uns dos outros, e o relacionamento entre alunos, professores, diretor e coordenador é importante e tranquilo. Todos participam do processo de aprendizagem para contribuir com a aldeia e ser capaz de protegê-la no futuro. Na escola, todos valorizam sua história, sua identidade. Na escola e em casa, aprendem que a identidade do índio é a dança, é a língua.

Concordo com o pensamento de Rezende (2014, p. 1) quando cita que os pais e os avós são “pessoas conhecedoras dos fundamentos da educação de seu povo, possuem suas filosofias de vida, construíram suas próprias teorias de conhecimento e práticas de vida, os conhecimentos indígenas”. Os conhecimentos, próprios de sua cultura e adquiridos ao longo dos tempos, são organizados e, de acordo com o autor, transmitidos de forma organizada e diferenciada “para crianças, jovens, meninas, meninos e adultos”. (REZENDE, 2014, p. 1) Vale salientar, no entanto, que, na cultura indígena, a escola é importante, visto que é na escola que o aluno indígena aprenderá e, quando terminar os estudos nela oferecidos, seguirá rumo à cidade para novos estudos, fazer uma faculdade e, depois, retornar para dar sua parcela de contribuição aos que ficaram.

#### **1.4. A pintura corporal**

Os Terena não utilizam a pintura corporal no dia a dia, apenas em cerimônias, em momentos de disputa territorial ou ao serem solicitados para algum evento.

Principalmente no Dia do Índio, os indígenas se preparam para o evento com pinturas corporais e cocares. A cor da tinta utilizada reflete o estado de espírito e o ânimo. Na guerra, a cor preta; o branco, paz; o vermelho também poderá ser utilizado. Nas danças, as cores se mesclam.



Índio Terena com pintura corporal. Fonte Marcos Quinhonez, 2006



Pintura com jenipapo. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

Apesar de atualmente não serem reconhecidos pela pintura corporal, por ter, de certo modo, caído em desuso, o seu uso constitui-se como uma evidência na história do povo

Terena, segundo relatos de Castelnau<sup>37</sup>. Da publicação de Kalervo Oberg<sup>38</sup> consta que Castelnau esteve, segundo o autor, nas aldeias no período de 1845 e que os índios, homens e mulheres, tinham o hábito de cobrir seus corpos com desenhos singulares, semelhantes aos dos Guaicurus. “Seus desenhos são muitas vezes extremamente delicados e representam uma harmonia e delicadeza que não é possível de modo algum descrever” (OBERG, 1990, p. 27).

Ainda com relação às pinturas corporais, Castelnau, citado por Oberg (1990, p. 28), acrescenta:

[...] há uma mulher que está cobrindo o corpo de seu marido com desenhos delicados, ou mesmo um indivíduo pintando a si próprio. A pintura é feita com uma varinha que é imersa numa vasilha com uma mistura de carvão e jenipapo. Algumas vezes eles usam um verdadeiro carimbo para imprimir uma figura na pele. Um de nossos companheiros não pôde resistir ao desejo de uma mulher ‘fazer dele um índio’, como eles diziam, e imediatamente o seu braço foi coberto com encantadoras e coloridas figuras triangulares, formando ângulos de tamanho decrescente.

Após a expedição de Castelnau, em 1845, quase 40 anos depois, agora com relatos de Richard Rohde<sup>39</sup>, que dirigiu uma missão científica entre 1883 e 1884, quando visitou seis aldeias Terena, os habitantes das aldeias se diferenciavam pouco: “Moças e mulheres pintam o rosto com cor negra, enquanto os homens só se adornam assim nas festas”. (RHODE, 1885, p. 13)

A descrição feita por Altenfelder, em suas observações, quando esteve na aldeia no ano 1946, após 60 anos da expedição de Rohde, já não encontra indígenas com pintura corporal e cita apenas que a pintura do corpo era indispensável nas danças e festas e que a maneira de efetuar as pinturas era com riscas. (ALTENFELDER, 1949).

Ainda segundo o autor, eram riscas em branco e preto, com jenipapo e carvão vegetal. Também utilizavam uma semente vermelha chamada urucum. O processo de preparação da tinta consistia em ralar a fruta com as sementes, coar e misturar com outros pigmentos, como o carvão, para intensificar a cor.

---

37 Segundo citação de Oberg, a publicação de Castelnau é de 1850-59, vol. 2, p. 391.

38 Trecho traduzido e publicado na Revista Terra Indígena, Centro de Estudos Indígenas da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Araraquara, SP.

39 Richard Rohde dirigiu uma missão científica, pelo Museu de Berlim. Einige Notizen über den Indianerstamm der Terenos, In: Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin. Berlin, vol. XX: 404-409, 1885. Tradução S. M. S. Carvalho.



Pintura facial masculina. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006



Pintura facial feminina. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

A pintura corporal continua indispensável na participação das festas realizadas, e o procedimento de pintura com jenipapo, carvão e urucum permanece o mesmo, assim como o graveto ou pequeno pincel de penas para efetuar os desenhos.

## 1.5 A cerâmica

Em expedição nas aldeias no ano de 1883, Rohde percebeu várias louças de barro, de todos os tamanhos e formas, depositadas no chão ou penduradas. Observou o processo de fabricação da cerâmica e relatou que

Os Terenos são também muito habilidosos e desenvolveram para isso um gosto todo especial. A fabricação é muito simples e sem qualquer instrumental. O ceramista se ajoelha no chão duro, pisado e liso; a seu lado está um monte de barro duro, do qual ele pega um pedaço que amassa em forma de bola, depois estica formando um rolo comprido e faz dele um anel. Tais anéis ele coloca um encima do outro, apertando e alisando com as mãos o vasilhame que vai se construindo dessa forma, até que tenha a forma certa. Quando a peça está pronta, faz-se incisões no barro ainda mole, com uma corda, formando o motivo, é deixado depois secar ao sol por uns dias e depois cozido de maneira muito simples. Cobrem-se as peças com madeira seca, que depois é acesa. Depois de algumas horas a louça é retirada, e se pinta o modelo com a resina de pau-santo, com a peça ainda em brasa. Mais tarde, quando a louça já estiver esfriada, o desenho é terminado com as cores vermelha e branca. (ROHDE, 1990, p.14)

O autor ainda descreveu que todas as casas possuíam peças de barro de todas as formas e tamanhos, com finalidades imagináveis e que homens e mulheres as confeccionavam, mas o modelo e a pintura ficavam a cargo da mulher.

Quando Altenfelder esteve nas aldeias no ano de 1946, verificou que os Terena conheciam e empregavam o processo de espirais de argila para fabricação dos potes, recipientes utilitários, como pratos e panelas de cor vermelha; esses objetos eram devidamente ornamentados com desenhos brancos e pretos. Os vasos e os potes eram cozidos após serem pintados com resina de jatobá. (ALTENFELDER, 1949, p. 295)

Ladeira (2000) relata que, nas casas dos antigos Terena, havia muitos objetos de cerâmica e que a fabricação era feita por homens e mulheres. A técnica permaneceu a mesma até os dias atuais.

A produção cerâmica Terena é encontrada na Aldeia Cachoeirinha e, nos dias atuais, o processo artesanal utilizado é o mesmo de 1946, quando Altenfelder pesquisou aldeias da região. Algumas aldeias continuam com o fabrico das cerâmicas para vender nas cidades próximas e utilizar em suas vidas e afazeres diários. No caso das aldeias pesquisadas, nenhuma utiliza a técnica da cerâmica.

A cerâmica Terena continua como em 1883. É identificada pela coloração avermelhada e com bordados desenhados em tons brancos.





Cerâmica Terena. Fonte: google, 2018



Cerâmica Terena. Fonte: google, 2018

Ficou para a mulher a arte de confecção, desde a busca do barro até a sua comercialização. Após a coleta do barro, que pode ter o auxílio da família, em função do peso a carregar, o barro é limpo, isto é, são retiradas as “pedrinhas”, os gravetos e outros resíduos.

A essa massa é misturado um pó de cerâmica já queimada, em quantidade menor, para garantir a qualidade das peças. No processo, as peças que se quebrarem serão reaproveitadas para futura mistura com a argila e nova produção de peças.

As mãos devem estar limpas, sem vestígios de suor ou gordura, pois podem prejudicar e trincar as peças. Ainda úmidas, são alisadas e polidas com pedras lisas ou pedaços de madeira. Após o polimento, são pintados os desenhos com pigmentos de argila e água.

Os motivos dependem das mãos dos artistas, podendo ser flores, animais, etc. e são pintados com pincéis improvisados de pena. As peças seguem, então, para o sol, para secar, processo que pode durar até uma semana.

Após a secagem, vem o processo de queima: as peças são arrumadas delicadamente sobre um suporte de vergalhões, em buracos nos quintais das casas. A lenha deve ser seca, e o fogo permanecer aceso pelo menos por uma hora.

Pouca ou muita lenha dependerá do tamanho das peças. Folhas e fumaça podem comprometer a qualidade, devendo a atenção ser redobrada nesse momento. Da forma descrita, peças utilitárias para o dia a dia e peças para comercialização são elaboradas, queimadas, pintadas e, posteriormente, utilizadas e vendidas.

De acordo com Willey (1987), após o advento dos europeus, o declínio das culturas nativas foi acompanhado pelo declínio da arte cerâmica, principalmente com as peças de cerimônias, mais ornadas, havendo a substituição das religiões indígenas pelo Cristianismo.

Após a desagregação cultural, a cerâmica deixou de ser uma importante expressão artística, religiosa ou mitológica. Para o autor, houve uma reversão nos produtos feitos para troca com os europeus. Vendidos como curiosidades, os produtos se constituíram em um renascimento turístico marcado por uma qualidade superficial, de imitações, longe dos padrões antigos.

O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, pelo Decreto N° 12.847, de 16 de novembro de 2009 (MATO GROSSO DO SUL, 2009), reconheceu a cerâmica Terena como patrimônio imaterial histórico, artístico e cultural, sendo o primeiro bem imaterial registrado pela Lei Estadual N° 3.522, de 30 de maio de 2008.

Para Arashiro e Santos (2011, p.37), a cerâmica Terena é testemunho cultural e representa o discurso de resistência passado de geração a geração; é “exemplo vivo da força identitária construída pelas mãos sábias de mulheres que perpetuam modos e saberes”.

## **1.6. A língua**

“Eu, índio, saí da terra. Os Vanóne tiveram pena de mim. Quando nasci, nada encontrei. Eu saí agora da terra e construí daí a minha casa. Daí vieram os vizinhos para minha terra. Eu, índio, nasci. Hoje também estão os vizinhos aqui. Eu sou daqui. Nesta terra está minha casa.” De acordo com Herbert Baldus, em seu texto sobre os Terena de 1937, os Vanóne eram meio índio, meio bicho, eram pequenos e falavam como os pássaros.

Faziam apenas “ho,ho,ho”, mas se comunicavam com os índios. Então os Vanóne deram uma língua para cada etnia. Após a distribuição das línguas voltaram para dentro da terra, onde ainda devem estar. (BALDUS, 1990, p. 19)



Conversas na língua Terena. Fonte: Cunha, 2016

O nome *Aruák*, que designa a língua do povo Terena, foi utilizado pelos europeus para identificar um conjunto de línguas encontradas no interior do continente sul-americano.



Conversas na língua Terena. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

De acordo com Ladeira (2000, p. 18), os grupos *Aruák* que vivem no sul do Amazonas podem ser agrupados de acordo com as quatro áreas que ocupam. A primeira área, a sudoeste do estado do Acre; a segunda fica a oeste do estado do Mato Grosso; a terceira, no alto do Rio Xingu, e a quarta corresponde aos que vivem na região mais meridional do Brasil. É o povo Terena que habita a região dos rios Aquidauana e Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul, conforme já mencionado na subsecção 1.3, intitulada Os Terena. Segundo a autora, os grupos indígenas que falam a língua *Aruák* têm diferenças, mas a

língua de origem é a mesma. Todos possuem “organização interna característica, tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica.” (LADEIRA, 2000, p. 18)

Para Ramos (1951), os *Aruák* estão subdivididos em vários grupos. Alguns habitam o norte do Rio Amazonas e ao longo do curso do Rio Negro e Rio Xié, também no Amazonas. Habitam ainda o estado de Roraima, as margens do Rio Branco, no estado do Amapá, bacia do rio Oiapoque. Outros vivem no sul do Rio Amazonas, divididos em grupos importantes, distribuídos nas seguintes áreas: a) sudoeste do estado do Acre; b) oeste do estado de Mato Grosso; c) alto Xingu; e d) região Meridional. Quem habita a região Meridional é o povo Terena que vive na área dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do Rio Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul.

Após a Constituição de 1988 assegurar o direito das sociedades indígenas a uma educação escolar bilíngue e a LDBN de 1996, Lei Nº LDBN no 9.394, reafirmar a oferta bilíngue para proporcionar a recuperação das memórias e suas identidades étnicas, houve uma valorização da língua materna de um povo que foi obrigado a abandonar sua identidade e forçado a aprender nos moldes catequéticos dos brancos. Esse direito adquirido no ensino estabeleceu um equilíbrio entre a língua materna e a língua portuguesa e, nos anos recentes, vários projetos educacionais começam a despontar na tentativa de resgatar a língua materna com sucesso.

Observei, nas entrevistas realizadas, uma retomada, em todas as aldeias, pela valorização da língua. Ela é parte da identidade e deve ser preservada. Começou um movimento, uma luta para que a língua não se perca, pois os Terena verificam que ela é uma arma poderosa contra os brancos, que não a entendem e, assim, se protegem e tomam decisões após as conversas entre si.

Projetos nas escolas e nas comunidades para ensinar ou reforçar os que não sabem a língua também acontecem. É o caso, por exemplo, que já citei, na subseção 3.1 – Identidade – do projeto Reafirmando a Identidade, desenvolvido todos os anos pela professora Maria Alexandra na escola em que atua. A preocupação de todos é a mesma. Há cartazes na língua Terena espalhados nos locais de acesso aos alunos nas escolas. Pude presenciar, também, que, nos intervalos de aula ou na saída da escola, uma grande parte de alunos e crianças que corre e brinca próximo à escola fala a língua nativa. Isso sugere que estão, aos poucos, recuperando parte de sua identidade.

## **1.7 As danças**

Um maior destaque foi dado à dança pelos participantes da pesquisa, pois, na Aldeia Limão Verde, ela representa a identidade do povo Terena. O relato da dança é parte de uma entrevista realizada no ano de 2007 com o Sr. Isac Pereira Dias, de 76 anos, que foi cacique durante 20 anos na Aldeia do Limão Verde. A maioria das festas Terena acontecia

no tempo das colheitas, quando os Terena festejavam os alimentos produzidos. Nesse momento, pintavam os corpos, vestiam-se a caráter e dançavam para comemorar.

Entre o vestuário e os adornos utilizados, era comum um saiotte que ia da cintura até os joelhos. Em 1845, segundo relatos de Castelnau, citado por Altenfelder (1949), usavam colares, pulseiras e enfeites para a perna. Eram adornos feitos pela ligação de sementes, contas ou dentes e ossos de animais, com fios de algodão. Os braceletes, às vezes de ouro ou prata. Nas festas, utilizavam diademas de penas vermelhas e saiottes de plumas de ema. As penas de papagaio e amarelas eram privativas dos chefes.

A dança preservada ao longo dos anos, e ainda hoje praticada, é a Dança do Bate-Pau<sup>40</sup> que se reveste de caráter místico. Consiste em dois grupos de índios, em número par, vestidos de saiottes de penas de ema e com o corpo pintado de branco, preto e vermelho. Praticamente, não são utilizadas mais as penas, algumas saias foram então substituídas por fibras de buriti, típico do pantanal, devido à proibição da Lei Ambiental de Preservação.



Grupo se preparando para a Dança do Bate-Pau Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

---

40 Entrevista concedida pelo Sr. Isac Pereira Dias, no ano de 2007.





Jovens na Dança do Bate-Pau. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

De acordo com o *site* Planeta Orgânico, o Brasil possui 17 Leis Ambientais, e a legislação ambiental brasileira é uma das mais completas do mundo, mas, em sua maioria, não é cumprida de maneira adequada.

No caso dos indígenas, a não captura dos animais para confecção de roupas para as danças tradicionais, como penas de ema, arara ou papagaios, refere-se à Lei da Fauna Silvestre, Lei Nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967, a qual classifica como crime o uso, a perseguição, apanha de animais silvestres, caça profissional, comércio de espécies da fauna silvestre e produtos derivados de sua caça. (BRASIL, 1967).

A lei proíbe também a introdução de espécies exóticas e caça amadorística sem autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

É considerada crime a exportação de peles e couros de anfíbios e répteis. A Lei de Crimes Ambientais, Lei Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, reordena a legislação ambiental brasileira no que se refere às infrações e punições. No caso de alguma empresa, o autor ou coautor de alguma infração ambiental pode ser penalizado, mas a punição pode ser extinta com a recuperação do dano ambiental. (BRASIL, 1998)

Os tocadores são os mais antigos da aldeia que foram ensinando aos mais novos (até hoje).



Avô ensinando o neto. Fonte: Marcos Quinhonez, 2006

A única diferença é que, no início, era passado de pai para filho e, hoje, é pelo interesse da pessoa em aprender. São, então, ensinados desde pequenos. São assim compostos: flauta de bambu e tambor, feito da ximbaúva, madeira leve, e couro de animal, normalmente veado, e baquetas de guatambu.



Sr. Isac e materiais da Dança do Bate-Pau. Fonte: Geraldo Ferreira, 2007



Tocador de tambor. Fonte: Geraldo Ferreira, 2007

O cacique da dança anuncia o início da dança, primeiro, aos tocadores ou pifeiros. Em seguida, com um grito, anuncia aos componentes que se organizam em filas duplas, perfazendo um total de 30 pares de homens, com idade variando entre 06 e 86 anos. Na flauta, segue o senhor Adão Cruz (76 anos) e, no tambor, o senhor Ari Machado (86 anos).

O bastão que os dançarinos seguram em suas mãos normalmente é do tamanho (altura) da pessoa. É feito de bambu, por ser leve. Quando os dois bastões se encontram na batida e no compasso produzem um elevado barulho. São utilizados ainda o arco e a flecha. O arco é feito da madeira do jenipapo pelo fato de arquear, ou seja, formar o arco, e fio de seda do buriti, enfeitado com penas de qualquer passarinho.

Os passos da dança são: o primeiro momento (*koho'o*) significa o passo do passarinho que fica na lagoa, o tuiuiú. Ele vai ao encontro dos adversários em silêncio, uma perna após a outra. No segundo momento, começa a dança, com bambu batendo na ponta do outro bambu, sempre bem treinado para que nenhum acerte o outro na hora da dança. Significa o encontro com o adversário e a sua luta. No terceiro momento, são utilizados o arco e a flecha, demonstrando ainda a luta com seus instrumentos de defesa. No quarto e último momento da dança, é feita uma roda e trançado o bambu, quando é levantado o cacique da aldeia, da dança ou alguém importante da aldeia ou visitante, demonstrando o sinal da vitória na luta. Em seguida, começa a dança das mulheres numa demonstração de sua alegria pela vitória.

O cacique da dança tem um papel muito importante: ele vai à casa de todos os moradores e convida as pessoas para participarem da dança<sup>41</sup>. Por vontade própria de cada um, o convite é aceito ou não. Todos querem preservar a cultura e acabam participando. Cada participante deve confeccionar sua própria roupa, que tem um modelo a ser seguido. O cacique reúne um grupo de 10 ou 12 pessoas, e esse grupo vai ao buritizal, pega as folhas

---

41 Atualmente, os alunos selecionados para compor o corpo de danças devem ser bons alunos, terem bom comportamento e respeitarem os mais velhos.



e leva para a aldeia. Na aldeia, esse material é distribuído entre os dançadores que, por sua vez, devem respeitar o padrão e ter capricho na confecção. Normalmente, na Semana do Índio, os ensaios são intensificados, com início às 19h em frente ao posto da FUNAI.

O cacique da dança é escolhido pelo próprio grupo que dança, obedecendo a algumas exigências: deverá falar a língua Terena, ter bom comportamento, saber conduzir o grupo até o final da dança, ser organizado e convidar a comunidade a participar. Geralmente, são eleitos dois caciques: o principal mais um. Quando um não pode comparecer por qualquer eventualidade, o outro prontamente o substitui, o representa e comanda a dança. É função do cacique da dança orientar a pintura, as cores, a roupa, os adornos, a dança, pedir licença à escola para os ensaios, para que os membros possam viajar, pelo comportamento, pela alimentação. Enfim, é o responsável pelo grupo.

## 1.8 A tecelagem

Na missão científica de 1883, Rohde observou que, diariamente, as índias andavam com redes presas na cabeça, mais precisamente na testa, uma faixa e várias cabaças com água. Faixas tecidas, segundo o autor, com muito gosto e paciência. Muitas vezes, a indígena trabalhava na fabricação de uma rede por até seis meses. Com esse capricho, as peças eram fabricadas para durar e eram muito resistentes. Em sua maioria, eram brancas com motivos azuis e vermelhos. (ROHDE, 1990) A cor azul

eles conseguem de uma planta, que chamam de Uito (certamente 'Indigo'). As ramas e folhas da referida planta são cozidas e o algodão mergulhado nessa água. A lã vermelha, que é usada frequentemente (sic) na sua tecelagem, procede de flanela vermelha, que compram em Miranda. Essa flanela é cortada em pedaços, desmanchada em flocos e depois fiada novamente. (ROHDE, 1990, p. 13).

O autor viu, em todas as casas, teares manuais de todos os tamanhos com trabalhos começados. Observou que eles davam muito valor a seu próprio artesanato, pois era durável e não gostavam de fazer trocas com essas peças de algodão.

No ano de 1946, nas observações de Altenfelder, a tarefa continuava feminina, acrescentada de formas diferentes na fiação. Eram empregadas fibras de algodão, de palmeiras e de um arbusto chamado *yuhi*. Era utilizado um fuso de madeira que variava de tamanho conforme a espessura das fibras que eram deixadas de molho por alguns dias na água para serem separadas facilmente. Depois de secas, eram fiadas. Eram feitas bolsas para guardar frutas e objetos, sendo as maiores para o transporte de produtos da roça. (ALTENFELDER, 1949, p. 295)

Na publicação de Oberg de 1949, é citada a fibra da planta yulu. Segundo o autor, provavelmente uma espécie de bromélia. As folhas ficavam mergulhadas em água para amaciarem e, depois, eram afastadas com uma faca de madeira. As fibras finas eram repartidas em fios e fiadas no fuso de madeira. Também eram utilizadas as sementes de algodão, das quais eram retiradas as fibras e fiadas em linhas ou fios. Também era utilizado o fuso de madeira. O tecelão começava de debaixo para cima e era desnecessário o corte do tecido, pois a trama, a cada volta, era virada para trás.

Atualmente, a tecelagem praticamente caiu em desuso pela facilidade da comercialização de tecidos nas lojas próximo às aldeias e pela compra de redes já confeccionadas sem muito trabalho. Houve tentativas de retomar a tecelagem com índios urbanos, por vontade própria, mas também não prosseguiu devido à demora e ao custo das linhas utilizadas na fiação.



Idosa Terena tecendo. Fonte: google, 2018



Jovem Terena tecendo. Fonte: google, 2018

## 1.9 O trançado de palhas

O trançado de chapéus e os cestos fabricados nas aldeias, segundo observações de Rohde (1883), eram feitos pelos homens. Os cestos eram feitos, em sua maioria, de bambu partido ao meio, e os chapéus, de folhas secas de uma palmeira de leque chamada carnaúba. Os chapéus eram vendidos na cidade próxima por um preço baixo, apesar de serem bem elaborados e resistentes.

Altenfelder (1946) observou que os Terena fabricavam cestos e abanicos de carandá ou de bambu, utilizados para guardar e transportar alimentos ou ainda para transportar crianças. Esses eram adaptados às costas das mulheres e presos na cabeça por meio de faixas de algodão.

O carandá (*Copernicia Alba*) é uma palmeira comum no pantanal. Suas tiras ainda são utilizadas para confeccionar chapéus, cestos, abanicos e cordas. Os abanicos são utilizados como leque para amenizar o calor, aumentar ou fazer o fogo “pegar” com seu vento. É transmitido o seu ensinamento entre as gerações pela mulher. (ALTENFELDER, 1946). Esse trançado ainda é feito com a fibra vegetal do buriti. Os mais antigos relatam que utilizavam colchões feitos de fibras trançadas, macias, que cobriam suas camas, chamadas de giraus, um trançado de madeira elevado do solo.

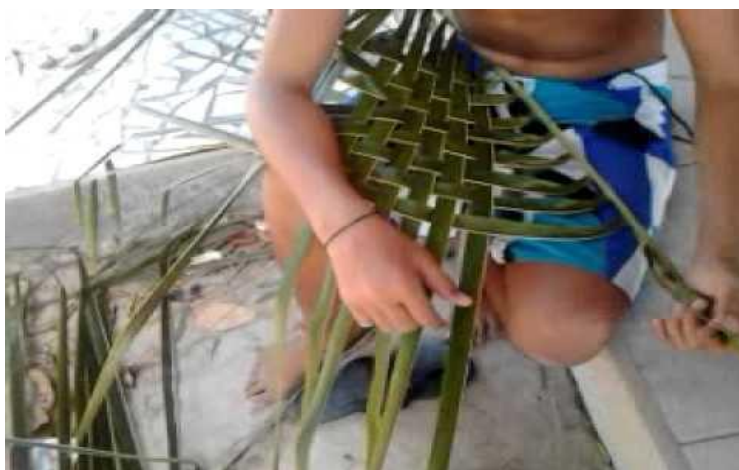
Nas citações de Oberg (1949), os Terena faziam cestos, abanadores e chapéus de pequenas tiras de bambu, carandá e de piri. Da casca fina do bambu selvagem eram cortadas tiras finas com as quais, depois, eram confeccionados cestos grandes e pequenos. Os grandes eram carregados nas costas. Essas mesmas tiras serviam para a confecção dos chapéus e abanadores. Os abanadores serviam para matar os mosquitos e manter pequenos focos de fogo aceso na cozinha.



Terena trançando a palha . Fonte: google, 2018

De acordo com Sá (2012, p. 145), o processo do trançado com taboca (*Guadua augustifolia*, tipo de bambu nativo do Brasil) é cercado de cuidados. A colheita é feita antes que as varas amadureçam muito, pois o traçado exige a flexibilidade para tecer. As varas são, então, colhidas verdes e, com uma faca afiada, são cortadas em lascas “delgadas e compridas. É com essas lascas que se fará o trançado quadricular”. (SÁ, 2012, p.145).

Confeccionam, ainda, abanicos de carandá (*Copernicia Alba*) que é uma palmeira muito comum no Pantanal. Igualmente é utilizada para cestos e cordas, e seus troncos também são utilizados em construções (SÁ, 2012, p. 148). O abanico é usado como leque, atiçador de fogo e para afastar insetos, a mesma utilidade observada por Altenfelder em 1946.



Terena trançando a palha . Fonte: google, 2018

Segundo Sá (2012, p. 148), existe o trançado com a taboa (*Typha domingensis*) que é encontrado em terrenos alagadiços, próximo à aldeia Passarinho, da região da cidade de Miranda onde o mesmo processo se repete: colher talos verdes, secar ao sol para garantir a resistência e flexibilidade. São trançados em cordões e, com eles, podem ser confeccionados chapéus, bolsas, cestos, etc. Nessa mesma região, é utilizado também o pindó (*Syagrus romanzoffiana*) para confecção de cestos, bolsas, tapetes e roupas especiais para a Dança do Bate-Pau. (SÁ, 2012, p. 154).

## 2. A arte nas escolas

Na busca dos fragmentos da identidade Terena, identificamos a arte estampada na vida em comunidade, nas tradições, nos artesanatos, entre outros. No âmbito da educação indígena diferenciada, a arte está impressa de maneira implícita, onde a identidade se manifesta através dos projetos realizados nas escolas, em suas diferentes linguagens e manifestações artísticas. Há a unidade entre a natureza, a arte e a cultura.

A Constituição de 1988 passou a valorizar a diversidade cultural, respeitando o modo de vida tradicional das comunidades indígenas. Em seu Art. 231, Capítulo VIII, reconhece os índios, sua organização social, seus costumes, suas línguas, suas crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, cabendo à União demarcar, proteger e fazer respeitar os seus bens. A educação indígena se encontra nos artigos 210, 215 e 242 da mesma Constituição de 1988. (BRASIL, 1988)

No art. 210, a Constituição de 1988 assegura aos indígenas a utilização de suas línguas maternas e o processo próprio de aprendizagem, sendo, porém, o Ensino Fundamental ministrado em língua portuguesa. Do Art. 215, consta que o Estado protegerá suas manifestações da cultura indígena e, do Art. 242, que o ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. (BRASIL, 1988)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei Nº 9.394/96, em seu Art. 78, preceitua que o “Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrantes de ensino e pesquisa, para a oferta de educação bilíngue intercultural aos povos indígenas”, visando:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; e II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias. (BRASIL, 1996)

Ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Art. 79, determina que a “União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.” Igualmente estabelece

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais (sic) e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

§ 3º No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como de estímulo à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais. (BRASIL, 2011)

O Art. 79 foi incluído pela Lei Nº 12.416, de 9 de junho de 2011, que altera a LDBN Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a oferta de educação superior para os povos indígenas.

É fundamental destacar a obrigatoriedade do ensino de artes no currículo da educação básica brasileira. Este deve abordar diferentes linguagens como as artes visuais, dança, música e teatro e podem interseccionar com as contribuições das diferentes culturas e etnias, constitutivas da identidade do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana (BRASIL/LDB, 1996, Artigo 26º. § 2º, § 4º).

Como é possível observar, os direitos indígenas estão bem amparados, mas na prática, ainda não existe um legítimo respeito à diversidade cultural e os direitos indígenas não são respeitados em sua totalidade.

Apesar das inúmeras leis que reconhecem os indígenas, sua organização social, seus costumes, suas línguas, crenças e tradições, bem como os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, cabendo à União demarcar, proteger e fazer respeitar os seus bens; de a educação indígena assegurar a utilização de suas línguas maternas e o processo próprio de aprendizagem, mas sendo o Ensino Fundamental ministrado em língua portuguesa.





Trabalho de Artes. Fonte: Cunha 2016

## 2.1. A arte na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia Bananal

A escola segue as normas vigentes da educação, seguindo as indicações enviadas, mas utiliza elementos do imaginário local e também muitos elementos da natureza na construção de desenhos, pinturas, maquetes, etc.



Trabalhos de artes 1. Fonte: Cunha, 2016

Nas pinturas em exposição na escola, observei traços de desenhos geométricos da etnia Terena nas cores branco, preto e vermelho. Pinturas e desenhos de animais que compõem a natureza da aldeia também estão retratados. Em particular, fiquei admirada com a criatividade da professora que utilizou, em sua aula de arte, elementos da natureza, tais como folhas e gravetos, com os quais retratou um minúsculo inseto que povoa a aldeia e é capturado com bacias de água, colocadas abaixo dos postes de luzes.

## 2.2. A arte na Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Limão Verde

A escola segue o seu Projeto Político-Pedagógico. Mas, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998), o professor poderá utilizar ou não as sugestões apresentadas e trabalhar dependendo das necessidades dos alunos e do local.



Parede da escola. Fonte: Cunha, 2016

A escola, em toda sua extensão, possui desenhos nas paredes de traços indígenas Terena.



Parede da escola 1. Fonte: Cunha, 2016



### 2.3 A arte na Aldeia Tico Lipú

Atividades de artesanato e pintura são realizadas na Aldeia Tico Lipú por algumas famílias em suas residências. Nas imagens, apresento fotos das mulheres da aldeia, em uma de suas aulas, publicadas pelo cacique, em seu facebook, com os seguintes dizeres: “Sexta feira (*sic*) dia do encontro das mulheres na sede da associação para confeccionar artesanato. Brincos Colares e Polseras (*sic*).”



Reunião de artesanato. Fonte: Tico Lipú, 2016

Nos cursos, são utilizados materiais com elementos da natureza, madeiras, sementes e fios de algodão ou couro, para os produtos ficarem autênticos, originais, segundo o cacique, e também para servirem de fonte de renda aos moradores da comunidade indígena urbana.



Reunião de artesanato 1. Fonte: Tico Lipú, 2016

A preocupação do cacique da aldeia é que haja uma fonte de renda alternativa pela escassez de empregos. Para tanto, providenciou alguns cursos de bijuterias com professoras conhecidas.



Reunião de artesanato 2. Fonte: Tico Lipú, 2016

#### **2.4. A arte na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, da Aldeia Aldeinha de Anastácio**

A exemplo das demais escolas participantes da pesquisa, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva utiliza, como referência, as normas vigentes na educação e, segundo entrevista com o cacique, alguns cursos de artesanato estavam programados para o mês de agosto, para os residentes e moradores da aldeia para melhorar a autoestima e a renda familiar.

“Com o apoio da Prefeitura Municipal de Anastácio, incentivando as festividades ao dia do Índio, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva promoveu a 3ª Feira Cultural Indígena, organizada por professores e alunos da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.” (BARBIÉRI, 2016)



Arte EEI Guilhermina da Silva Fonte: anastácio.ms.gov. 2016

## Considerações Finais

O propósito da investigação realizada centrou-se no estudo dos modos de vida dos índios Terena e da vivência nas suas escolas, no sentido de entender o quanto os seus esforços por melhores condições de vida correspondiam à revalorização identitária e ao resgate de valores culturais que foram violentados por anos e anos de colonização e discriminação.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que a desestruturação das culturas e dos modos de vida indígena modificada com a colonização, a evangelização e a discriminação teve um efeito profundo e violento nos modos de vida e enfraqueceu a resistência, gerando a necessidade de sobrevivência e uma penetrante assimilação dos valores culturais trazidos pelo homem branco chegado do mundo europeu.

No entanto, a evidência da resistência que se encontra nas aldeias pesquisadas, na persistência do uso da língua Terena, no orgulho identitário, nas manifestações culturais preservadas e na contínua luta pelos direitos subnegados ao longo dos tempos, permite entender a vivacidade com que, nessas aldeias, se prepara um futuro melhor, de luta e de revalorização das identidades, que se vai construindo na defesa pelo resgate de ancestrais valores culturais.

Ao conduzir a investigação nas aldeias, no local em que vivem os indígenas Terena, tanto urbanos como não urbanos, como apresento na tese, reconheci que a maior preocupação existente nas comunidades – e que representa um reconhecimento pelo passado cultural – é o respeito aos mais velhos, aos seus saberes e de valorização de seus conselhos, do contar da história de vida de antepassados, com a preocupação de que esses repasses de informações cheguem também aos mais novos e não se percam no tempo. A pesquisa assinala, assim, que a identidade está, em um primeiro momento, relacionada com a memória dos mais idosos.

Ao introduzir questões semiestruturadas nas entrevistas e conversas com as populações, o resultado indica, conforme a fala de Hall (2011), não um traço marcante da identidade Terena, mas vários fragmentos de identidade, que apresentam expressões singulares no modo como valorizam a língua Terena e revalorizam a dança, o artesanato, a cerâmica. O território assume um aspeto particular por se entrelaçar com a luta pela terra e pelo direito de ocupação, estando presente, entre outros dados obtidos, relacionados, em sua maioria, a relatos dos mais antigos e das lideranças. Registrei esses dados em relação à cultura presente na aldeia e a tudo que fortalece sua identidade. Conte também com bibliografia escassa, mas disponível para levantar os dados principais.

A investigação foi uma amostra de dados, dados primários recolhidos durante o processo para levantar questões a respeito dos valores da identidade Terena. Os critérios de qualidade utilizados por meio da investigação bibliográfica muito contribuíram para a pesquisa. Porém, sem dúvida, os testemunhos, por meio das entrevistas e conversas

informais, foram essenciais, assim como a observação direta e presencial nas aldeias que permitiu uma recolha fotográfica que se transportou para a tese.

Já havia trabalhado nas aldeias indígenas Terena, e como, indubitavelmente, o tempo contribui para que haja modificações e crescimento, procurei, por ser um tema pouco pesquisado, trabalhar com um número maior de entrevistados, no caso das escolas. Os estudos levantaram dados significativos da comunidade e poderão, no futuro, auxiliar a valorizar a sua cultura, pois realizei a análise na esfera local das aldeias.

A tese defendida é que não há uma identidade fixa da etnia Terena. Há fragmentos da identidade que são estampados na língua, na dança, nos artesanatos, na arte nas escolas, entre outros.

Na Secção I, procurei destacar a história dos povos indígenas que há milénios habitavam as terras brasileiras e que tiveram suas terras invadidas, sofrendo com os efeitos da dominação portuguesa e cristã, durante séculos. Igualmente ressaltei as primeiras classificações recebidas de acordo com o olhar de quem estava chegando, assim como sua origem.

As aldeias pesquisadas foram escolhidas pelo fato das duas (Aldeia Aldeinha de Anastácio e Aldeia Tico Lipú) estarem inseridas dentro do contexto das cidades (Aquidauana e Anastácio) e, mesmo assim, manterem alguns hábitos tradicionais, e duas aldeias mais distantes dos municípios (Aldeia Bananal e Aldeia Limão Verde), por manterem hábitos tradicionais Terena, como língua, dança, etc. A partir dessa escolha e após recolhas fotográficas e trabalho de campo, realizei um estudo para clarificar os conceitos necessários para poder compreender a identidade Terena.

Na proposta de verificar o que é valorizado do passado, visualizei a importância dos mais antigos, dos avós, que, com seus conhecimentos, transmitem a seus netos o que julgam mais importante: a sua história, a língua, as danças, as comidas e seus costumes. Verifiquei que existe a valorização do passado por meio desses ensinamentos e da própria percepção de que é necessário manter vivas as tradições para que a cultura sobreviva, como também repassar esses conhecimentos às gerações mais novas. O que ressalto, deste estudo, é a valorização da identidade, cuja representação maior é a transformação ocorrida através do tempo transcorrido, mas fortalecida e fundamentada na memória e na cultura, valorizada e vivenciada pelo desejo e pela necessidade de preservar sua identidade para que, no futuro, seja mantida e valorizada.

As reflexões acerca da identidade e de alguns conceitos relacionados, como a memória e laços étnicos, ajudaram a explicitar as tensões existentes dentro e fora da aldeia, não sendo seguro oferecer uma resposta conclusiva ou fazer algum julgamento garantido a respeito da identidade, por considerá-la fragmentada e em permanente construção, quer pela resistência, quer pela adaptação aos desafios do presente. A identidade, por não ser estática e única, o que compactuo com Hall (2011), que explicita que é mutável e fragmentada, sempre se transformando, evolui de acordo com a percepção dos indígenas com relação a sua memória, sua cultura e seus costumes. A identidade remete ao local de

origem, ao pertencimento dos indígenas, mas também está relacionada com as gerações futuras e com o seu entendimento do que é mais ou menos importante preservar e os representar.

O percurso Terena, embora não citado nas entrevistas, é uma tensão importante detectada na pesquisa pelas entrevistas na mídia local e se define como uma significativa relação dos Terena com o princípio de sua criação, pois, de acordo com a mitologia, eles pertencem à terra, pois dela saíram para fazer parte da humanidade, sendo exímios agricultores, sabem trabalhar a terra e aproveitar o que ela tem de melhor, embora, agora, em espaços reduzidos, por terem sido desapossados de suas terras.

A minha inquietação sobre as tensões existentes dentro da aldeia foi respondida à medida que a pesquisa *in loco*, a investigação com a recolha de dados e entrevistas foram realizadas e analisadas. Percebi, na investigação e na observação nas escolas, que a primeira tensão existente está relacionada à estrutura física da escola face à casa dos entrevistados; está ainda relacionada com os professores falantes da língua Terena e os não falantes; ainda com a preocupação revelada com relação ao medo de a cultura Terena desaparecer, de não falar a língua Terena e não ser considerado um índio autêntico. Sobre a vergonha ou *bullying* ao se identificarem como índios e negarem a própria identidade, embora não admitam o *bullying* existente entre os próprios indígenas, a primeira verificação foi com relação aos indígenas que não sabem a língua e podem se sentir desprezados pelos demais componentes, não sendo considerados índios de verdade, tema retratado em todas as turmas e em todas as aldeias. Outra tensão existente é na aldeia do Limão Verde onde a seleção para a dança é feita entre aqueles que frequentam a escola e se dedicam aos estudos, com notas boas, bom comportamento. No caso, uma seleção é feita. Diante disso, questiono: e os excluídos? Pelas respostas que obtive, tornam-se mais fortes e dispostos a participarem. Em momento algum, sentiram-se excluídos. Apesar de todos os conflitos e tensões detectados, o sentimento de orgulho pela etnia Terena foi quase em sua totalidade revelada. Com relação ao futuro, a maior preocupação foi com a necessidade de ter uma formação que permita obter uma profissão, pois apenas o Ensino Básico, devido ao dinamismo da modernidade, a velocidade das informações a correrem em minutos, segundos, já não é suficiente para a satisfação pessoal. Como já mencionei anteriormente, o olhar dos alunos participantes desta pesquisa para o futuro talvez tenha sido prejudicado por ter sido uma entrevista formal na escola, quando as respostas, em sua quase totalidade, foi com a preocupação de continuar estudando, de ter um trabalho, de se ter uma profissão e poder ajudar a família em suas necessidades diárias.

As tensões existentes fora da aldeia acontecem quando, ao terminar o Ensino Médio, os estudantes indígenas disputarão espaço com os “brancos” nas vagas das faculdades, assim como na procura por emprego na cidade, pois dizem que são desvalorizados, e que, algumas vezes, têm que esconder o local onde moram, nunca revelando que moram na aldeia indígena. Ao procurar emprego, se deparam com a desconfiança da comunidade quanto à lisura do trabalho ou à eficiência na profissão, desconfiança também com a etnia indígena. Em momento algum, foi citado o problema da terra.

Quanto aos conflitos dentro da própria aldeia, observei que decorrem da liderança do cacique cujo posicionamento, em algumas decisões, nem sempre agrada a todos, como, por exemplo, que só poderão participar da dança aqueles que se dedicarem aos estudos ou que as mulheres não poderiam se posicionar nas reuniões, mas, aos poucos, elas se apresentam e lançam suas ideias, normalmente aceitas pelo grupo.

Na Secção II, tive a necessidade de procurar entender a presença, nas aldeias pesquisadas, da arte, que é estampada na identidade indígena Terena. A arte assume papel relevante na representação cultural, surge na dança, na cerâmica, na pintura corporal, nos artesanatos, etc. Isso é confirmado pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, que deixa claro que a arte está presente nos rituais, na pintura corporal e até nas práticas guerreiras, expressando aspectos da organização social indígena, elaborado para subsidiar e apoiar os professores indígenas e suas práticas escolares. Os fragmentos da identidade Terena ali estão representados e explicitados por meio da pintura corporal e de suas cores preta, branca e vermelha, cada uma com seu significado, por meio do jenipapo, do carvão, da argila branca ou urucum. Verifiquei a transformação ocorrida através dos tempos, quando o contato com o homem branco começou e encontrou mulheres com a face pintada, homens sendo pintados por suas mulheres ou se pintando. Com a evolução, a pintura foi diminuindo, mas continua indispensável nas festas realizadas, ficando reservada às cerimônias mais importantes e às festas especiais.

A produção da cerâmica não sofreu grandes alterações. Continua como categorizada em 1883, identificada pela coloração avermelhada e bordados desenhados em tons brancos, ficando com a mulher a arte da confecção e comercialização, tendo sido reconhecida como patrimônio imaterial histórico, artístico e cultural, sendo o primeiro bem imaterial registrado por lei no estado de MS.

A língua foi um dos fragmentos da identidade mais importante e falado entre todas as aldeias. Todas exaltaram a preocupação com o saber falar a língua, a importância de se preservar e se proteger para que ela não acabe. Essa valorização se faz presente nos projetos escolares, nas conversas entre as crianças, demonstrando que uma recuperação já se faz presente, embora ainda não tenham percebido. Quando os avós perceberam a necessidade de ensinar seus netos, já que seus filhos não aprenderam, eles verificaram que é uma arma poderosa contra os brancos, que não a entendem, protegendo suas decisões, por meio de conversas entre si. As aldeias urbanas também demonstraram essa preocupação, e alguns que sabem a língua também já ensinam seus netos, mas também sentem a necessidade de contratar professores para que possam ensinar a um número maior de pessoas na aldeia.

A dança mais importante é a dança do Bate-Pau, e o maior destaque é da aldeia Limão Verde, onde o grupo é mais organizado, conhece os passos da dança, possui tocadores que conhecem a música e repassam a seus filhos e netos. Fabricam a própria vestimenta da dança. Em grupos organizados, partem para a mata em busca de materiais e, depois, confeccionam suas roupas com capricho, sempre orientados pelo cacique da dança, escolhido após várias exigências, tais como falar a língua Terena, ser organizado, saber

conduzir o grupo até o final da dança e convidar a comunidade a participar. Para essa aldeia, essa é sua identidade em primeiro lugar; a dança é o que os representa.

A tecelagem já caiu em desuso devido à modernidade, sendo mais fácil ir até a cidade e comprar tecidos ou redes já confeccionadas sem muito trabalho. O trançado de palhas raramente aparece, existindo abanicos e chapéus, sem muito comércio, mas o trançado também é utilizado na confecção das roupas da dança do Bate-Pau.

A arte e a educação artística nas escolas aparecem de modo pontual nos dados coletados, embora esteja estampada na identidade Terena, expressa em diferentes linguagens e manifestações. Todas as aldeias têm a sua arte representada no cotidiano da vida comunitária. Nas escolas das aldeias não urbanas, ela aparece por meio de materiais que compõem a natureza, como folhas, grãos, sementes e gravetos. Nas aldeias urbanas, cursos de artesanato foram programados para os residentes, com a intenção de melhorar a autoestima e a renda familiar. Neste estudo não percebemos a dualidade entre a arte e o ensino de artes nas escolas.

Os direitos indígenas, apesar de bem amparados no campo legislativo, não são respeitados, e algumas terras ainda esperam pela demarcação. No geral, as comunidades indígenas sofrem discriminações racistas, e não são suficientemente reconhecidas as suas lutas por melhores condições de vida e devolução de seus territórios.

Concluo que essas fontes de informação pesquisadas refletem vários discursos da identidade Terena e que a língua e a dança aparecem de forma muito forte e presente no dia a dia, assim como pude perceber o espaço de conflito/tensão na própria escola. Percebi a relevância de estudar esse tema, pois, com o processo de globalização e homogeneização cultural que tem marcado o mundo contemporâneo, acontece a mudança de valores e reorganizações sociais de toda ordem e, com esse estudo, foi possível contribuir, incentivando pesquisas futuras.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, M. E. de C. **A Raça em Antropologia**. Separata da Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa, 2ª série, C, Vol. XV, Fasc. 2º, págs 147 e 179. 1968.
- ALMEIDA, , Miguel Vale de, et all, **O que é raça? Um debate entre a Antropologia e a Biologia**, 1ª Edição, Lisboa, Portugal, , Edição Espaço Oikos, 1997.
- ALMEIDA, Miguel V. de. **Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade**, Portugal, Tipografia Lousanense, Lta., 2000.
- ALTENFELDER, Fernando Silva. **Mudança cultural dos Terêna**. In: Revista do Museu Paulista. [s.n]. São Paulo: vol. III, 1949.
- ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.
- ARASHIRO, Neusa N. e SANTOS, Maria C.L.F, **Vozes do Artesanato**, Fabio Pellegrini (organizador), [s.n.]. Campo Grande, FCMS, 2011.
- BARROCA, Mário J. **O Castelo e a Ermida da Boa Nova**. Ministério da Cultura, Instituto Português do Patrimônio Arquitectónico. Lisboa, Portugal. Sociedade Tipográfica S.A. 2006.
- BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Oficinas Gráficas de Livros do Brasil. Lisboa. 1934.
- BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A História do povo Terena**. São Paulo: MEC-SEF-SUP: Centro de Trabalho Indigenista, 2000.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona. Espanha. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p.22 a 28, Rio de Janeiro. 2002.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 4ª Edição. Algés-Portugal. Memória e Sociedade. DIFEL Difusão Editorial S.A., 2001.
- BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2010.
- BRASIL. REFERENCIAL CURRICULAR PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS. Temas Transversais, MEC, Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: A Secretaria, 1998.
- CANDAU, Joël, **Memória e identidade**, São Paulo: Editora contexto, 2011.
- CARDOSO, Wanderley Dias. **A história da educação escolar para o Terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde** – Porto Alegre, RS: PUC/RS, 2011.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (Coordenador), **Diversidade e Identidade**. 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação. 1ª Edição, Porto, Portugal. Tipografia Nunes, Lda., 1998.

- CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul (1845)**. Trad: Olivério M. de Oliveira Pinto. Tomo II. São Paulo: Ed. Nacional, 1949.
- CUNHA, Fátima C. D. F. (Org.). **Caminhando pelo mundo – mitologia Terena: a saga dos Terena**. 1ª Edição, Campo Grande, MS, Editora Gibim, 2012.
- DIAS, Antonio G. **Dicionário da Língua Tupy. Língua Geral dos Indígenas do Brasil**. Lipsia: F.A. Brockhaus. Livreiro de S.M. O Imperador do Brasil. (Coleção José Sampaio). 1858.
- DULLES, J. W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 – 1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DERRIDA, Jacques, 1930. **De que amanhã... Diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.
- DIEGUES, Antonio Carlos, ARRUDA, Rinaldo S. V., **Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**, Lisboa, Portugal, Edições 70, 1991
- DUBAR, Claude. **A crise das identidades, a interpretação de uma mutação**. Porto, Portugal. Edições Afrontamento, 2006.
- DURIGAN, Marlene; GUERRA, Vânia Maria Lescano. **Entre o “Estatuto do Índio” e a “I Conferência Regional”: o processo identitário do indígena do Mato Grosso do Sul**. In: POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser (Orgs.). Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso do Brasil. São Carlos: Pedro & João, 2008. P. 133-158.
- FERREIRA, Eduardo de Sousa. **Identidade e Cultura como instrumentos de afirmação**. Braga, Portugal, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, Gráfica Barbosa & Xavier, 1985.
- FERREIRA, Fátima C. D. (Org.). **Caminhando pelo mundo – mitologia Terena**. 1ª Edição, Campo Grande, MS, Editora UFMS, 2010.
- FLORENCE, Hercule. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. 4ª Edição, Porto, Portugal, textos marginais, 1974.
- \_\_\_\_\_, **Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa**, Coleção leitura, 16ª Edição, Rio de Janeiro, RJ. Editora Paz e Terra S/A, 2000.
- \_\_\_\_\_, **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**, 13ª Edição, Editora Paz e Terra S/A, 2006.
- FORTUNA, Carlos. **Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana**. Oeiras. 1ª Edição. Celta Editora. 1999.

- GALLOIS, Dominique Tilkin. Publicado em: Travessia - Revista do Migrante, n. 36, ano XIII, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade Pessoal**. 2ª Edição, reimp. Oeiras, Portugal, Celta Editora, 2001.
- GONÇALVES, Pedro César Kemp ET ALL, **Proposta de Educação do Governo Popular de Mato Grosso do Sul – 1999/2002**, Cadernos da Escola Guaicuru, 1ª Edição, Editoração Gráfica: Graphos, 1999.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª Edição., reimp. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_, Stuart. **Quem precisa da Identidade?** In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JORGE, Vítor O. ET all. (Coordenador). **Identidade Identidades**. Porto. Portugal. 1ª Edição. Adecap. 2002.
- LADEIRA, M. E. & BITTENCOURT, C. M. **A História do povo Terena**. São Paulo: Mec-Sef-Sup: Centro de Trabalho Indigenista. 2000.
- LADEIRA, Maria Elisa. **Língua e história: análise sociolingüística em um grupo Terena**. São Paulo, 2001. 166 fls. (Tese de Doutoramento em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2001.
- LE BRETON, David. **Sinais de Identidade, tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. 1ª Edição: março de 2004, Miosótis – Edição e Distribuição, Lda. Lisboa. 2004.
- LÉRY, Jean de. **Os índios do Brasil**. 1ª Edição. Lisboa, Portugal. Editorial Teorema, Lda, 2004.
- LOPES, C. **Etnia, Estado e Relações de Poder na Guiné-Bissau**. Lisboa, Portugal: Edições 70. 1982.
- LUNA, Luiz. **Resistência do Índio à Dominação do Brasil**. 2ª Edição, Coimbra, Editora Fora do Texto, 1993.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920**. Col. Estudos Brasileiros. Vol. 34. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- MARQUES, João Filipe et all, **O que é raça? Um debate entre a Antropologia e a Biologia**, 1ª Edição, Lisboa, Portugal, Edição Espaço Oikos, 1997.
- MATOS, Antonio Coimbra. **Crise da Juventude e Identidade**. Lisboa, Separata do Jornal do Médico: 277, Fevereiro, 1979.

MÉRTOLA, **Campo Arqueológico de Mértola**. Efeitos Sociais do patrimônio à escala local. Mértola. 2001.

MOTA, Paulo Gama et all, **O que é raça? Um debate entre a Antropologia e a Biologia**, 1ª Edição, Lisboa, Portugal, Edição Espaço Oikos, 1997.

NASCIMENTO, Ernestina S. et all, **Textos produzidos pelos professores**. Campo Grande. Coordenadoria de Métodos e Infomática/DGAF/SED, 1996.

NÚÑEZ, Álvar - **Cabeza de Vaca, Naufrágios Comentários**, 2ª Edição, Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.

OBERG, Kalervo. A economia Terena no Chaco. Terra Indígena – UNESP- Araraquara. São Paulo: nº 55, 1990.

PERRENOUD, Philippe, **Novas competências para ensinar**, Porto Alegre: Artmed, 2000.

QUINTAS, Antonio S. **Adolescência: Da identificação para a identidade**. Separata do jornal do médico. XCIX (1832): 476-480. Porto. Tipografia Costa Carregal. Março/1979.

RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira – as culturas não européias**. Coleção Estudos brasileiros da Livraria. Rio de janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Educação Escolar Indígena. Currículo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RELATÓRIO FINAL, do **Inventário da Cultura Material Terena**. Cultura Terena. Campo Grande/MS. 2012.

REVISTA TERRA INDÍGENA, **Centro de Estudos Indígenas**, UNESP, Câmpus Araraquara, Ano VII, nº 55, Gráfica da Unesp, Abril a junho de 1990.

REX, J. **Raça e Etnia**. Temas Ciências Sociais, Lisboa, Portugal. Editorial Estampa Lda. 1987.

REZENDE, Justino Sarmiento. **Ciências e Saberes Tradicionais**. Artigo para a Semana de Ciências da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), Manaus, 7 a 10 de outubro de 2014.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. Petrópolis: Civilização Brasileira, 1970.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza: um livro-texto em ecologia básica**. Editora Guanabara, RJ, 1996.

RICOEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento**, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

- ROHDE, Ricard. **Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos**. Terra Indígena, UNESP-Araraquara, São Paulo: n° 55, 1990.
- SÁ, Romulo C. (Organizador. **RELATÓRIO FINAL DO INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL TERENA – CR CAMPO GRANDE-MS**), Funai, Museu do Índio, 2012.
- SALAZAR, Abel, **O que é arte?** Coimbra, Porto, Portugal. Arménio Amado Editor, Colecção Stvdivm, Imprensa Portuguesa, 1940.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, **Redes culturais, diversidades e educação. O fim das descobertas imperiais**, 1999.
- SANTOS, José Trindade. **Em defesa da identidade**, nova série, volume xiv, separata, Revista de Filologia Clássica, Lisboa, 1986.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**, Rio de Janeiro: Record. 2001.
- SCLIAR, Moacyr, COUTO, M e SILVA, A. C. **Pensando Igual. Maputo**. 1ª Edição. Moçambique Editora. 2005.
- SCHADEN, Egon. **Aculturação indígena**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, USP, 1969.
- SCHUCH, Maria Eunice Jardim. **Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no alto Paraguai**. 87 p. Dissertação (Mestrado em História) Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1995.
- SILVA, Aracy Lopes da et all. **Índios do Brasil**. Editora Ática, 1988
- SILVA, T. T. **Identidade e Diferença, A perspectiva dos Estudos Culturais**, 4ª Edição. Petrópolis, Editora Vozes. 2005.
- SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguay: etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos VXi y XVIII)**. Assuncion: Museo etnográfico “Andrés Barbero”, 1978.
- SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los chaqueños – 1650 – 1910**. Assuncion: Museo etnográfico “Andrés Barbero”, 1981.
- SOUTA, Luis et all, **O que é raça? Um debate entre a Antropologia e a Biologia**, 1ª Edição, Lisboa, Portugal, Edição Espaço Oikos, 1997.
- STRAUSS, C. L. **Trópicos Tristes**. Lisboa, Edições 70. 1995
- \_\_\_\_\_, **Raça e História**. Lisboa, Editorial Presença. 2006
- TAUNAY, Visconde de. **Entre os nossos índios**. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1931.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo. Examinando a política de reconhecimento**. 2ª edição. Lisboa. Portugal. Instituto Piaget. 1994.

TOLSTÓI, Lev. **O que é arte?** 1ª Edição. Lisboa, Portugal Ed. Gradiva Publicações, S. A. 2013.

VILLAR, F. **Topónimos y Estratigrafía de las Lenguas**. In: \_\_\_\_\_; PRÓSPER, B. M. Vascos, celtas e indoeuropeos: genes y lenguas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 13. 2005.

WILLEY, Gordon R. **SUMA Etnológica Brasileira, Cerâmica**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians, Volume 2, Tecnologia Indígena, Editor Darcy Ribeiro et alii. Editora Vozes, Finep, 1987.

## SITES CONSULTADOS:

ALCALÁ LA REALÉ. Disponível em:  
[https://es.wikipedia.org/wiki/Alcal%C3%A1\\_la\\_Real](https://es.wikipedia.org/wiki/Alcal%C3%A1_la_Real). Acesso em: 07/04/2017, às 19 h.

ADN ou **DNA**. Disponível em [www.significados.com.br](http://www.significados.com.br). Acesso em: 19/02/2018, às 22 h.

ALDEIA TERENA **ALDEINHA** (Kaly IpoXuvoku). Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/reservaindigena.aldeinha>. Acesso em 20/02/2016, às 19 h.

ALDEIA TERENA **LIMÃO VERDE**. Disponível em:  
<http://apreis.eu/essas/place/aldeia-limao-verde-aquidauana-ms>. Acesso em 20/02/2016, às 18 h.

ALMEIDA, Glenda C. F. e SILVA, Nilbberth P. da, “**Como o bullying contra jovens indígenas estudantes de escolas “de branco” perpetua estereótipo negativo do índio**”. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://docplayer.com.br/8529223-Como-o-bullying-contra-jovens-indigenas-estudantes-de-escolas-de-branco-perpetua-estereotipo-negativo-do-indio.html>. Acesso em: 14/02/2018, às 15 h.

ANTÔNIO REI. Disponível em <http://fcsh-unl.academia.edu/AntonioRei>. Acesso em: 26/11/2017, às 18h30.

AQUIDAUANA. Disponível em  
[biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/Aquidauana.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/Aquidauana.pdf). Acesso em 10/07/2017, às 15 h.

BADAJÓZ. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Badajoz>. Acesso em 17/10/2017, às 23h35.

BARBIÉRI, Priscila Barbiéri - Assessoria de Imprensa - 25/04/2016. Disponível em: <http://www.anastacio.ms.gov.br/noticia/2171/dia-do-indio-e-comemorado-em-grande-estilo-em-anastacio>. e <http://www.anastacio.ms.gov.br/galeria/346/atividades-educacionais--dia-do-indio>. Acesso 27/02/2018, às 23 h.

BEM-TE-VI. Disponível em <http://www.wikiaves.com.br/bem-te-vi>. Acesso em 27/01/2017, às 20h.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** Disponível em: [http://aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1\\_2014/abaetetuba/moju2012/fundamentos%20da%20educacao%20\\_%20profa.%20suzana%20moura\\_texto.pdf](http://aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1_2014/abaetetuba/moju2012/fundamentos%20da%20educacao%20_%20profa.%20suzana%20moura_texto.pdf). Acesso em 21/12/2017, às 20 h.

BRASIL. Decreto Nº 24.761, de 14 de julho de 1934. **Cancela as penas disciplinares impostas aos funcionários públicos civis**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 27/7/1934, Página 15458 (Publicação Original). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24761-14-julho-1934-505425-publicacaooriginal-80171-pe.html>. Acesso em 25/11/2017, às 20 h.

BRASIL. LDBEN. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 24/11/2017, às 20 h.

CAPITANIAS **HEREDITÁRIAS**. Disponível em: <https://www.historiadobrasil.net/capitaniashereditarias/>, Acesso em 17/10/2017, às 23h30.

CENSO/2016. Disponível em <http://www.escol.as/257042-ee-indigena-guilhermina-da-silva>. Acesso em 26/11/2017, às 21 h.

CONFLITO ENTRE INDÍGENAS 1. Disponível em <http://gl.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/entenda-o-conflito-entre-indigenas-e-produtores-rurais-no-sul-de-ms16-06-16.html>. Acesso em 26/02/2017, às 20h.

CONFLITO ENTRE INDÍGENAS 2. Disponível em <http://gl.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/06/entenda-o-conflito-entre-indigenas-e-produtores-rurais-no-sul-de-ms16-06-16.html>. Acesso em 26/01/2017, às 20h30.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA. Disponível em <https://barbararodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/148892570/os-direitos-dos-povos-indigenas-no-ordenamento-juridico-brasileiro>. Acesso em 27/01/2017, às 20 h.

CULTURA. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/>. Acesso em 26/02/2017, às 21 h.

DECRETO DE DESAPROPRIAÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA. Disponível em <http://aquidauana.ms.gov.br/index.php?p=noticia&id=1354>. Acesso em 26/11/2017, às 21h30m.

DIANA, Daniela. **Cultura**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-indigena/2017>. Acesso em 18/02/2018, às 20 h.

DICIONÁRIO **PORTUGUÊS ON LINE**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/herdade>. Acesso em 07/04/2017, às 19 h.

ENEM. Disponível em: <https://enem.inep.gov.br>. Acesso em 28/11/2017, às 12h15.

FUNAI. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>. Acesso em 10.07.2017, às 10h30.

GOMES, Luciana; KABAD, Juliana; Artigo “**A produção da cerâmica pelas mulheres Terena: interfaces entre cultura material, gênero e território tradicional**”, Disponível em

[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAI/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2014/luciana%20scanoni%20gomes.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAI/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2014/luciana%20scanoni%20gomes.pdf). Acesso em 21/12/2015, às 22 h.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. Boletim Campineiro de Geografia, v. 2, nº 3, 2012. Disponível em [http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/viewFile/86/2012v2n3\\_Gottmann](http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/viewFile/86/2012v2n3_Gottmann). Acesso 15/03/2018, às 22 h.

GRUBITS, Sonia; FREIRE, Heloisa; NORIEGA, José, Artigo “**Influência de aspectos sociais e culturais na educação de crianças indígenas**”. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712009000300012&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000300012&lang=pt) Psico-USF (Impr.) vol.14 no.3 Itatiba Sept./Dec. 2009. Acesso em 21/12/2015, às 23 h.

GUARANI-KAIOWÁ. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/553> e <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>. Acesso em 10/02/2018, às 12 h.

HERDADE. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/herdade>. Acesso em 07/04/2017, às 19h30.

HIDROTOPÓNIMO. VILLAR, F. **Topónimos y Estratigrafía de las Lenguas**. In: \_\_\_\_\_; PRÓSPER, B. M. Vascos, celtas e indoeuropeos: genes y lenguas. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 13. 2005.

HISTÓRICO JURÍDICO. Disponível em <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3867>. Acesso em 26.01.2017, às 21h30.

JENIPAPO. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/jenipapo>. Acesso em 10/04/2017, às 20h14.

KADIWÉU. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kadiweu/262>. Acesso em 23/11/2017, às 19 h.

LINHAS FÉRREAS, Artigo. Disponível em: <http://cabana-on.com/Brasil/Curiosidades/curiosidades.html>. Acesso em: 06/06/2016, às 18 h.

LEIS AMBIENTAIS. Disponível em: <http://planetaorganico.com.br/site/index.php/meio-ambiente-as-17-leis-ambientais-do-brasil/>. Acesso em 19/02/2018, às 19 h.

MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON. Disponível em <http://educacao.uol.com.br/biografias>. Acesso em 24/05/2017, às 15h11.

MARTINS, Catarina. **Correio eletrônico pessoal**. Enviado em quinta-feira, 02/06/2016, às 04:51:53



MATO GROSSO, Disponível em <http://riosvivos.org.br>. Acesso em 26/11/2017, às 17h.

MOURA, Suzana. Artigo. 2012, Disponível em : [aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1\\_2014/abaetetuba/moju2012/fundamentos%20da%20educacao%20\\_%20profa.%20suzana%20moura\\_texto.pdf](http://aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ1_2014/abaetetuba/moju2012/fundamentos%20da%20educacao%20_%20profa.%20suzana%20moura_texto.pdf). Acesso em 21/12/2015, às 19 h.

NASCIMENTO, Elisangela M. C. e PEREIRA, Evelyn T. da S. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 297-306, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v14n2/a14v14n2.pdf>. Acesso em: 21/12/2015, às 18 h.

NOTÍCIA DO BRASIL DE FATO. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/13082/>. Acesso em 26/01/2017, às 21 h.

PADRES REDENTORISTAS. Disponível em: <https://perpetuosocorroms.com.br/missionarios-redentoristas>. Acesso em 26/11/2017, às 20 h.

PIBID DIVERSIDADE. Disponível em <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid-diversidade>. Acesso em 28/11/2017, às 12h23.

PLANALTO. Disponível em: Wikipédia dicionário on line. Acesso em 20/04/2016, às 18h.

PREFEITURA, **Reportagem**, Disponível em : <http://aquidauana.ms.gov.br/>. Acesso em 06/06/2016, às 18 h.

POPULAÇÃO INDÍGENA, 2010. Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3>. Acesso em 26/11/2017, às 18h15.

PORTARIA Nº 1.061 (de 30/10/2013). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2016-pdf/45841-pces317-16-pdf/file>. Acesso em 20/11/2017, às 20 h.

REDE DE SABERES. Disponível em <https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com>. Acesso em 28/11/2017, às 12h28.

REPORTAGEM. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb014\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pceb014_99.pdf). Acesso em 06/02/2018, às 18 h.

REPORTAGEM 1. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf). Acesso em 06/02/2018, às 20 h.

REVISTA MEDIEVALISTA ON LINE, Ano 1, Número 1, 2005, Lisboa, Artigo de António Rei, Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA1/medievalista-andalus.htm>. WIKIPEDIA, ES., [https://es.wikipedia.org/wiki/Alcal%C3%A1\\_la\\_Real](https://es.wikipedia.org/wiki/Alcal%C3%A1_la_Real). Acesso em 07/04/2017, às 19 h.

REFERENCIAL curricular nacional para as escolas indígenas/ministério da educação e do desporto. Disponível em: Referencial Curricular para as Escolas Indígenas. Acesso em 06/02/2018, às 22 h.

SÃO PEDRO DE TERENA. Disponível em <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-terena>. Acesso em 26/11/2017, às 18 h.

SILVA JR, Juarez C. **Raça e Etnia**, 2005, sem nº página. Disponível em: [http://amazonida.orgfree.com/movimentoafro/raca\\_e\\_etnia.htm](http://amazonida.orgfree.com/movimentoafro/raca_e_etnia.htm). Acesso em 09/11/2017, às 21 h.

\_\_\_\_\_. **Não queríamos ser racistas**. 2007, sem nº página. Disponível em: [http://amazonida.orgfree.com/movimentoafro/nao\\_queriamos\\_ser\\_racistas.htm](http://amazonida.orgfree.com/movimentoafro/nao_queriamos_ser_racistas.htm). Acesso em 09/11/2017, às 20h20m.

SISU. Disponível em: [https://sisu.mec.gov.br/sisu#o\\_que\\_e](https://sisu.mec.gov.br/sisu#o_que_e). Acesso em 28/11/2017, às 12h.

SPI. Disponível em <https://barbararodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/148892570/os-direitos-dos-povos-indigenas-no-ordenamento-juridico-brasileiro>. Acesso em 27/01/2017, às 20 h.

TERENOE. Disponível em: <http://triboterena.blogspot.pt/2011/05/indios-do-brasil.html>. Acesso em 23/11/2017, às 15 h.

TERERÉ. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/terer%C3%A9/>. Acesso dia 07/11/2017, às 19h50.

WANDERLEI DIAS CARDOSO. Disponível em <http://gshow.globo.com/TV-Morena/Meu-MS/noticia/2015/10>. Acesso em 26/11/2017, às 19 h.



Comércio da Aldeia Limão Verde na cidade de Aquidauana. Fonte: Ferreira, 2007

## ANEXOS



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Projeto:** Identidade Terena: a valorização do passado e o olhar para o futuro – estudo relacional de aldeias Terena em Aquidauana e Anastácio/MS.

**Pesquisadora:** Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha

**Orientador:** Prof<sup>o</sup> Dr. José Carlos de Paiva

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, dou o consentimento livre e esclarecido, a Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha, aluna do Programa Doutoral da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/Portugal. Sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. José Carlos de Paiva. Depois de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou entrevista, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha do projeto de pesquisa intitulado Identidade Terena: a valorização do passado e o olhar para o futuro – estudo relacional de aldeias Terena em Aquidauana e Anastácio/MS. A realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos e entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides). Os dados pessoais, que por ventura o entrevistado quiser colocar, serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão registrados em literatura especializada em produção científica, cópia do trabalho será entregue a Funai e ao entrevistado. Não será utilizado nenhum procedimento que cause prejuízo ou desconforto na exposição das suas ideias, valores socioculturais. Assim não há indenização ou ressarcimento de despesas. Poderei contatar e obter maiores informações com a professora responsável pela pesquisa Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha pelo e-mail: facdf@hotmail.com.

10 de junho de 2016.

---

Nome e assinatura do pesquisador

## Anexo 2

**Questionário com 06 questões previamente elaboradas, aplicadas a 90 alunos do 6º ano ao 9º ano da Escola da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.**

**Questionário com 06 questões previamente elaboradas, aplicadas a 27 alunos do 1º ano ao 3º ano, do Ensino Médio, da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia do Bananal.**

### IDENTIDADE TERENA: A VALORIZAÇÃO DO PASSADO E O OLHAR PARA O FUTURO

Tensões e conflitos existentes no modo de preservar a identidade Terena, valorizando o passado e olhando para o futuro.

1.O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?

---

2.Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?

---

3.Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou bullying) em se identificar como indígena Terena?

---

4- Se a resposta da questão número 3 for SIM, isso te impede de manter viva a sua cultura ou te incentiva ainda

mais? \_\_\_\_\_

5.Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?

---

6.O que pretende para o futuro?

---

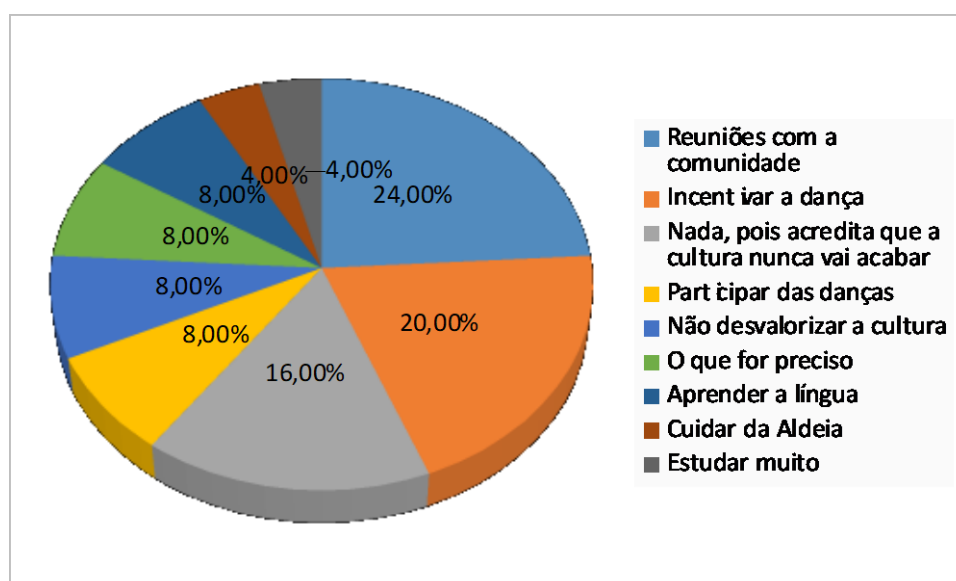
## Anexo 3

### 6º Ano – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas aos alunos do 6º ano da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.

#### Alunos do 6º Ano - 25 alunos

**Gráfico 1 - 6º Ano. O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**



Fonte: Cunha, 2017

Entre os alunos do 6º ano, da Aldeia do Limão Verde, foi a dança muito valorizada, sendo “escolhidos” para dela participar aqueles que têm boas notas, aqueles que são corretos, que valorizam a família, etc. Esses são selecionados para participar de todo o processo de preparação para a dança: do primeiro momento, que é buscar com os demais companheiros, na mata, o material necessário para a confecção de sua roupa, da confecção, das reuniões e dos ensaios. Ali, aprendem o que devem fazer, como devem se portar e como devem fazer suas pinturas, sua tatuagens, todas em jenipapo<sup>42</sup> – uma fruta típica do cerrado e existente na área da aldeia – as quais, com o tempo, deverão desaparecer.

De acordo com Le Breton (2004, p. 9), é preciso acrescentar algo ao seu corpo para que tenha sua marca própria e, hoje, existem vários recursos, tais como *piercing* (furo na pele para colocar um

42 Jenipapo: Nome científico: *Genipa americana* L., fruto do jenipapeiro, de cor escura e casca rugosa e murcha, com polpa marrom clara e numerosas sementes pardas e achatadas, utilizada como matéria-prima alimentícia de doce, licor, xarope, vinho e quinino. Também utilizada para tintura em tecidos, artefactos de cerâmica e tatuagem. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/jenipapo>, acesso em 10/04/2017, às 20h14m)

objeto), *stretching* (alargamento do *piercing* para colocar uma peça mais volumosa), entre outros. “[...] um estribo identificativo que permite reconhecer-se e reivindicar-se como ele próprio”.

Se a tatuagem das sociedades tradicionais repete formas ancestrais gravadas numa filiação, as marcas contemporâneas, pelo contrário, têm em primeiro lugar um objectivo de individualização e estético; são, com efeito, algumas vezes formas simbólicas de entrega ao mundo, mas sob uma forma estritamente pessoal, recorrendo mesmo a motivos que apenas pertencem a si próprio. (LE BRETON, 2004: 12)

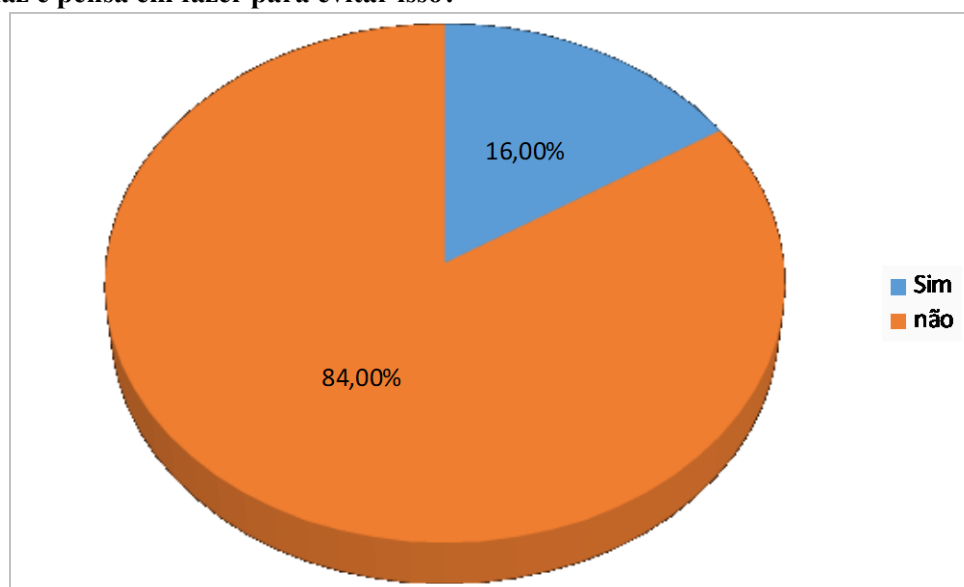
Para o autor, o sinal na pele tem valor de decoração, traduz uma vontade estética em relação a si. No caso, a tatuagem permanente é considerada um sinal de embelezamento do corpo. Assim, a tatuagem com tinta de jenipapo – não há dor, pois é apenas o sumo da fruta e alguns gravetos a encostar na pele, com duração limitada e que sairá em questão de dias – é uma pintura tradicional dos Terena e representa a sua vontade estética sobre si.

Concordo com a afirmação de Le Breton (2004) de que as tatuagens provocam o olhar e atraem atenções, pois são uma forma de comunicação, de se dar valor, além de que haverá a apreciação dos demais e a escolha dos motivos nem sempre tem um simbolismo conhecido. No caso, “A pele torna-se uma tela e exige expectadores” (2004, p. 152).

Quanto mais elaborado seu desenho, seus traços, mais chamará a atenção daqueles que estão assistindo à apresentação das danças.

Le Breton (2004, p. 173) cita os ritos de passagem que acontecem em numerosas sociedades humanas; as marcas corporais estão associadas a esses ritos, a tatuagem tem valor de identificação e mostra a pertença de um sujeito a um grupo, a sua linhagem, ao clã ou ao grupo etário. Não ser marcado é não ter identidade.

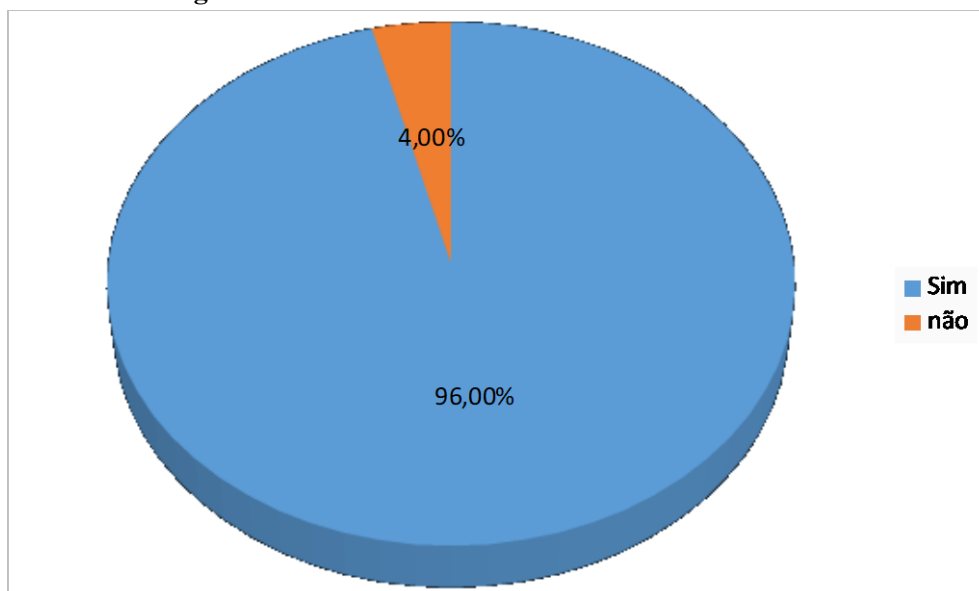
**Gráfico 2 - 6º Ano. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**





Na segunda questão, as reuniões com a comunidade se fizeram presentes, seguidas do incentivar a dança, por serem os alunos, talvez, de idade próxima à turma do 6º ano, mas diminuindo praticamente pela metade. Acreditam que a cultura nunca acabará.

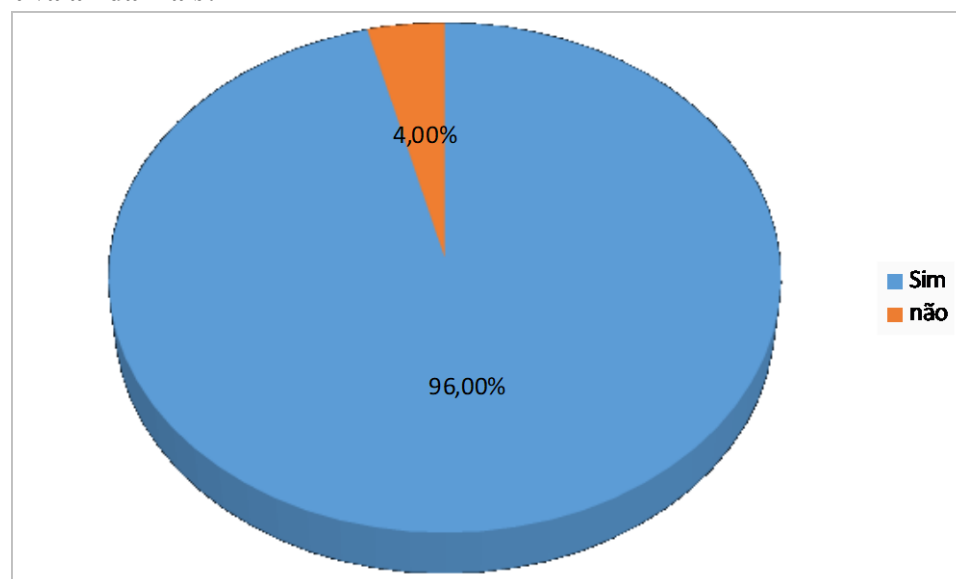
**Gráfico 3 - 6º Ano. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



Fonte: Cunha, 2017

É necessário saber como os Terena veem e como pensam a respeito, pois conflitos deverão surgir ao se apoderarem dos estudos, ao se prepararem para uma vida futura. Apesar de o resultado ser bem expressivo quanto a não sentirem vergonha de serem índios, algumas vezes renegam a própria etnia, dizendo-se não índios para conseguir trabalho ou avançar nos estudos.

**Gráfico 4 - 6º Ano. Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**

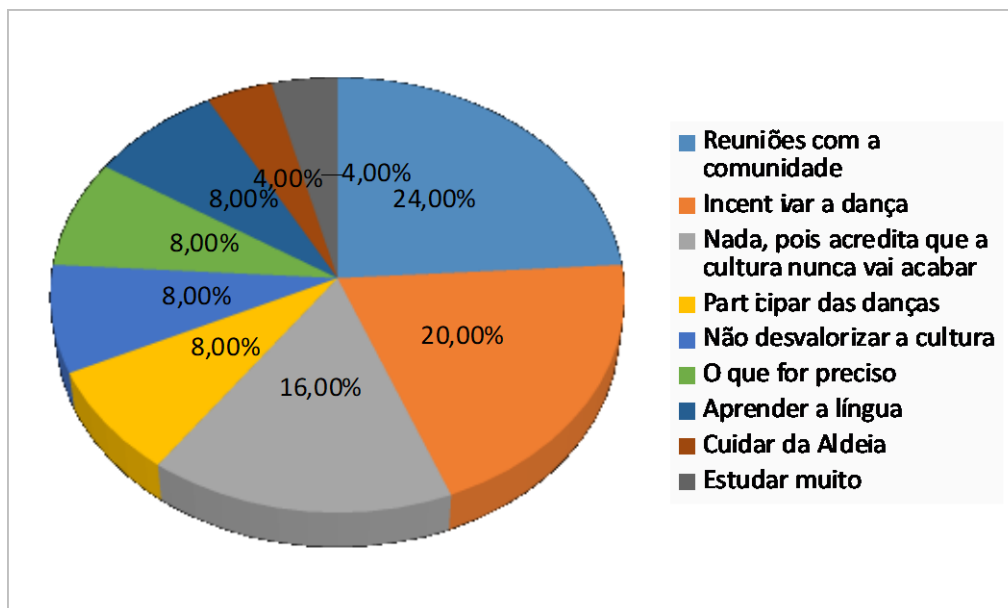


Fonte: Cunha, 2017

Apesar de responderem que não sofrem preconceitos, que não existe conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificarem como indígenas Terena, praticamente todos responderam que pretendem manter viva a cultura, embora, em alguns momentos, digam que não sabem como fazer ou proceder e que isso os incentiva ainda mais a manter viva a cultura.

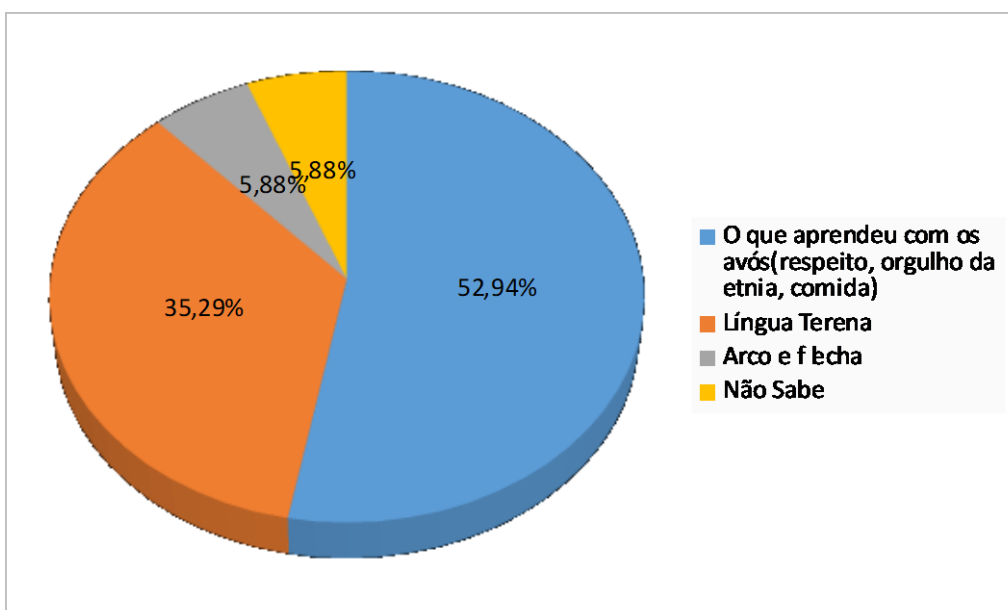
Ao se empoderar, a cultura se firma com um futuro mais sólido, em um mundo cheio de expectativas. Nesse sentido, concordo com Martins (2016) no que diz respeito à necessidade de levar em consideração que todos vivem em diferentes tempos, que há comunidades cuja herança deixada é outro tipo de experienciar o tempo, que alguns conflitos de identidade acontecem nesse confronto.

**Gráfico 5 - 6º Ano. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 6 - 6º Ano. O que pretende para o futuro?**



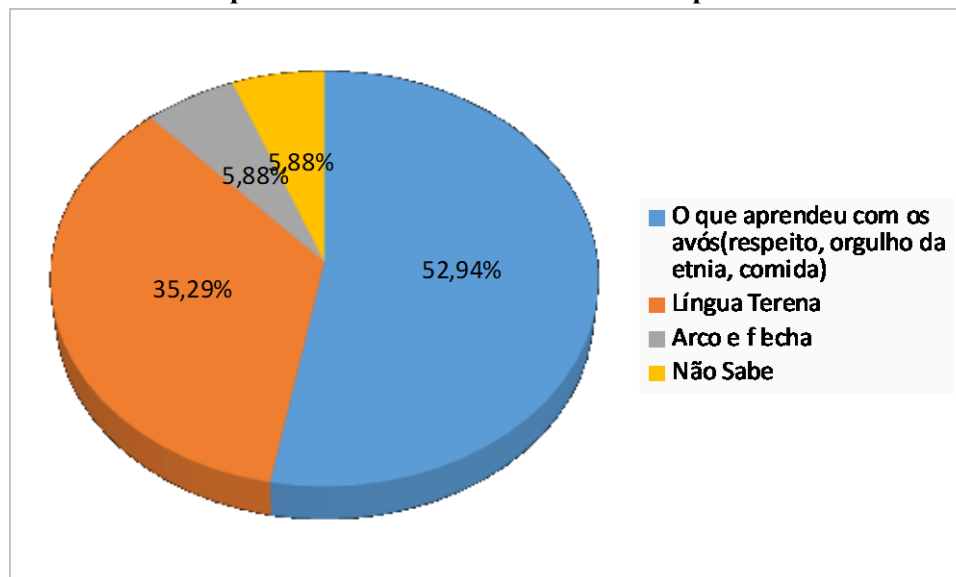
Fonte: Cunha, 2017

## 7º Ano – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas aos alunos do 7º ano A, da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.

### Alunos do 7º Ano A - 17 alunos

**Gráfico 1 - 7º Ano A. O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**



Fonte: Cunha, 2017

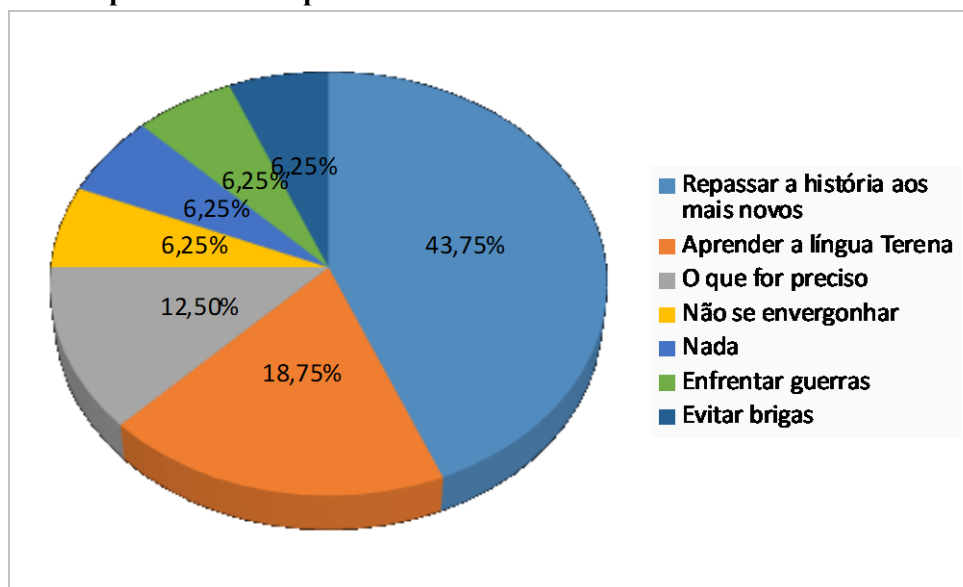
A grande maioria dos alunos relatou que o que aprendeu com os avós é muito importante: o respeito pela etnia e o orgulho da etnia. Crescem assim, com esses repasses, aumentando seus conhecimentos. Sobre a transmissão da “experiência” dos mais velhos, trago a fala de Larrosa (2002, p. 21):

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, ‘o que nos passa’. Em português se diria que a experiência é ‘o que nos acontece’; em francês, a experiência seria ‘Ce que nous arrive’, em italiano, ‘quello Che nos succede’ ou ‘quello Che nos accade’; em inglês, ‘that what is happening to us’; em alemão, ‘was mir passiert’. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Essas experiências repassadas pelos mais velhos seriam realmente apreendidas pelos mais jovens ou seriam apenas informações adicionais a seu dia? De acordo Larrosa (2002, p. 23), a experiência está cada vez mais rara devido à falta de tempo, tudo se “passa demasiadamente depressa” e “a informação não é experiência”. Quanto a esse pensamento, discordo, pois, na aldeia, o tempo

corre mais calmo e devagar, certamente com tempo para longas conservas e repasses de experiência e informações já vividas. Começam a perceber a importância da língua no dia a dia, a necessidade de preservar a sua diversidade, pois assim poderão repassar esses conhecimento aos demais componentes da sua aldeia para que ela não se perca no tempo.

**Gráfico 2 - 7º Ano A. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**



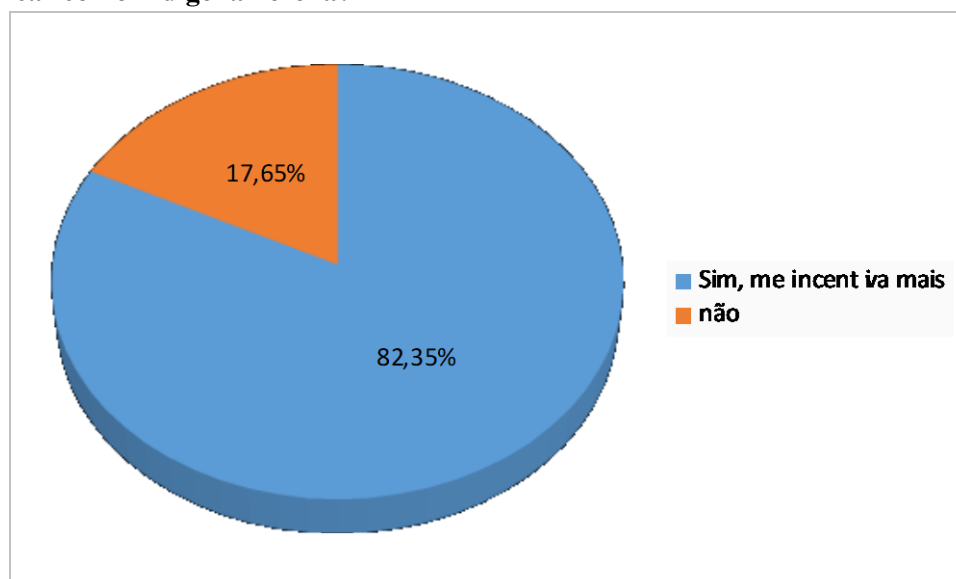
Fonte: Cunha, 2017

Da mesma forma como aconteceu com a pergunta anterior, a valorização da cultura é um ponto importante e se dá pela transmissão dos ensinamentos dos mais velhos, pelo repasse das histórias aos mais novos. Assim, transmitindo às novas gerações, resguardam os ensinamentos que eles aprenderam ao longo da vida.

Lévi-Strauss (2006, p. 15) relata que o problema da diversidade não se põe apenas ao propósito das culturas encaradas nas suas relações recíprocas, pois existe “no seio de cada sociedade, em todos os grupos que a constituem: classes, meros profissionais ou confessionais, etc., desenvolvem determinadas diferenças às quais cada uma delas atribui uma extrema importância”.

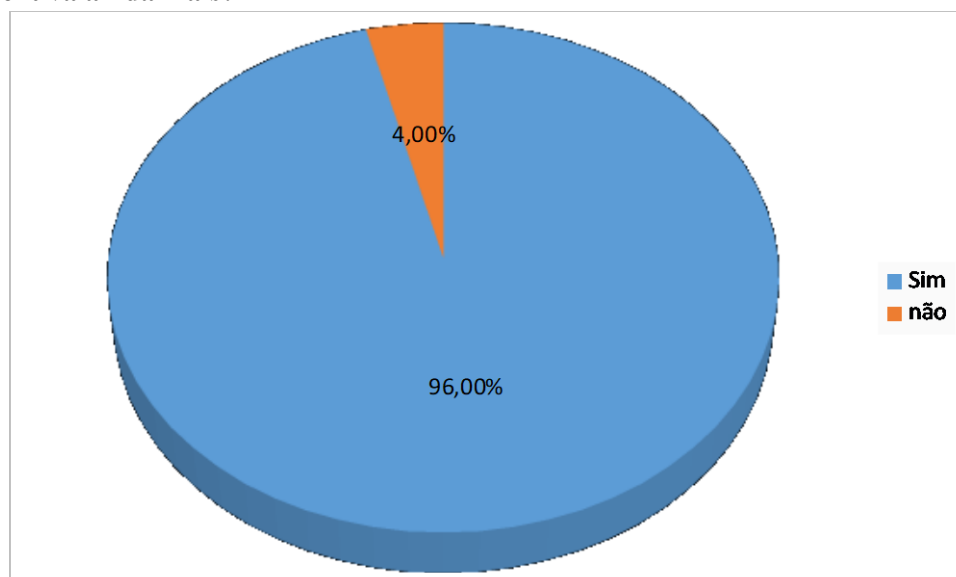
Para esse grupo do 7º ano, o que é mais importante é o repasse de informações, das histórias vividas e sofridas pelos seus avós ou anciões da aldeia, que podem fazer renascer algo que julgavam perdido: a memória que eles têm do passado. Apenas pelo fato de escutarem, aprenderão cada vez mais e, assim, valorizarão mais a sua cultura.

**Gráfico 3 - 7º Ano A. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 4 - 7º Ano A. Se a resposta for sim, isso impede **você** de manter viva a sua cultura ou incentiva ainda mais?**

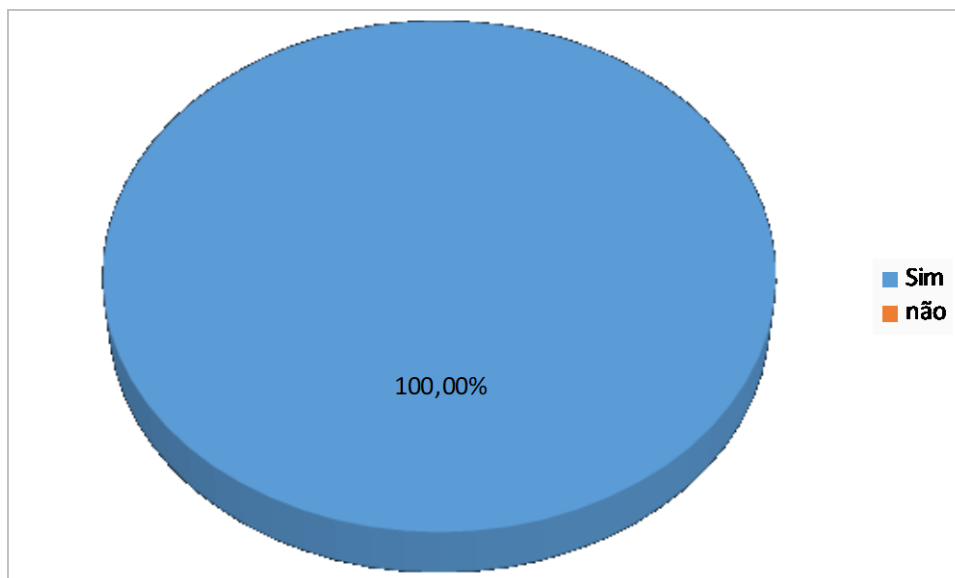


Fonte: Cunha, 2017

Conforme Lévi-Strauss (2006, p. 35), “cada membro de uma cultura é-lhe tão estreitamente solidário [...]”, porque, desde o nosso nascimento, o ambiente que nos cerca, faz penetrar em nós, mediante milhares de diligências conscientes e inconscientes, um complexo de referências que consistem em juízos de valor, motivações, centros de interesse, inclusive, a visão reflexiva

que a educação nos impõe do dever histórico da nossa civilização, sem a qual se tornaria impensável ou apareceria em contradição às condutas reais. Percebi uma leve redução na resposta com relação à turma do 6º ano que, praticamente, foi unânime na resposta de que o incentiva mais. O que acontece é que cada turma tem o seu modo particular de ver as coisas e de resolver suas questões, rever seus valores, para poder emitir uma opinião.

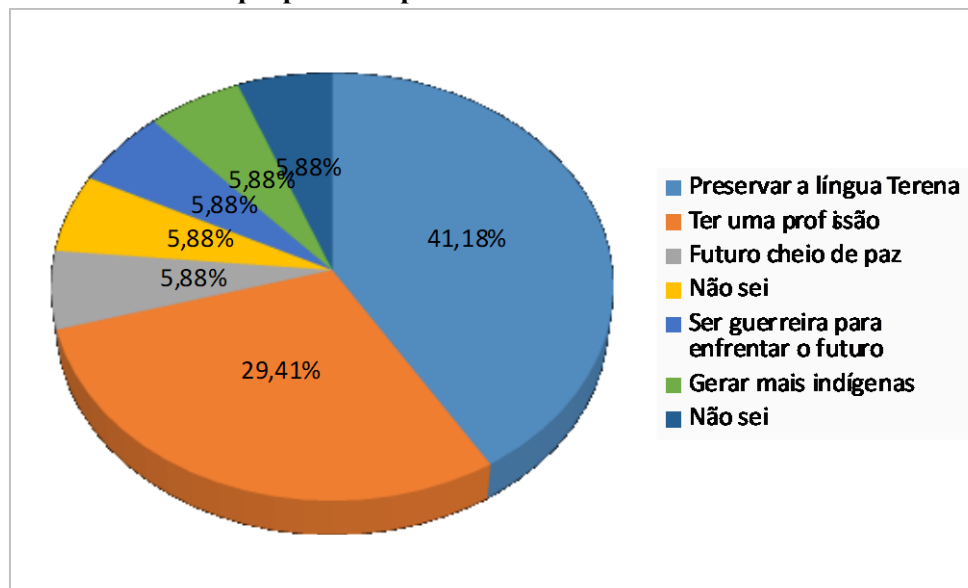
**Gráfico 5 - 7º Ano A. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

Todos os alunos do 7º Ano A responderam que sentem orgulho da sua etnia.

**Gráfico 6 - 7º Ano A. O que pretende para o futuro?**



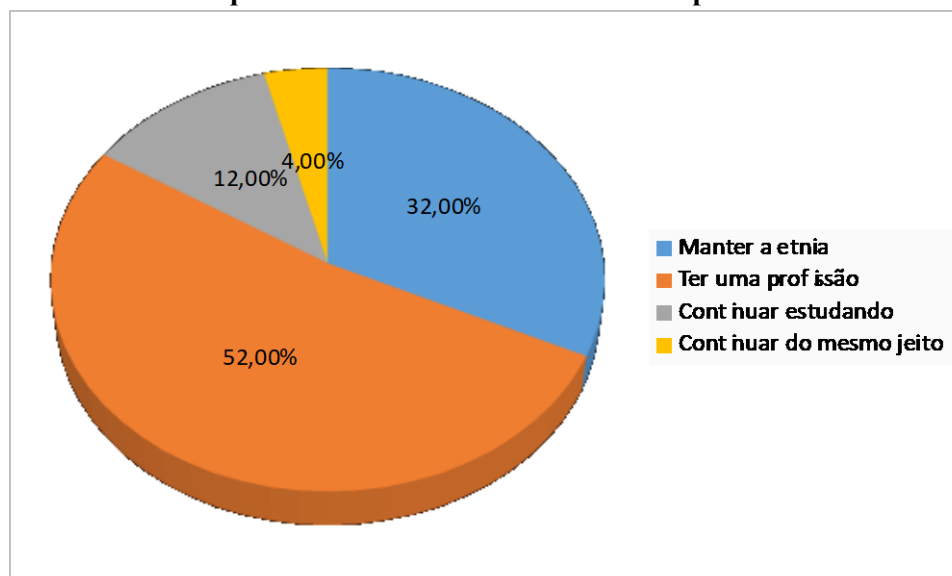
Fonte: Cunha, 2017

### 7º Ano B – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas aos alunos do 7º ano B, da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.

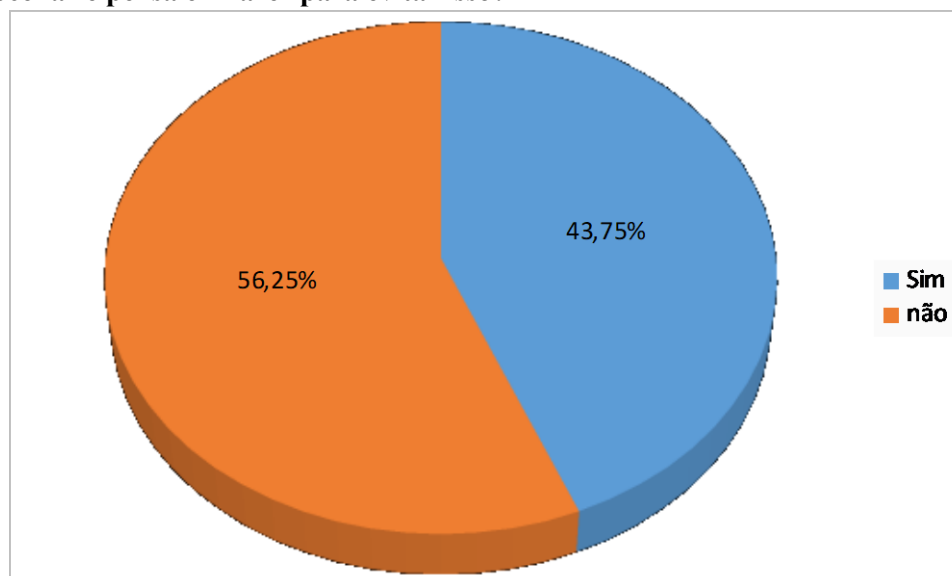
#### Alunos do 7º Ano B - 16 alunos

**Gráfico 1 - 7º Ano B. O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**



Fonte: Cunha, 2017

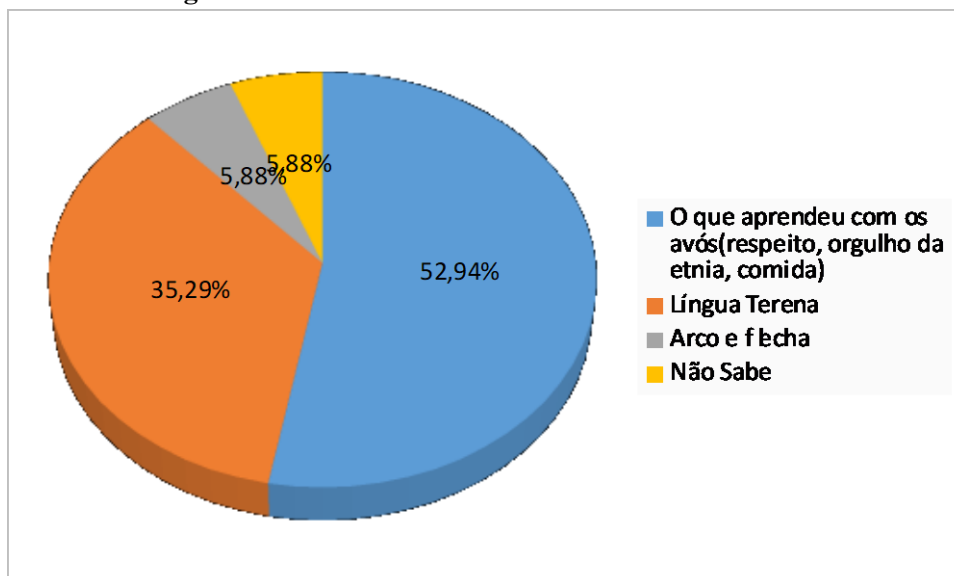
**Gráfico 2 - 7º Ano B. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**



Fonte: Cunha, 2017

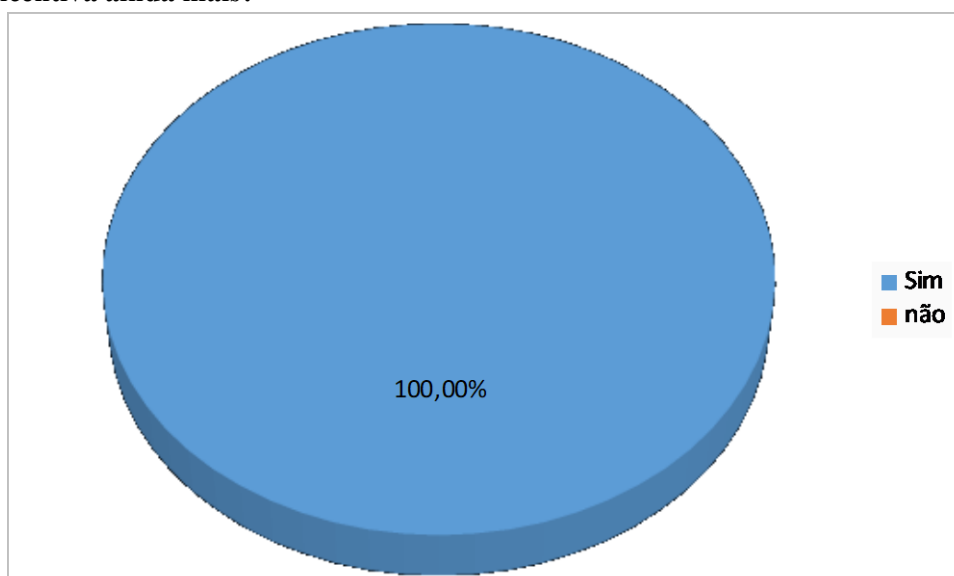


**Gráfico 3 - 7º Ano B. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



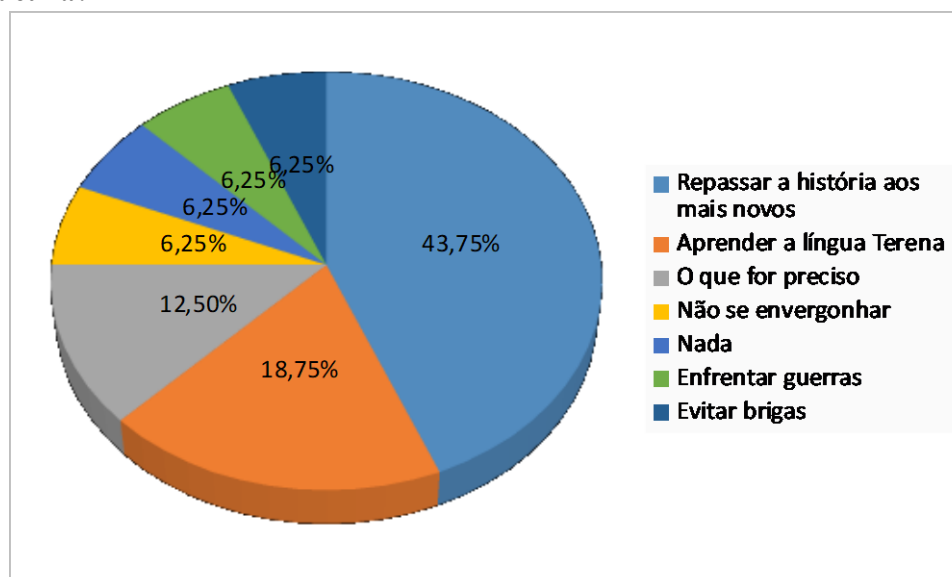
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 4 - 7º Ano B. Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**



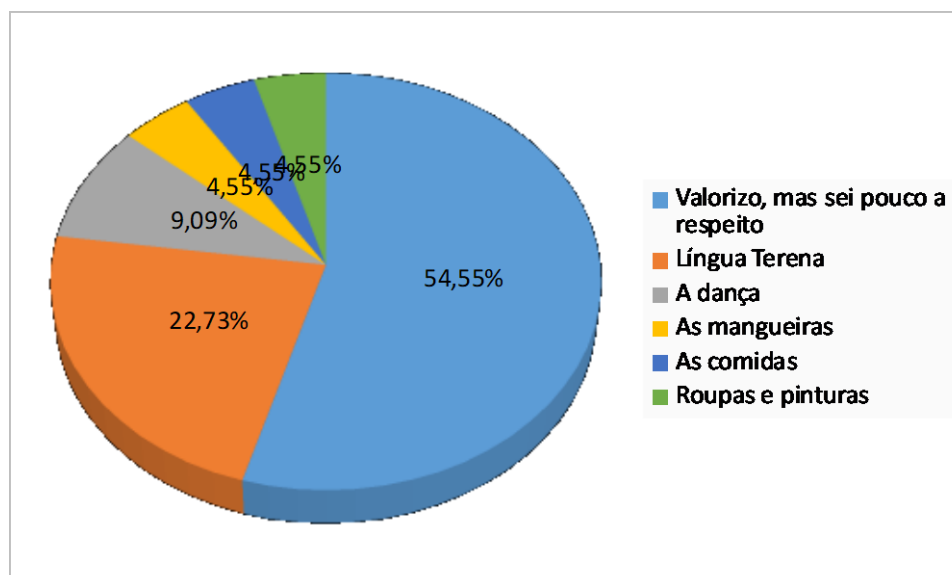
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 5 - 7º Ano B. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 6 - 7º Ano B. O que pretende para o futuro?**



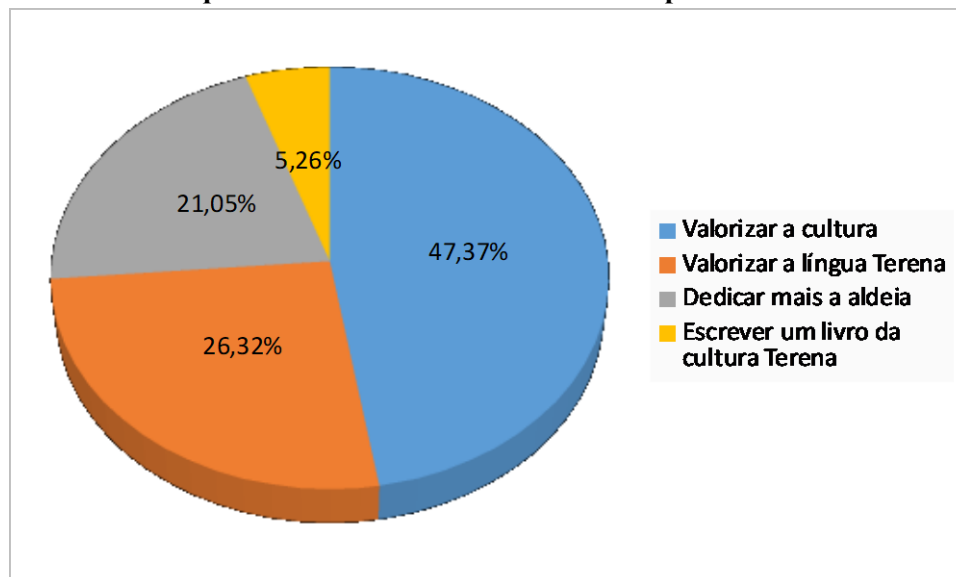
Fonte: Cunha, 2017

## 8º Ano – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas aos alunos do 8º ano da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.

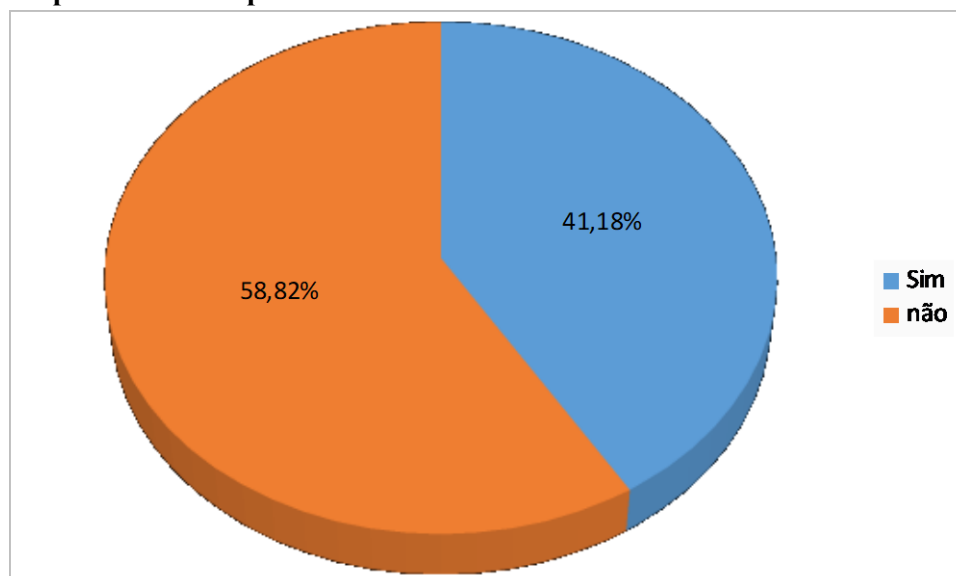
### Alunos do 8º Ano - 19 alunos

**Gráfico 1 - 8º Ano. O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**



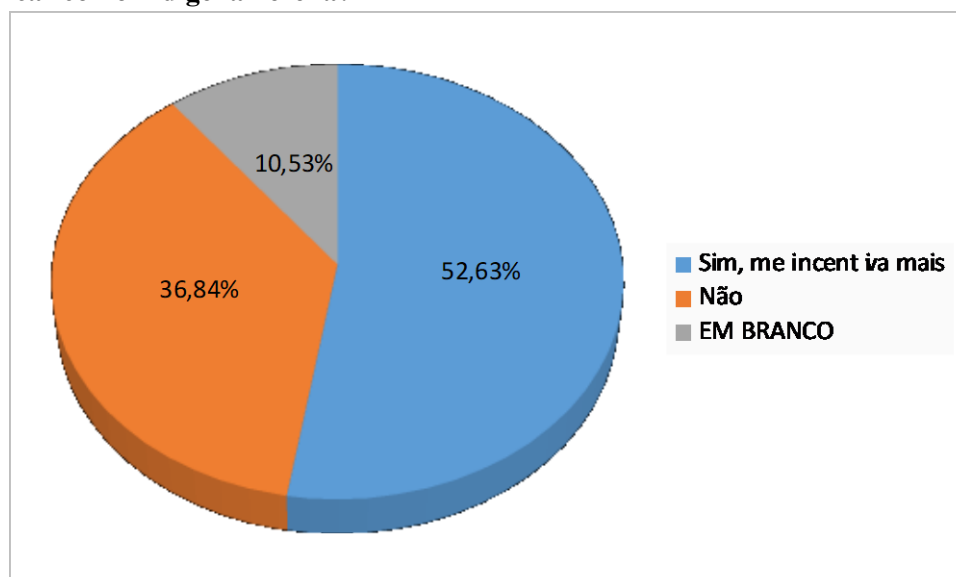
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 2 - 8º Ano. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**



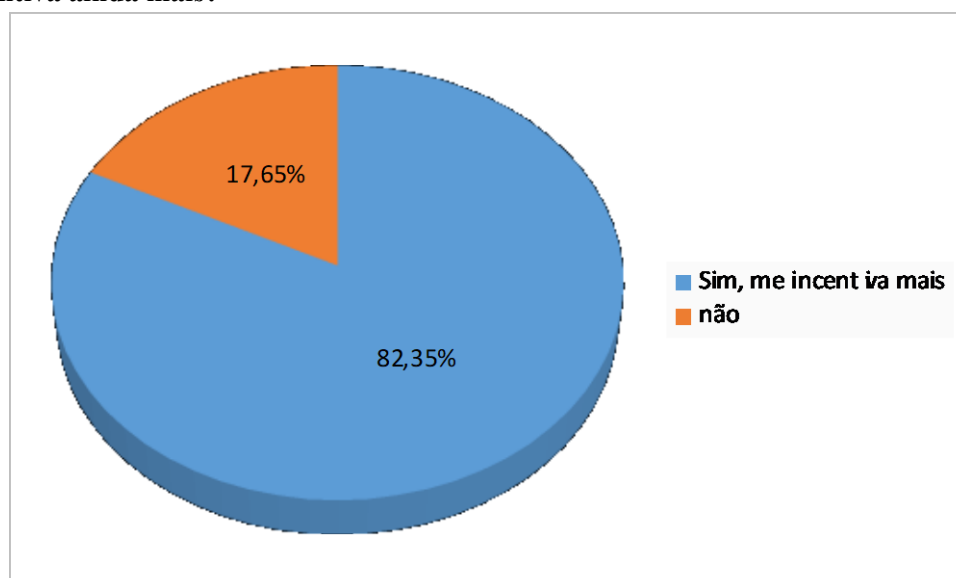
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 3 - 8º Ano. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



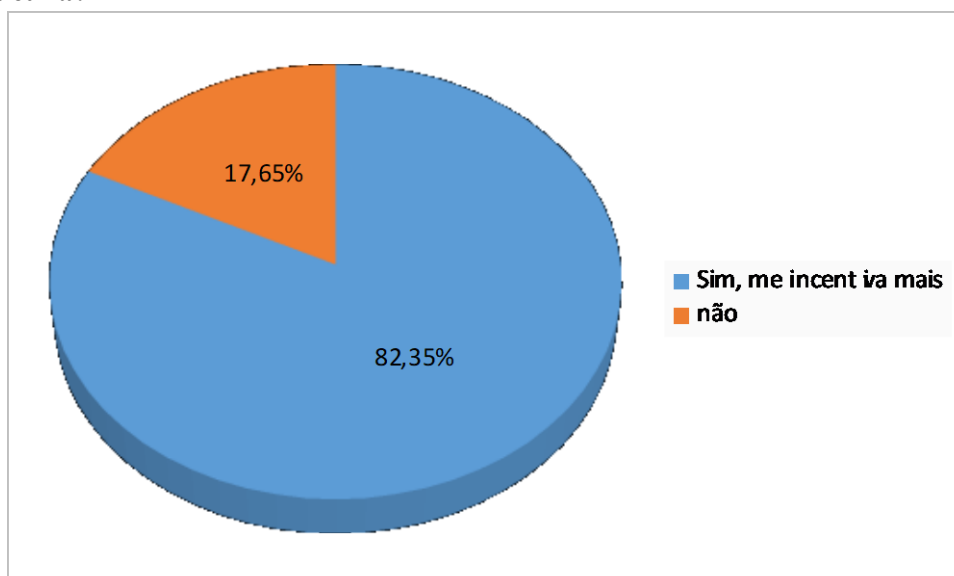
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 4 - 8º Ano. Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**



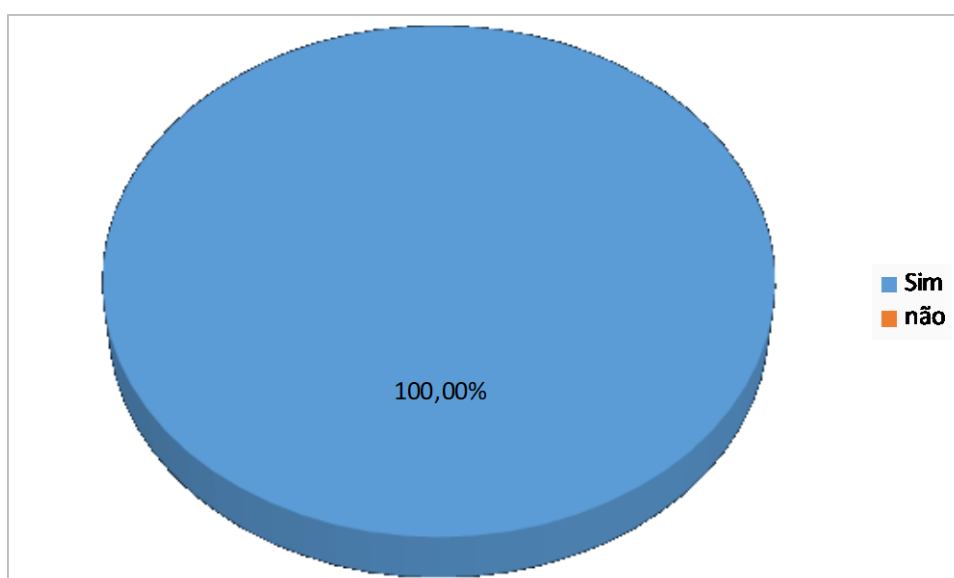
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 5 - 8º Ano. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 6 - 8º Ano. O que pretende para o futuro?**



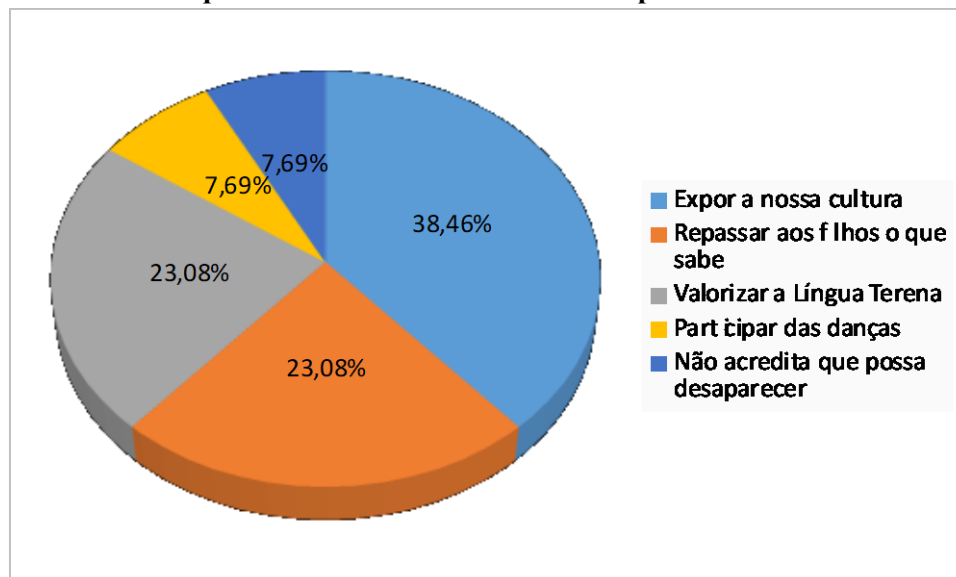
Fonte: Cunha, 2017

## 9º Ano – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas aos alunos do 9º ano da Escola Municipal Indígena Lutuma Dias, da Aldeia Indígena do Limão Verde.

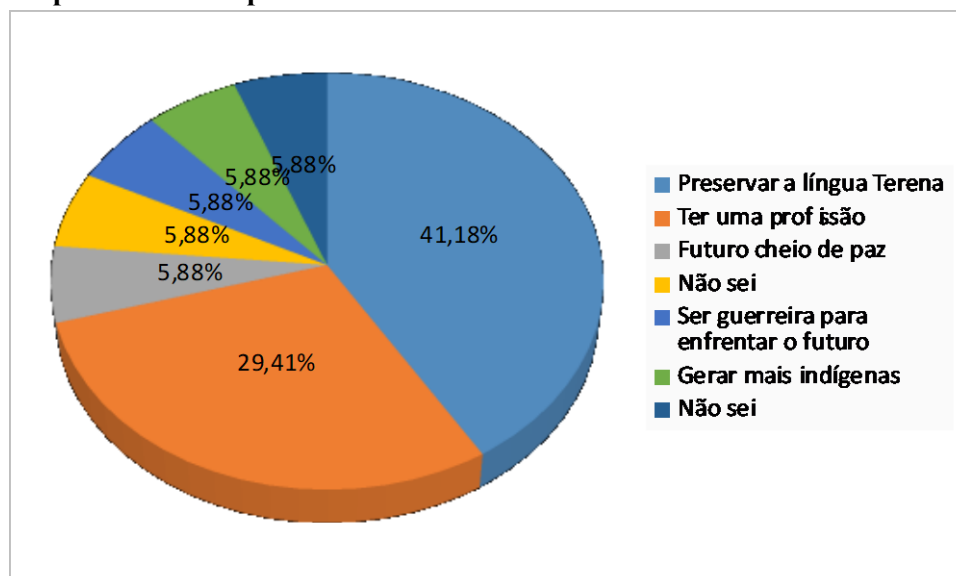
### Alunos do 9º Ano - 13 alunos

**Gráfico 1 - 9º Ano. O que vc sabe e valoriza dos seus antepassados?**



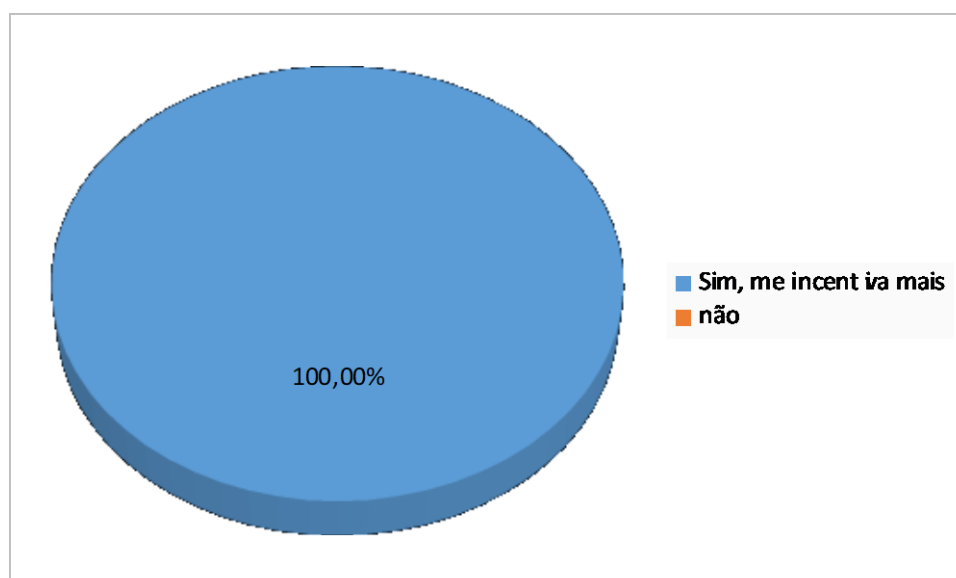
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 2 - 9º Ano. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**



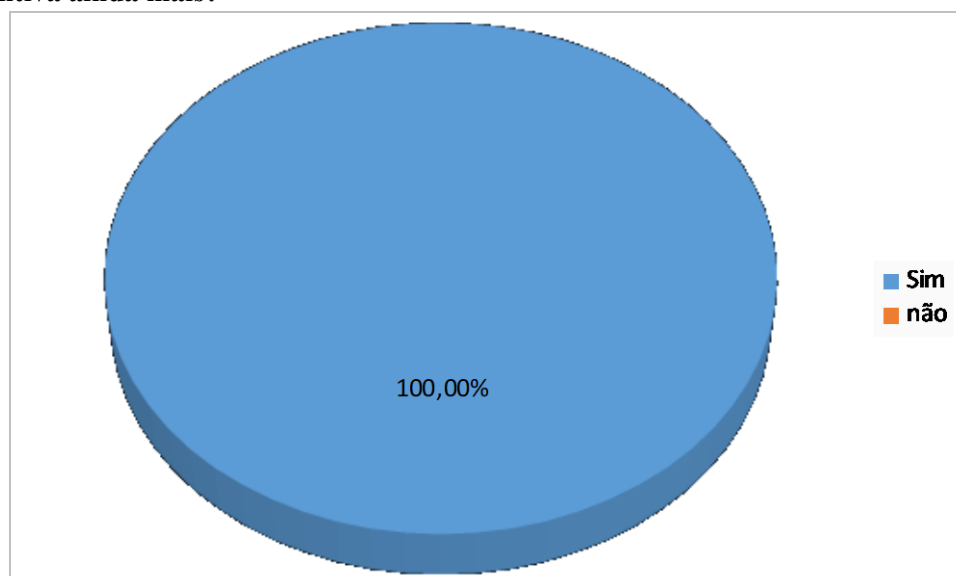
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 3 - 9º Ano. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



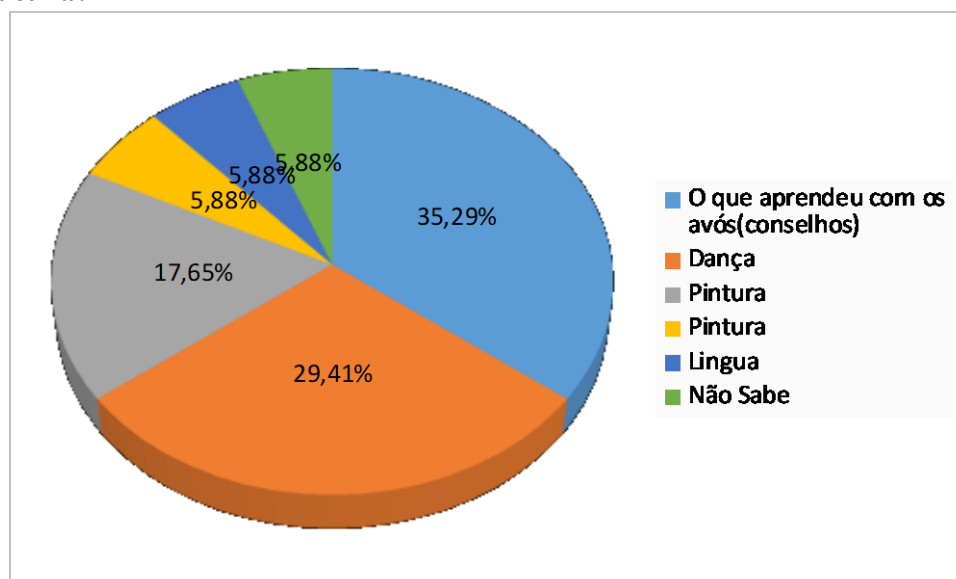
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 4 - 9º Ano. Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**



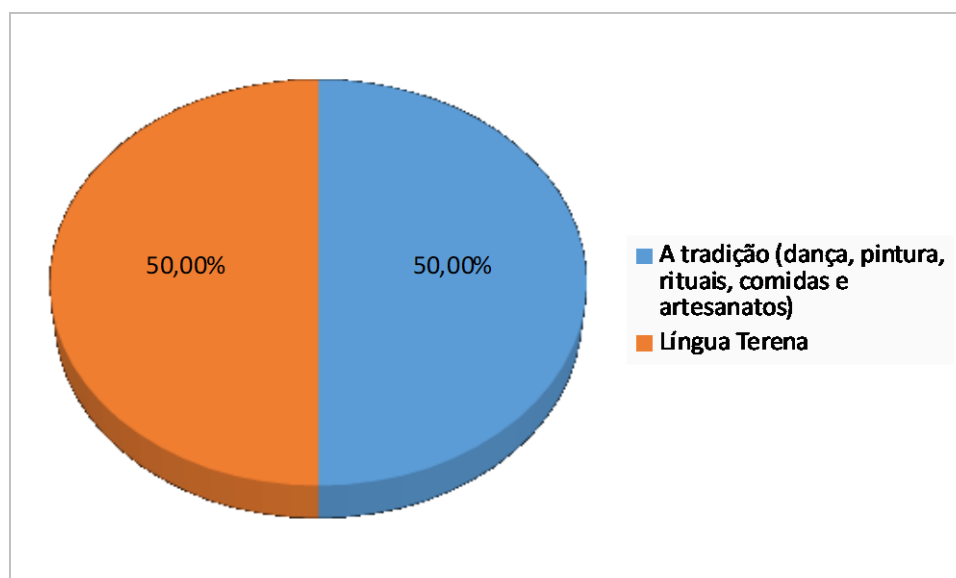
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 5 - 9º Ano. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 6 - 9º Ano. O que pretende para o futuro?**



Fonte: Cunha, 2017



## Resultado final da pesquisa feita com os alunos do 6º ao 9º ano

**Total de Participantes: 90 alunos**

**1. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?

Série	Língua Terena	Dança	Tradição pintura, rituais, comidas, mangueira, artesanatos	O que aprendeu com os avós – história repassada	Valorizo, mas sei pouco a respeito.
6º*	04	22	25	00	00
7º A	06	00	01	09	01
7º B	01	05	03	06	01
8º*	05	02	03	00	12
9º	01	00	01	11	00
Total	17	29	33	26	14

\* Algumas falas são repetidas

**2. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?

Série	Língua Terena	Dança	Valorizar a cultura	Cuidar da aldeia	Repassar o que aprendeu	Nada	Outros: reuniões, estudar, não se envergonhar, etc.
6º	02	07	02	01	00	04	07
7º A	05	00	00	00	07	01	04
7º B	00	00	09	00	03	02	02
8º	05	02	09	04	00	00	01
9º	03	01	05	00	03	00	01
Total	15	10	25	05	13	07	15

**3. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullyng*) em se identificar como indígena Terena?

Série	Sim	Não
6º	04	21
7º A	07	10
7º B	07	09
8º	03	16
9º	09	04
Total	30	60

**4. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?

Série	Em branco	Sim, me incentiva	Não impede
6º	08	07	10
7º A	00	00	17
7º B	00	03	13
8º	02	10	07
9º	00	13	00
Total	10	33	47

**5. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?

Série	Sim	Não
6º	24	01
7º A	17	00
7º B	16	00
8º	19	00
9º	13	00
Total	89	01

**6. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano:** O que pretende para o futuro?

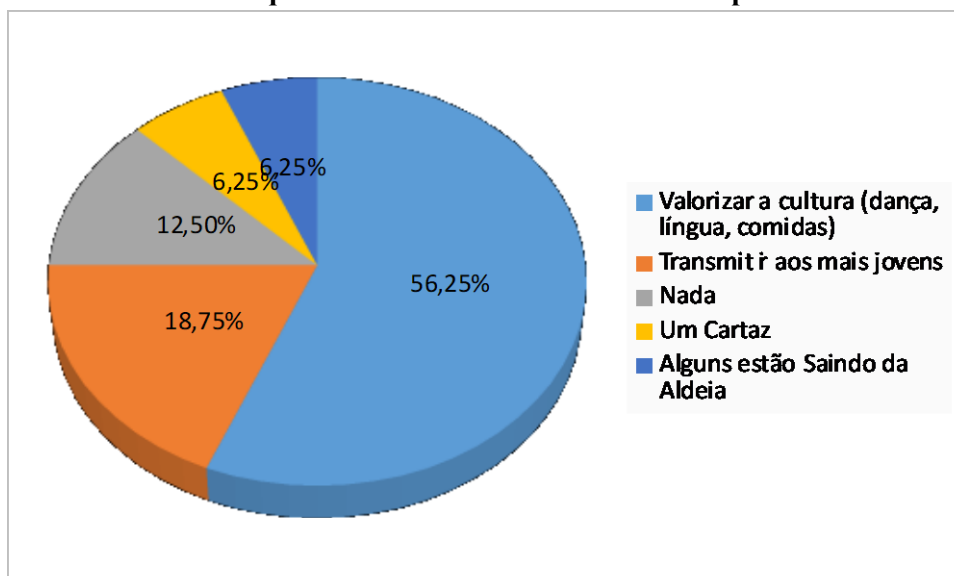
Série	Ter uma profissão	Manter a etnia e repassar os conhecimentos	Continuar estudando	Não sei	Outros: futuro feliz, gerar filhos, melhoria na saúde e educação, ser cacique, etc.
6º	13	08	03	00	01
7º A	05	07	00	02	03
7º B	07	02	06	00	01
8º	00	12	03	00	04
9º	00	00	11	00	02
Total	25	29	23	02	11

## 1º Ano ao 3º Ano – Questionário e análise dos dados

Questionário com 06 questões previamente elaboradas e aplicadas a 27 alunos do 1º ano ao 3º ano da Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Domingos Veríssimo Marcos, da Aldeia do Bananal.

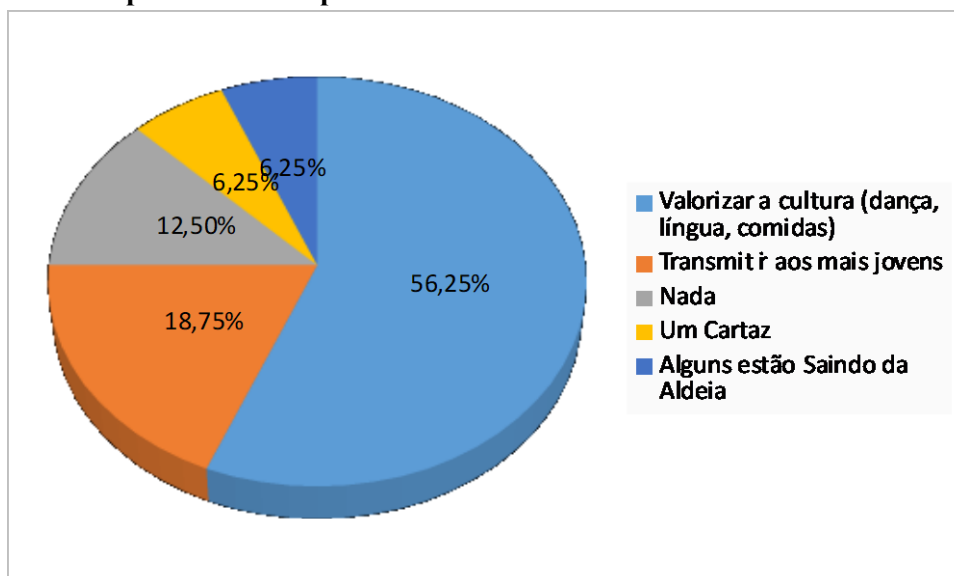
### Alunos Ensino Médio - 1º ao 3º ano - 27 alunos

**Gráfico 1 - 1º ao 3º Ano. O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**



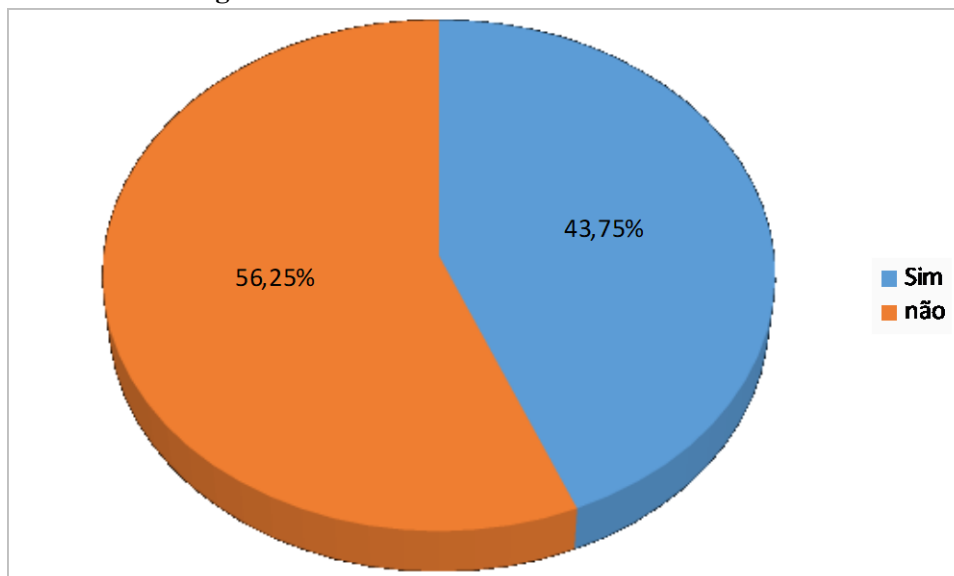
Obs.: 3 falas repetidas      Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 2 - 1º ao 3º Ano. Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**



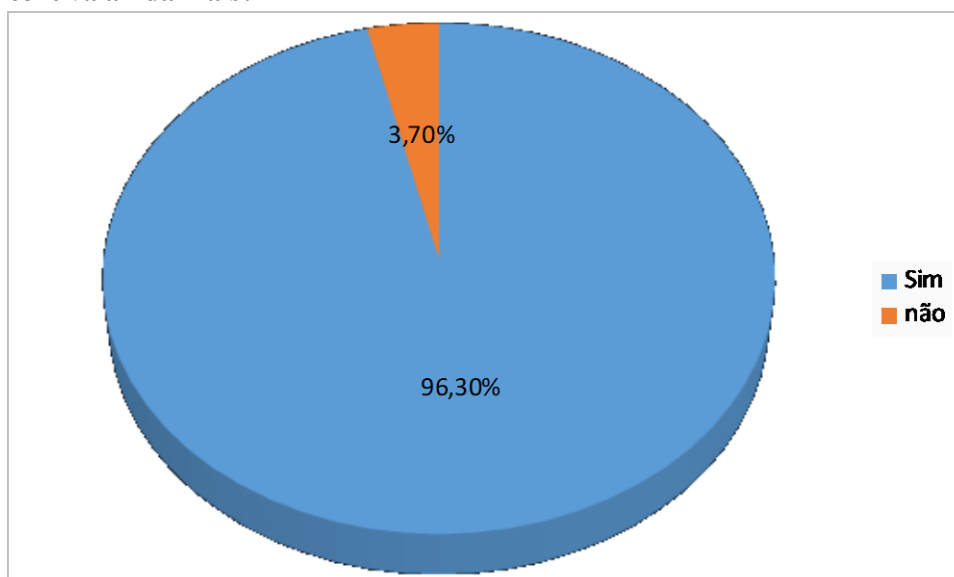
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 3 - 1º ao 3º Ano. Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**



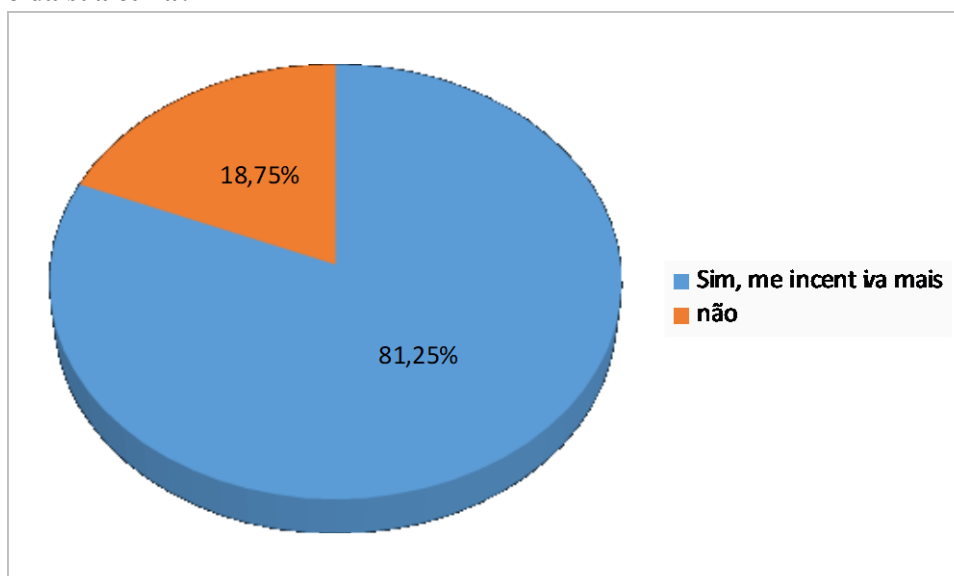
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 4 - 1º ao 3º Ano. Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**



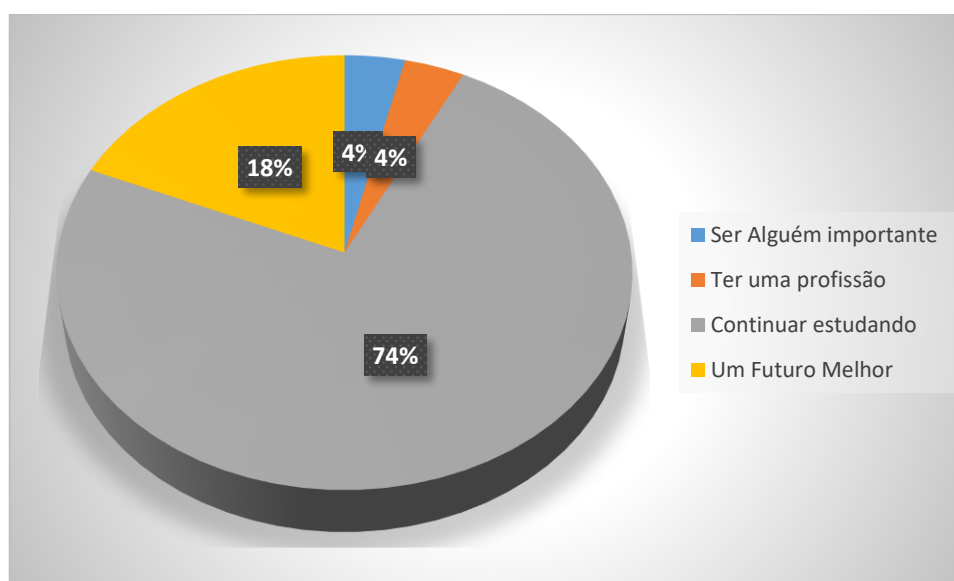
Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 5 - 1º ao 3º Ano. Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?**



Fonte: Cunha, 2017

**Gráfico 6 - 1º ao 3º Ano. O que pretende para o futuro?**



Fonte: Cunha, 2017

## Resultado final da pesquisa feita com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano

Total de participantes: 27 alunos

**1. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?

Série	Língua Terena	Dança	Tradição pintura, rituais, comidas, mangueira, artesanatos	O que aprendeu com os avós – história repassada	Valorizo, mas sei pouco a respeito.
1º ao 3º ano	15	00	15	00	00
Total	15	00	15	00	00

\* 03 falas repetidas

**2. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?

Série	Língua Terena	Dança	Valorizar a cultura	Cuidar da aldeia	Repassar o que aprendeu	Nada	Outros: reuniões, estudar, não se envergonhar, etc.
1º ao 3º ano	20	00	00	00	05	00	02
Total	20	00	00	00	05	00	02

**3. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?

Série	Sim	Não
1º ao 3º ano	18	09
Total	18	09

**4. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?

Série	Sim, me incentiva.	Não me impede
1º ao 3º ano	24	03
Total	24	03

**5. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:**  
Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?

Série	Sim	Não
1º ao 3º ano	26	01
Total	26	01

**6. Resultado final da pesquisa com os alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** O que pretende para o futuro?

Série	Ter uma profissão	Manter a etnia e repassar os conhecimentos	Continuar estudando	Não sei	Outros: futuro feliz, gerar filhos, melhoria na saúde e educação, ser cacique, etc.
1º ao 3º ano	01	00	20	00	06
Total	01	00	20	00	06

**Resultado final da pesquisa feita com os alunos do 6º ao 9º ano e de alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano**

**Total de Participantes: 117 alunos**

**1. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano: O que você sabe e valoriza dos seus antepassados?**

Série	Língua Terena	Dança	Tradição pintura, rituais, comidas, mangueira, artesanatos	O que aprendeu com os avós – história repassada	Valorizo, mas sei pouco a respeito.
6º ao 9º ano	17	29	33	26	14
1º ao 3º ano	15	00	15	00	00
Total	32	29	48	26	14

\*Algumas falas são repetidas

**2. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano: Sabendo que a cultura do seu povo pode desaparecer com o tempo, o que você faz e pensa em fazer para evitar isso?**

Série	Língua Terena	Dança	Valorizar a cultura	Cuidar da aldeia	Repassar o que aprendeu	Nada	Outros: reuniões, estudar, não se envergonhar, etc.
6º ao 9º ano	15	10	25	05	13	07	15
1º ao 3º ano	20	00	00	00	05	00	02
Total	35	10	25	05	18	07	17

**3. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano: Existe algum conflito, interno e externo (vergonha e/ou *bullying*) em se identificar como indígena Terena?**

Série	Sim	Não
6º ao 9º ano	30	60
Ensino Médio 1º ao 3º ano	18	09
Total	48	69

**4. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano: Se a resposta for sim, isso impede você de manter viva a sua cultura ou o incentiva ainda mais?**

Série	Em branco	Sim, me incentiva	Não impede
6º ao 9º ano	10	33	47
Ensino Médio 1º ao 3º ano	00	18	09
Total	10	51	56



**5. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** Independentemente de qualquer fator alheio à sua aldeia, tem orgulho da sua etnia?

Série	Sim	Não
6º ao 9º ano	89	01
Ensino Médio 1º ao 3º ano	26	01
Total	115	02

**6. Resultado final da pesquisa com os alunos do 6º ao 9º ano e alunos do Ensino Médio - 1º ao 3º ano:** O que pretende para o futuro?

Série	Ter uma profissão	Manter a etnia e repassar os conhecimentos	Continuar estudando	Não sei	Outros: futuro feliz, gerar filhos, melhoria na saúde e educação, ser cacique,etc.
6º ao 9º ano	25	29	23	02	11
1º ao 3º ano	01	00	20	00	06
Total	26	29	43	02	17

## **Anexo 4**

### **ENTREVISTAS: INDÍGENAS MORADORES NA CIDADE DE AQUIDAUANA, ANASTÁCIO E IPEGUE.**

**ALTAMIR ALBUQUERQUE** - Índio Terena morador na cidade de Aquidauana.

**1) O que representa a identidade Terena? (para você)**

Representa a certeza de minha origem indígena.

**2) Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Raramente, pois algumas pessoas tendem a nos confundir com japoneses devido às nossas feições.

**3) O que julga mais significativo na cultura Terena? É importante valorizar essa cultura?**

O dialeto é algo muito significativo em nossa cultura. Pena que existem pessoas que não estão sabendo valorizar nossa língua, pois esta se perdendo com o tempo.

**4) Acha importante valorizar o passado? O que faz no presente? (para valorizar esse passado).**

As tradições culturais indígenas é algo valioso a ser preservado. Por exemplo, as danças, as comidas, os remédios de folhas de mato, as rezadeiras, as casas cobertas de palhas, enfim tudo que nos caracteriza como índio. Essas tradições estão atualmente sendo ensinadas nas aldeias de nossas comunidades. Sendo que é importante a presença de uma professora ou professor bilíngue, para ajudar os alunos a forçar a falar em sua língua nativa.

**5) O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

Valorização e incentivo à identidade Terena. Sem motivação e incentivo de nossos governantes não podemos no futuro sermos respeitados e reconhecidos como um verdadeiro índio Terena. Existe ainda a tal da discriminação racial. Acreditam que os índios não têm a capacidade de nada. Acreditam que são preguiçosos, sujos, incultos e sem capacidade de se tornar uma pessoa bem sucedida intelectualmente sem deixar as tradições e a cultura.

**PROFESSORA MARIA ALEXANDRA** - Aldeia Ipegue - Dia 04 de outubro de 2017

**1º questionário**

**1) Poderia me falar a respeito do seu trabalho na escola, onde valoriza a cultura indígena Terena?** O objetivo é para que a ideia do ser índio terena fique na alma das crianças.

**2) O que fazem?** Fazemos pesquisas de campo, como os trabalhos dos caciques que fizeram parte da aldeia, sobre a comida, sobre os artesanatos, sobre a dança e as pinturas.

**3) O que pretendem?** Afirmar que a identidade terena existe e não pode acabar.

**4) Tem obtido resultados positivos?** Sim

**5) A comunidade te apoia?** Sim, a maioria sente que é necessário esses momentos.

## **2º questionário**

### **1) O que representa a identidade Terena? (para você)**

Representa o sentimento em estar na cultura, falando a língua terena, viver em terra indígena terena, entender o que a natureza está mostrando no dia a dia.

E quando escuto o som da cerimonia das danças, tudo fica muito equilibrado.

Muita emoção quando escuto o canto terena.

### **2) Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Eu, não. Nasci numa família de bezendores e artesãs, vivo com minha família os encontros para comer, festejar e conversar sobre minha cultura, ainda hoje isso acontece.

### **3) O que julga mais significativo na cultura Terena?**

Os costumes indígenas terena.

### **4) É importante valorizar essa cultura? Sim.**

### **5) Acha importante valorizar o passado? Sim.**

### **6) O que faz no presente? (para valorizar esse passado).**

Fui diretora por vários anos, coordenadora pedagógica por vários anos e hj, estou como coordenadora e professora, idealizei vários momentos exaltando a cultura terena na minha sala de aula e na Escola . Fazendo várias pesquisa com os alunos.

### **7)O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

Pretendo ainda publicar alguns livrinhos sobre o assunto e já tenho três. E continuar a falar sobre a cultura sempre que tiver oportunidade.

Sou Ipeguiana, fui diretora do Bananal em 1996. O irmão Joãozinho morou no Bananal por 10 anos ou mais, trabalhou lá durante 02 anos como professora e 01 ano como diretora. O projeto elaborado é para elevar a auto estima dos alunos e ensinar as crianças também. Conheci a professora no ano de 1996, enquanto diretora do estabelecimento de ensino, no período já estimulava o pensamento para o fortalecimento da identidade Terena. Logo mudou para o Ipegue e levou consigo as ideias para dar continuidade no trabalho. No Ipegue foi diretora em 2005, 2009, 2010, 2011 e 2012, foi a primeira professora eleita a direção da escola pelos pais dos alunos. Atualmente é professora concursada do quadro da Prefeitura Municipal de Aquidauana, área indígena, e desenvolve projetos em várias séries. O tema é reafirmando a identidade: identidade pessoal e cada professor trabalha um subtema dentro da sua área (português, matemática, etc.). O tempo do projeto depende do combinado entre os professores, pode ser bimestral ou semestral e também é utilizado temas transversais. O projeto iniciou em 2012 e todo ano tem um projeto diferente, para o ano de 2018, será sobre a língua materna, mas depende de outras ideias, dos demais professores. O projeto está sendo trabalhado na Escola Municipal Indígena Polo Feliciano Pio, da Educação Infantil ao 9º ano, onde todos os professores da escola participam.

## **GEYSE ORTEGA**

### **1). O que representa a identidade Terena? (para você)**

Minha identidade histórica e social.

### **2) .Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Sim, principalmente, entre os indígenas por eu não morar na aldeia e sim na cidade. Como se para ser índio tem que ser aldeado; entre os não-indígenas existe certo preconceito, como se o índio não possa ter estudo e ascensão social.

### **3) .O que julga mais significativo na cultura Terena?**

A língua e/ou idioma.

### **4) .É importante valorizar essa cultura?**

É importante valorizar a cultura, porque estamos perdendo uma parte de nossa identificação; a língua Terena não está padronizada e muitas crianças não se comunicam na nossa língua e, consequentemente, ela está em desuso.

### **5) .Acha importante valorizar o passado? O que faz no presente? (para valorizar esse passado).**

É importante valorizar o passado porque é através dele que se mantém viva a cultura e tradições do meu povo.

### **6). O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

Bem sabemos que nas séries iniciais há o estudo da língua Terena de forma padronizada, mas entra em choque porque as provinhas Brasil vem na língua portuguesa; os livros didáticos não estão no idioma. Com isto se vê uma imposição cultural, uma forma disfarçada para dizer que a língua está sendo mantida e preservada. Fatores assim servem para reflexão e mudança de postura pelos órgãos responsáveis.

## **TAUÃ TERENA**

### **1) O que representa a identidade Terena? (para você)**

Representa minha origem e minha vida.

### **2)Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Nunca tive problemas dentro e fora do estado de Mato Grosso do Sul quanto a me identificar e estender a bandeira indígena. Há alguns anos pra cá depois das retomadas indígenas tive alguns conflitos de repressão .

### **3)O que julga mais significativo na cultura Terena? É importante valorizar essa cultura?**

O nosso idioma Terena e nossa dança. É importante valorizar com certeza, é nossa identidade, é o que nos identifica, a cada dia estamos buscando espaço na sociedade e precisamos carregar conosco nossa origem, quem somos e de onde viemos. E assim repassando pra futuras gerações.

### **4) Acha importante valorizar o passado? O que faz no presente (para valorizar esse passado). O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

O passado é a base pra mantermos e resgataremos parte do que perdemos na aldeia. Hoje nas nossas comunidades é nítido o avanço da tecnologia e cada vez o desinteresse da juventude em cultivar os costumes. Sempre acompanho atividades e pratico nossa dança em datas festivas. Minha

contribuição para preservar primeiramente é terminar minha graduação na universidade, e ajudar no desenvolvimento das nossas comunidades.

### **ELISANGELA CORDEIRO**

**1). O que representa a identidade Terena? (para você)**

Para mim a identidade terena representa o que sou com todos costumes e crenças de nosso povo.

**2). Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Para mim só existe conflito por não ter meus documentos indígenas. Mas meu sentimento de pertença a etnia indígena vai além de ter documentos ou não.

**3). O que julga mais significativo na cultura Terena? É importante valorizar essa cultura?**

Mais significativo é nosso jeito de ser simples acolhedores e ao mesmo tempo reservados. É de suma importância valorizar nossa cultura para que a mesma seja vista de maneira diferente pelas pessoas que não entendem nosso jeito de viver e ser. Se nós valorizarmos nossa própria cultura estamos deixando com certeza traços dela por toda a história.

**4). Acha importante valorizar o passado? O que faz no presente? (para valorizar esse passado). O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

Sim. Não desmereço nossa luta por terras não deixo os costumes de lado e sempre reforço importância dos indígenas na formação do Brasil. No futuro pretendo abordar conhecer e estudar mais a identidade terena visando preservar a história de uma etnia muito rica.

### **JOÃOZINHO DA SILVA (BANANAL)**

**1).O que representa a identidade Terena? (para você)**

Representa que conheço minha origem, a nação da qual pertenço. e isso me fortalece a transmitir e viver com intensidade o que sou.

**2).Existe algum conflito em se identificar como indígena?**

Nenhum conflito atualmente. e procuro transmitir com segurança e seriedade o que é ser indígena, para meus filhos e uma neta que tenho bem como no meu campo de trabalho com as pessoas não indígenas.

**3).O que julga mais significativo na cultura Terena? É importante valorizar essa cultura? Acha importante valorizar o passado? O que faz no presente? (para valorizar esse passado). 4). O que pretende para o futuro? (dentro do seu olhar para preservar e divulgar a identidade Terena)**

Tudo que tem a ver com minhas raízes. pois manter as tradições como dialeto, pinturas corporais em momentos festivos, as vestes nas festividades, conhecimentos nas práticas agrícolas e medicinais é que vão dar continuidade na preservação da etnia terena e devemos valorizá-las pois existe esse grande respeito também com a natureza.

## **SAULO LUÍS - Relato**

Ao qual pretendo preservar nossa história para futuras gerações. A língua materna, que é a nossa identidade. Nossos costumes e tradições. Que nos define como indígenas. É importantíssimo valorizar nossa cultura para que as futuras gerações saibam de onde vieram. É defender sua cultura. Sim é importantíssimo pq a nossa história hj se dá pelo nosso passado, nossos antepassados... Aki na aldeia permanece as tradições, aki na escola eles ensinam as crianças a língua materna. É sexta vai ter um projeto q resgata, á cultura a história do nosso povo e ensina as crianças a respeitar e sentir orgulho do que é. A comunidade as lideranças indígenas juntamente c professores, pais de alunos estão lutando p formar um grupo de estudantes na língua materna, sendo professores da própria comunidade. Estão querendo resgatar a língua pq alguns falam. É na escola onde, lá tudo tá escrito em terena. Números, cores, alfabeto, já para as crianças aprender. É a minha história, da minha família.

## **ENTREVISTAS CPAQ/UFMS**

### **AURI FRÜBEL, DIRETOR DO CPAQ/UFMS**

1- Há algum mecanismo de divulgação da UFMS entre os indígenas?

Os processos de divulgação da UFMS aos indígenas estão sempre atrelados às ações e eventos que ofertamos, tais como Rede Saberes, Saberes Indígenas e Licenciatura Indígena – Prolind.

2. Existe ensino a distância, extensão, formal, não formal?

Na UFMS, Campus de Aquidauana, a ação ofertada é a Licenciatura Indígena “Povos do Pantanal”, sendo que o ingresso é realizado por meio de vestibular

3- Há alguma particularidade no ingresso de indígenas na UFMS, como prova diferenciada ou prioridade para descendência indígena?

No caso da Licenciatura Indígena “Povos do Pantanal” são realizadas provas específicas, voltadas para a realidade das comunidades indígenas envolvidas.

4- Nos últimos anos, quais os números de ingressantes e também de concluintes de indígenas ou descendentes nos cursos da UFMS?

Em 2015 tivemos colação de grau da primeira turma da Licenciatura Indígena, com 102 graduados. Há também, formandos nos demais cursos ofertamos pelo CPAQ, contudo, neste momento, não temos condições de dizer qual é o número exato de graduados indígenas a cada ano.

5- Quais os cursos ofertados pela UFMS, incluindo todos os níveis de ensino, no qual há maior procura por parte de indígenas ou seus descendentes? Há cursos/ programas/ projetos específicos para esse público? Em caso afirmativo, poderia listá-los?

No Campus de Aquidauana ofertamos a Licenciatura Indígena “Povos do Pantanal” que tem como objetivo atender exclusivamente a comunidade indígena da região de Aquidauana. Há também outros Projetos, como o Rede Saberes que são administrados por pesquisadores de outros setores da UFMS.

6- Há registros na UFMS das maiores dificuldades enfrentadas pelos indígenas no percurso acadêmico, tais como bullying, discriminação ou outros problemas de relacionamentos com demais acadêmicos/ docentes relacionados às questões culturais?

No Campus de Aquidauana não temos registros desta natureza.

#### **ONILDA SANCHES - COORDENADORA**

1- Há algum mecanismo de divulgação da UFMS entre os indígenas?

Sim, por meio de folders, visitas às aldeias em períodos de inscrições, e-mails, redes sociais.

2- Quais as atuais formas de ingresso para os indígenas aos cursos ofertados pela UFMS, tanto de graduação, formação continuada ou programas/projetos de extensão?

Para o ingresso nos cursos de graduação ocorrem de duas formas:

1. Licenciatura Intercultural Indígena - Ingresso por vestibular específico para o curso com prioridade para professores indígenas em sala de aula e indígenas portadores de ensino médio com o limite de 120 vagas para os povos do pantanal: Terena, Kadweu, Kinikinau, Atikum, Ofayé, Guató e Camba.
2. Cursos regulares – pelo SISU com cotas para indígenas.
3. Programas e projetos de extensão – como colaboradores.
- 3- Há alguma particularidade no ingresso de indígenas na UFMS, como prova diferenciada ou prioridade para descendência indígena?

Sim, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” e pelo sistema de cotas das universidades federais.

4- Nos últimos anos, quais os números de ingressantes e também de concluintes de indígenas ou descendentes nos cursos da UFMS?

A respeito da Licenciatura Intercultural Indígena

#### **Quantidade de acadêmicos aptos a colar grau no dia 24 de abril de 2015 96 acadêmicos:**

- 1-Linguagens e Educação Intercultural - 34 acadêmicos
- 2-Matemática e Educação Intercultural - 23 acadêmicos
- 3-Ciências Sociais e Educação Intercultural - 21 acadêmicos
- 4-Ciências da Natureza e Educação Intercultural - 16 acadêmicos

Por etnia

Terena – 82 acadêmicos

Kadiweu – 10 acadêmicos.

Kinikinau – 03 acadêmicos.

Guató – 01 acadêmico.

Turma atual – 100 alunos

Informações complementares

O Estado de Mato Grosso do Sul abriga a segunda maior população indígena do país, com 65.984 pessoas, divididos em 09 (nove) etnias. Com exceção dos Guarani Nhandeva e Guarani Kaiowá, o Curso de Licenciatura será oferecido para professores indígenas das outras 07 (sete) etnias do Estado, provenientes de 10 (dez) municípios, sendo eles: Aquidauana, Anastácio, Brasilândia, Campo Grande, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Porto Murtinho e Sidrolândia. Além de professores indígenas das etnias supracitadas, atuando e residindo em terras indígenas de municípios

5- Há alguma pesquisa, nos registros da UFMS, acerca dos motivos de maior desistência ou abandono de cursos na UFMS por indígenas ou seus descendentes? Em caso afirmativo, há alguma política por parte da UFMS para inibição desses números?

Não sei se há pesquisa, mas os motivos maiores são de ordem financeira e dificuldades socioculturais na medida em que os costumes são diferente, desde a pragmática linguística em que não se questiona o outro, dificultando a interação em sala de aula até as dificuldades com a língua portuguesa para a leitura e escrita de textos acadêmicos.

A UFMS tem o Rede de Saberes que apóia os indígenas e a bolsa permanência do governo federal para a manutenção das despesas de deslocamento e moradia. Com relação à licenciatura indígena, os acadêmicos tem apoio também da bolsa permanência (6 por ano) e recursos do PROLIND para hospedagem e alimentação nas etapas presenciais do curso na universidade.

6- Quais os cursos ofertados pela UFMS, incluindo todos os níveis de ensino, no qual há maior procura por parte de indígenas ou seus descendentes? Há cursos/ programas/ projetos específicos para esse público? Em caso afirmativo, poderia listá-los?

São vários cursos ofertados e em todos eles existe o percentual destinado a estudantes indígenas, porém os cursos nas áreas de ciências humanas são os mais procurados, principalmente pedagogia, história e letras.

Curso específico – Licenciatura Indígena e programa específico temos o PIBID DIVERSIDADE para todos os acadêmicos do curso de Licenciatura Indígena.

7- Há registros na UFMS das maiores dificuldades enfrentadas pelos indígenas no percurso acadêmico, tais como bullying, discriminação ou outros problemas de relacionamentos com demais acadêmicos/ docentes relacionados às questões culturais?

Não tenho conhecimento da existência de registros, porém há situações como essas.

## **PAULO BALTAZAR – PROFESSOR INDÍGENA**

1-Há algum mecanismo de divulgação da UFMS entre os indígenas?

Não existe nenhum tipo de mecanismo de divulgação.

2-Quais as atuais formas de ingresso para os indígenas aos cursos ofertados pela UFMS, tanto de graduação, formação continuada ou programas/projetos de extensão?

A forma de ingresso na graduação é por nota do ENEM e no projeto de formação continuada de professores indígenas é feito por meio de vestibular.

3-Há alguma particularidade no ingresso de indígenas na UFMS, como prova diferenciada ou prioridade para descendência indígena?



Única particularidade temporária e a forma de ingresso no Projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal que é feito por meio de vestibular.

4-Nos últimos anos, quais os números de ingressantes e também de concluintes de indígenas ou descendentes nos cursos da UFMS?

Somente no PROLIND tivemos em torno de 100 alunos concluintes da primeira turma em outros cursos as informações poderão ser obtidas pela Rede de Saberes Indígenas.

Atualmente temos 96 alunos ingressantes no PROLIND e outros cursos somente Rede de Saberes possui essas informações do número de ingressantes.

5-Há alguma pesquisa, nos registros da UFMS, acerca dos motivos de maior desistência ou abandono de cursos na UFMS por indígenas ou seus descendentes? Em caso afirmativo, há alguma política por parte da UFMS para inibição desses números?

Não sei informar sobre essa pesquisa. No PROLIND não temos problemas de desistência e nem tão pouco abandono.

6-Quais os cursos ofertados pela UFMS, incluindo todos os níveis de ensino, no qual há maior procura por parte de indígenas ou seus descendentes? Há cursos/ programas/ projetos específicos para esse público? Em caso afirmativo, poderia listá-los?

Há vários cursos ofertados pela UFMS, mas a maior procura é do curso do PROLIND, porque a coordenadora juntamente com os professores vão até as aldeias de diversos municípios divulgar e fazer audiência de consulta com os indígenas e receber propostas como prescreve a OIT 169.

7-Há registros na UFMS das maiores dificuldades enfrentadas pelos indígenas no percurso acadêmico, tais como bullying, discriminação ou outros problemas de relacionamentos com demais acadêmicos/ docentes relacionados às questões culturais?

Não sei informar em outros cursos da UFMS. Mas no PROLIND isso não acontece uma vez que todos são indígenas apesar de ter diferenças étnicas e culturais não existe a discriminação e nem tão pouco tem problemas de relacionamento seja culturais ou entre os docentes.

## **ELISANGELA CASTEDO M. DO NASCIMENTO – PROFESSORA NÃO INDÍGENA**

1- Qual o papel da UFMS - CPAQ no ensino aos indígenas?

Temos um curso específico para estudantes indígenas o leind - licenciatura intercultural indígena "povos do pantanal" forma alunos em ciências da natureza, matemática, linguagem e ciências sociais. 4 cursos em 1.

Na pedagogia existe a disciplina "educação escolar indígena" que prepara os alunos indígenas e não indígenas para dar aulas em escolas indígenas.

Nos outros cursos de licenciatura tem uma disciplina chamada educação diferenciada onde os estudantes vêem educação escolar indígena, educação do campo e educação especial, 3 categorias em uma disciplina.

2- Existe ensino a distância, extensão, formal, não formal?

Existe ensino a distância de cursos de extensão e especialização que estuda a diversidade indígena no estado, um olhar diferenciado, uma tentativa de entender a cultura indígena e eliminar preconceitos. esses cursos são oferecidos pela ufms de campo grande. não existem extensões.

3- Como pode ser alargado esse papel? (por exemplo: extensão na aldeia)

Não existem extensões, mas existe os atendimentos nas aldeias, o professor vai até os alunos para atendê-los. credito que desenvolvesse a pedagogia de alternancia na educação indígena seria mais proveitoso para eles.

4- Qual a quantidade de indígenas que frequentam a ufms - cpaq? existe esse controle?

São 90 no Leind e uns 10 na pedagogia nos outros não sei

5- Os indígenas chegam preparados para enfrentar a universidade?

Não assim como os não indígenas

6- Existe ou existiu algum caso de bullying?

Não que eu saiba

7-Existe algum benefício aos estudantes indígenas?

Sim, os alunos do leind recebem bolsa de estudo, não sei os pormenores.

## **Anexo 5**

### **GRAVAÇÕES**

#### **GRAVAÇÃO 1 – FRANCISCO GOMES LIPÚ – TICO LIPÚ**

F: Estamos aqui, vamos falar com o senhor Tico Lipu, da Aldeia Tico Lipu. É, qual o nome completo do senhor?

T: É Francisco Gomes Lipu.

F: Qual a idade do senhor?

T: É quarenta e nove anos, to fazendo cinquenta dia nove de novembro agora, não sei se eu coloco cinquenta né.

F: Quarenta e nove.

T: Quarenta e nove.

F: O senhor nasceu aonde seu Tico?

T: Eu nasci na fazenda Esperança aonde hoje é ..., é conhecido como a retomada Esperança, é na Aldeia Ipegue né.

F: O senhor é casado?

T: Casado.

F: O senhor tem quantos filhos?

T: Três filhas.

F: Três filhas?

T: Três filhas.

F: Tem netos?

T: Netos, três netos.

F: Oh, que beleza. É, há quanto tempo o senhor está aqui na cidade de Aquidauana?

T: A... nós... eu... eu cheguei aqui em 1997.

F: 97.

T: Em julho de 97.

F: O senhor veio direto da aldeia.

T: Eu vim direto do Ipegue pra cá.

F: Ah do Ipegue, o senhor morava na... o senhor saiu da fazenda, nasceu na fazenda...

T: A fazenda dentro da... da aldeia.

F: Dentro da aldeia,

T: Sim, sim.

F: Aí morou no Ipegue.

T: Sim

F: Aí resolveu vir para cidade.

T: Aí vim pra cidade.

F: Qual, o que é que o senhor, qual foi o motivo que trouxe o senhor pra cidade?

T: A... a gente viu que a gente enfrenta grande dificuldade hoje é... eu vim pra cá pra resgatar o direito dos povos indígenas que vive desaldeiado nos bairros da cidade porque todos estão perdendo o direito.

F: Certo.

T: Então eu achei que era o momento da gente vim pra cidade e aglutina todo esse povo numa área só pra poder correr atrás dos nossos direito, que as pessoas que tão na cidade não tem.

F: Certo.

T: Esse é o motivo da vinda da gente.

F: Então essa aí foi é como foi essa história da sua vinda para essas terras, foi, esse foi o motivo.

T: Foi esse o motivo.

F: Certo.

T: Foi esse o motivo.

F: Qual a dimensão da área aqui senhor Tico?

T: É um hectare e meio.

F: Um hectare e meio.

T: Um hectare e meio.

F: Aqui tem água?

T: Tem água e tem luz.

F: Água encanada.

T: Água encanada, água encanada.

F: E luz também tem.

T: E luz também.

F: Quando o senhor chegou aqui como encontrou essas terras aqui.

T: Olha era praticamente, era só mato, era só cipó, caraguatá, era, era uma situação muito, muito feia de se...

F: Se ver.

T: De se ver e entrar.

F: Qual foi o motivo que o senhor escolheu basicamente essa terra aqui, essa área aqui.

T: Essa área aqui foi... ela foi oferecida por um chacareiro que devia se dele, é aí a gente foi fizemos uma... uma cotização entre todas as famílias da associação que nós tínhamos na cidade é o valor de duzentos reais por pessoa pra comprar a área... custaria vinte mil reais então a gente veio olhou, ele ofereceu pra gente e nós viemos compramos e viemos pra cá.

F: Vocês compraram a terra.

T: Nós compramos só que quando entramos na área aí se deu a invasão, porque? Compramos de pessoas que não eram donos. Aí se tornou invasão.

F: Ah tá, vocês foram enganados então.

T: Fomos enganados.

F: Vocês foram enganados.

T: Fomos enganados sim. Aí nós, nós reunimos o povo e vamos resistir a tudo que vier e eu como líder... porque todas as consequências hoje sobram pro líder, o líder de verdade ele está sujeito a prisão, a processo, difamação e tudo, então eu me coloquei a disposição porque eu tenho certeza, eu já tinha certeza que Deus tinha me dado essa tarefa.

F: Certo.

T: Pra trabalhar em prol dessa comunidade.

F: Então... isso foi em que ano seu...

T: Vinte e oito de novembro de dois mil e dez.

F: Dois mil e dez. Como que foi o início.

T: Ah nós viemos pra cá entre as cem famílias que tínhamos na associação e viemos fazer roçar, carpir, fazer a limpeza da área e já de imediatamente pedir pra que um engenheiro fizesse a medição dos terrenos e fomos pra baixo da lona.

F: Enfrentando.

T: Enfrentando vamos ficar aqui.

F: Sol, chuva.

T: Sol, chuva muito difícil.

F: E como vocês fizeram, não tinha água.

T: Não tinha água.

F: Não tinha luz.

T: Não tinha luz. É são questões muito complicadas porque ninguém olhou pra gente né, nenhum dos políticos olhou pra gente, pra olhar nossa dificuldade, o quanto de criança tinha precisando exatamente dessa terra, e a gente pagou um alto preço né, nós fomos e fizemos lá o chamado gato né, vamos fazer um gato pra ver o que vai repercutir, e ficamos aí em três anos 4 anos nessa briga corta nós liga, corta nós liga, até que viesse uma pessoa pra realmente olhar pra gente...

F: Ajudar.

T: Ajudar e puxar essa água e a luz, então isso que aconteceu.

F: É quem veio com o senhor no começo?

T: Nós viemos entre cem famílias, cem famílias, nós viemos entre cem famílias.

F: Mas assim familiares, são os parentes mais próximos ou pessoas independentes.

T: É independente porque aqui nós tínhamos é pessoas da aldeia Colônia Nova, aldeia Ipegue, Bananal.

F: Várias aldeias.

T: Várias aldeias.

F: Que estavam morando na cidade.

T: Na cidade, morando na cidade, até hoje somos várias aldeias.

F: Então o começo de vocês foi muito difícil, limpar o terreno foi complicado.

T: Foi muito complicado, ainda se fosse só enfrentar o mato não era nada e tem que enfrentar o mato e enfrentar a polícia, esse é o maior problema.

F: Porque a polícia vinha aqui.

T: Vinha pra... despejou a gente várias vezes.

F: Tirou vocês daqui.

T: Tirou e a insistência nossa estava acima de tudo, e eu colocava responsabilidade pra mim pra não deixar a comunidade amedrontada, eu dizia que deixa pra mim o que vier, eu vou...

F: Eu encaro.

T: Eu encaro, vocês vem na retaguarda então isso funcionou pra nós né.

F: Sem violência.

T: Sem violência só dizendo que nós precisamos da área, tá precisando, é as crianças, é uma situação muito complicada, se a gente olha hoje é em vista do que nós estamos hoje mas no começo é muito difícil.

F: Complicado né.

T: Complicado.

F: Então, quem que acreditou no seu sonho, primeira pessoa que acreditou no seu sonho, primeiro foi você, tem um sonho de ter uma área.

T: Assim, é... eu diria que isso já vem de Deus né, eu sempre digo uma coisa que quando você nasce para ser líder, ele já vem de berço, a liderança não se constitui ela depois de você grande isso já vem de berço, então veio eu e minha família, porque primeira coisa que a gente tem visto nas grande liderança é, a primeira força de um líder hoje é a família, é a esposa, é os filhos...

F: Sua esposa não reclamou muito não?

T: Nunca, nunca diz assim, eu preciso passa um batom, eu preciso fazer isso pra me manter bonita, com ela vamos lá, vamos, nós temos filho que precisa do trabalho, então deixamos tudo.

F: Acreditou em você, primeira pessoa que acreditou em você foi sua esposa.

T: Foi ela.

F: Como é que chama sua esposa?

T: É Tânia Mara.

F: Tânia Mara.

T: Tânia Mara, ela é da aldeia de Morrinho de Taunay, então são situações que fortalece a gente, primeiro alicerce da gente é a família, aí depois da família vem os companheiros, nós viemos aí com seu, nós temos o apelido dele de Badú, um senhor de idade que inclusive foi velado aqui, faleceu depois de dois anos na área ele faleceu, então foi um cara que colocou o carro dele à disposição pra baldear madeira, almoço, palha...

F: Ajudou bastante vocês.

T: Muito, muito, ele tinha um maior sonho, ele tinha um grande sonho que até o filho dele permanece com nós na comunidade e sempre fala eu quero ver o sonho do meu pai ser realizado.

F: Que bacana.

T: É muito importante o grupo que nós temos, nós temos um exemplo de grupo aqui dentro de Aquidauana, dentro da comunidade indígena, porque a comunidade indígena ela ta muito, ela ta muito espalhado e ta muito dividido, cada um quer ser o dono da sua casa, em cada aldeia tem dez ou quinze divisões, e a minha aldeia nós somos cem família, a voz é do cacique e da liderança então é aqui que nós vamos fazer, quando nós decide uma questão, nós vamos todos juntos.

F: Então fazem reuniões.

T: Faz, a gente faz reuniões todo dia dez para dizer o que que está acontecendo, o que que vai acontecer, qual é o perigo que nós estamos correndo.

F: Certo.

T: E a comunidade não deixa de ouvir, é aqui que nós vamos, é aqui que nós vamos, então ninguém, é ninguém contraria, então esse é o forte da nossa comunidade, tanto é que até por muitas pessoas, muitas pessoas políticas lá de fora o pessoal até me critica muito eu como autoritário, é eu não sou autoritário, eu apenas quero mostrar pra comunidade indígena que ela unido ela é invencível.

F: É verdade.

T: Então é isso que a gente tem aqui, está muito unido.

F: O grupo né.

T: O grupo.

F: Quantas famílias vivem aqui?

T: Nós somos sessenta e oito famílias.

F: Sessenta e oito.

T: Sessenta e oito famílias.

F: São sessenta e oito casas?

T: São sessenta e oito.

F: Sessenta e oito casas. Quantas pessoas moram mais ou menos nessas casas?

T: Duzentos e oitenta e três pessoas.

F: É o total da aldeia, duzentos e oitenta e três pessoas.

T: O total da aldeia, sim.

F: E como que foi a construção das casas que agora as casas aqui são de tijolos, já não são mais as lonas.

T: É essas são as construção das casas eu tenho, é eu tenho conversado com a comunidade que nós temos que é, deixar de... de daqueles velhos antigos que nós devemos ficar só pedindo, nós temos que mostrar que também nós somos capaz de fazer.

F: Certo.

T: De parar de ficar mendigando né, por isso que a comunidade indígena hoje sofre por causa dessa parte de muitas pessoas que ficam mendigando, pedindo isso, pedindo aquilo, então eu coloco na cabeça, que vocês tem é, um salário, vamos todo mês, reserva aí, compra duzentos tijolo, trezentos tijolo.

F: E vai construindo.

T: Aí no final do ano, você vai construindo, a senhora vê como é que tem muita casa bonita aqui.

F: Tem, tem casa grande aqui, eu estava olhando.



T: A única casa feinha aqui é só a do cacique mesmo (risos), mas é são coisas que eu gosto.

F: As pessoas trabalham aqui na região de Aquidauana mesmo?

T: Trabalha, tem uns que trabalha aqui na região, algumas que trabalha com feira vendendo os produtos de roça, mandioca, abóbora, batata.

F: Planta no quintal?

T: É planta.

F: Por aqui mesmo.

T: É por aqui mesmo.

F: Certo, e as crianças frequentam as escolas?

T: Frequentam, frequentam escola.

F: Qual escola que elas frequentam?

T: Nós temos várias escolas, é uma das questões que eu estou trabalhando fortemente pra que nós tenhamos uma escola nossa no Ipegue.

F: Aqui dentro da aldeia, seria interessante.

T: Aqui dentro, porque nós somos setenta crianças.

F: Setenta crianças!

T: Setenta crianças hoje de até dez anos.

F: Nossa!

T: Então é muita criança, então chegou num ponto já que nós precisamos que elas tão espalhado.

F: Em várias escolas.

T: Em várias escolas e eu acredito que o índio ele só sente fortalecido quando ele vê o outro índio na frente né, então se ele vê um (...) ele já fica meio acanhado, é até o modo de falar, maneira de falar, o português já é muito diferente, então eu estou trabalhando em cima disso pra que a gente consiga se essa escola aqui dentro.

F: Puxa isso é muito importante, isso muito importante.

T: Só que não é fácil.

F: A não, nada na vida é fácil.

T: Não, nada é fácil, é muito difícil.

F: Se fosse fácil, seria muito fácil, nada é fácil.

T: É verdade.

F: Tudo é complicado mas a gente consegue.

T: Mas eu tenho certeza, sempre que eu prego na minha comunidade eu costumo dizer que é o seguinte, o tempo tudo é de Deus.

F: Sim.

T: Não é nosso.

F: Sim.

T: Teve eu conversando muito a questão cacique Enir a senhora conheceu, cacique Enir, que era da magistratura, já faleceu.

F: Já.

T: Então ela perguntou pra mim quanto tempo você tá, eu estava com cinco anos, ela disse poxa Tico você tá bem adiantado a Marçal de Souza tá indo pra dez anos até hoje ainda tem muita coisa que tá faltando, então principalmente a regularização de terreno.

F: E o reconhecimento da cidade, o reconhecimento das autoridades também. Da Funai, da própria Funai que reconheceu vocês também como, como aldeia.

T: Sim, é porque uma coisa eu, uma coisa que talvez os nossos companheiros indígenas muitos talvez não sabem que a Funai ela apenas tá pra acatar o que a comunidade decide.

F: Sim.

T: Eu trabalho em cima disso, a Funai não tá lá pra, pra dizer que, que nós que temos que aceitar o que ela faz, ela que tem que aceitar o que a gente indica pra ela.

F: Sim.

T: Então nós fizemos esse processo todo de, é da, da posse do cacique, da diretoria, pedimos a regularização do terreno, um reconhecimento, então tudo foi doado através de documentação.

F: Tudo documentado.

T: Tudo documentado, então hoje não tem onde alguém questionar porque eu trabalho muito é, olhando os perigo que a gente corre.

F: Sim.

T: Como é que eu vou fazer, como é que eu vou colocar uma placa, se vim alguma justiça como é que eu vou me defender.

F: Sim.

T: Então eu já tenho tudo em mão, se alguém vim é como é que você colocou, tá aqui, tá tudo em mãos, tá autorizado, então são coisas que eu trabalho muito é focado nesse lado da justiça.

F: Certo, fazer tudo correto pra não ter problema lá na frente.

T: Pra não ter problema, sim.

F: Pra não ter problema lá na frente, exatamente, tá fazendo certinho, esse é o correto, muito bem. E o senhor está feliz agora?

T: Olha, muito feliz, eu estou tranquilo, bem feliz, é. tenho vários propósitos pra comunidade, é... em noventa e sete quando vim pra Aquidauana eu preguei pra mim e fiz um pedido pra Deus que eu viria pra fazer a diferença na comunidade indígena e continuo desafiando o meu limite, eu costumo dizer pra quem segue o meu trabalho, eu desafio meus próprios limites eu acredito que até aqui quando se dizia (...) é há 40 anos atrás muita gente tivemos vários autoridades que envolveu pra fazer isso mas não teve, é faltou oportunidade que Deus desse pra eles né, aí de repente eu vim e consegui fazer, aí que eu prego aquela, aquela situação que Deus não escolhe os preparados, ele prepara os escolhidos.

F: Sim.

T: Então eu sempre faço meu trabalho baseado na palavra de Deus.

F: Certo.

T: Então tudo dá certo e tenho vários propósitos ainda.

F: Sim.

T: Vou fazer a diferença.

F: Vai fazer a diferença, Tico Lipú fez e fará.

T: Tico Lipú fez, faz e fará (risos).

F: É o seu lema.

T: É o meu lema, é muito, eu gosto dessa, desse slogan que eu vou levar comigo porque eu preguei, uma coisa que vim e vou fazer, então isso daí me fortalece muito.

F: Que bom.

T: A cada batalha que eu venço eu agradeço primeiramente a Deus aí depois o povo que me acompanha, que acompanha essa comunidade, então eu quero dizer pra senhora que todas as reuniões que nós temos nas repartições públicas eu sou uma pessoa muito bem aplaudida, e quando eu sou aplaudido lá eu volto a agradecer minha comunidade, e se eu sou bem aplaudido é porque delas, tenho um alicerce que me faz chegar até lá, que muitas vezes nós, os líderes acha que ele que conseguiu aquele mérito, eu já digo ao contrário, eu trago o mérito pra comunidade, é por causa de vocês que eu me sinto bem recebido e aplaudido onde entro.

F: Que bom. E como que foi assim a sua escolha para ser o cacique aqui da aldeia.

T: Olha, essa escolha pra ser cacique, é ser cacique é uma palavra muito, é ela hoje tá muito desacreditada, é não era da minha escolha eu ser cacique, mas quando a comunidade de modo geral viu que a minha capacidade de debate, de entra, de lutar pelos direitos indígenas, é reuniram tudo e fizeram por aclamação.

F: Ai, que bom.

T: Fizeram tudo por aclamação, então é uma coisa que eu também vou brigar futuramente em cima disso, porque eleição pra cacique é coisa de branco (risos) não é coisa de índio, então eu quero, eu quero tentar mudar essa realidade dentro das aldeia, porque eleição é coisa de branco, não é de índio, é eu tenho meu pai que foi cacique por dois mandato no Ipegue do vice cacique e aquele tempo existia aclamação é você que vai ser cacique e acabou todo mundo decidiu, então não existia aquela interferência, é do político branco lá no meio.

F: Fazendo campanha.

T: Fazendo campanha, você é meu candidato, vou te dar uma vaca, vou te dar duas vaca pro churrasco, vou te dar cinquenta mil pra você comprar voto, então praticamente tá acabando com as nossas culturas.

F: Tradição né.

T: É difícil, é difícil, mas não é impossível.

F: É, nada é impossível, ainda mais aos olhos de Deus, nada é impossível, o senhor é evangélico?

T: Eu sou uma pessoa que acredita muito em Deus, muito muito em Deus tudo que eu faço, é primeiramente Deus, é eu não faço nada sem pedir pra Deus e sem agradecer, todo dia que levanto, todo dia que deito, é quando vou deitar eu digo que agradeço, eu quero agradecer o Senhor pelo dia que passou hoje muito bom, quando as coisas, a tempestade vem também, hoje meu Senhor deu alguma tempestade mas amanhã o Senhor vai resolver, então no outro dia quando amanhece, só de mim tá acordando eu já estou agradecendo a Deus.

F: Isso é importante.

T: Outra coisa muito importante, até eu fui debatido muito fortemente dentro da câmara de vereador, é quanto o nome da aldeia, nome da aldeia Tico Lipú, quando me perguntaram porque aldeia Tico Lipú se você é o Tico Lipú. Tico Lipú não é meu nome, Tico Lipú não existe, não existe, é Tico Lipú vem do apelido do meu finado avô que eu herdei o nome dele é Francisco Gomes e outra, não seria intenção de me te a aldeia como aldeia Tico Lipú, aldeia seria aldeia Isolina Gomes, porque Isolina Gomes? Isolina Gomes foi a minha mãe que lutou pra manter nove filho, nove filho na dificuldade, é pegando um arrozinho daqui, um arrozinho dali pra sustentar o dia a dia todos os filho, então quando a gente fundou a aldeia eu levei primeiramente pedindo pros companheiro que seriam levado o nome dela, da minha mãe.

F: Da sua mãe.

T: Aí a comunidade não concordou porque eles disseram que quem tá lutando é você, então quem merece esse mérito é você, tudo bem se a comunidade quer eu não posso eu colocar, então eu espero deles.

F: Certo.

T: Aí que surgiu esse nome aldeia Tico Lipú, e o meu nome mesmo se fala hoje ninguém conhece né, é eu fico até pensando, agora pouco num evento aí, todo mundo me chamaram lá na frete, vamos chamar o senhor Francisco Gomes Lipú, todo mundo, quem que é o Francisco Lipú (risos), então eu digo uma coisa, é Francisco Gomes Lipú é o nome de batismo, o nome que Deus deu pra luta do dia a dia pra mim é Tico Lipú, esse é o nome.

F: Que foi o nome do seu avô.

T: Que foi o nome do meu avô.

F: Você herdou esse nome do seu avô.

T: Sim, então são coisas bastante interessante, é já estou até fazendo, quero fazer um livro dessa minha vida.

F: Que bacana.

T: Já todo dia eu escrevo um pouquinho desse livro pra deixar, porque eu tenho sonhos maiores aí.

F: Sim.

T: Tenho sonhos maiores, é nada que eu pedi pra Deus foi impossível, então eu estou pedindo uma coisa além da minha força.

F: Que bacana.

T: Só que eu tenho certeza que Deus vai me dar.

F: Com certeza.

T: Vai me dar, então nós estamos prestes a chegar nesse mérito.

F: Que bacana.

T: E nunca vou decepcionar meus companheiros, nunca vou decepcionar, eu quero entrar, aonde eu entrar, vou entrar pra fazer a diferença, então esse propósito, esse, esse, como vamos dizer até a palavra forte, esse pacto eu tenho com Deus, de fazer essa diferença onde eu entrar, então eu fico feliz que cinco anos de baixo da lona, frio, chuva, sol, tempestade, tudo mais, eu queria saber o que que realmente uma comunidade sente o que que aquela, o que que aquela periferia sente, o que que sofre, então hoje eu estou pronto pra responder tudo o que uma comunidade carente precisa, não é possível atender todo mundo, mas só um motivo de carinho, de você visitar uma pessoa, a pessoa já fica feliz, então isso eu faço dia a dia eu estou muito muito preparado e muito feliz pra próxima jornada que vier.

F: Se Deus quiser, então eu quero agradecer aqui a sua disponibilidade de estar me dando essa entrevista, porque é um estudo para universidade né, e também estar mostrando um

pouco da tua vida, da tua cultura, as pessoas, que possivelmente vai ser impresso, vai ser divulgado também, tá certo?

T: (...) então eu quero, eu estou agradecendo todos os meus companheiros que estão comigo, aqueles que estão fora, aqueles que estão presentes e agradecendo a presença da senhora também, que veio prestigiar a gente também. Tenho certeza que futuramente a hora que vim vai ter bastante diferença.

F: Se Deus quiser.

T: Meu muito obrigado! F: Obrigado o senhor também.

## **GRAVAÇÃO 2 – ENÉIAS CAMPOS DA SILVA – ALDEINHA DE ANASTÁCIO**

F: Bom, estamos aqui então com o cacique Enéias, é capitão Enéias Campos da Silva. Capitão ou cacique? Cacique.

E: Envolve os dois, envolve os dois né capitão e cacique.

F: Envolve os dois, tá. Seu nome completo é Enéias Campos da Silva.

E: Campos da Silva.

F: Qual que é sua data de nascimento?

E: Vinte e três do oito de sete oito.

F: Você nasceu aonde Enéias.

E: Aqui mesmo na aldeia Aldeinha.

F: Você nasceu aqui mesmo na Aldeinha?

E: Aqui mesmo, meu pai, minha mãe, indígena, meu pai é falante, minha mãe...

F: Você sabe quantas residências tem aqui na Aldeinha?

E: Aqui nós temos residência mesmo, cento e oitenta.

F: Cento e oitenta, e moradores?

E: Moradores estamos numa base de quatrocentos e quatrocentos e oito, parece.

F: Quatrocentos e oito.

E: Quatrocentos e oito.

F: Como você controla esse número de habitantes.

E: Nós controlamos, nós temos um controle pela nossa saúde especializada que é a SESAI, a SESAI toma conta dos indígenas então a gente tem o controle por eles. Eles visitam temos a nossa agente de saúde da SESAI e temos nossa técnica enfermeira da SESAI que toma conta dos hipertensos e dos outros demais.

F: É, me diz uma coisa, eu vi aqui em algumas casas que tem a plaquinha da Funasa, todas as casas que são consideradas Aldeinha de Anastácio possui essa placa?

E: Possui essa placa, da numeração.

F: As que não tem, da numeração, as que não tem...

E: É hoje temos no registro todas as casas das quatro hectares né.

F: São quatro hectares.

E: Quatro hectares nessa aldeia então todas as casas tem algumas que não tem ou pelo tempo que se passou, caiu o morador não colocou novamente, mas tá registrado lá na SESAI, Secretaria Especial de Assistência Indígena.

F: Deixa eu perguntara uma coisa pra você, quando foi sua escolha para cacique?

E: Minha escolha pra cacique foi através de eleição.

F: Eleição.

E: Eleição, como hoje a gente vive, é numa aldeia em perímetro urbano, é vimos como que o branco (...) faz as suas eleições então acatemos essa parte, pra... porque nós vivemos aí na democracia né então cada uma escolhe, tem o direito de fazer suas escolhas.

F: Você foi o único candidato, não?

E: Não, eu tive, é além de mim teve mais três candidatos.

F: Mais três candidatos?

E: Foi bem concorrido, foi bem concorrido, inclusive esses três que a gente disputamos com ele, eles são uns ancião né, já tem muitas experiência, já tiveram três, dois mandatos, então...

F: Foi uma vitória grande pra você.

E: Foi uma vitória grande assim, mas hoje graças a Deus nós estamos trabalhando tudo, tudo em conjunto né.

F: Ai que bom.

E: Tudo em conjunto.

F: Tudo em harmonia.

E: Isso, assim que acabou a eleição eu procurei eles né, e eu tenho uma colocação comigo que a gente sempre, a gente sempre é não despreza os nossos ancião né, porque eles, eles sabem aquelas suas experiências eles sabem os caminhos que a gente pode, né conseguir os nossos objetivo, aí juntamos a experiências com as forças né...

F: Verdade. Você é casado?

E: Casado.

F: Como é o nome da sua esposa?

E: Marciléia.

F: Marciléia, você tem filhos?

E: Três filhos.

F: Três filhos.

E: Três filhos.

F: Você procura preservar sua língua, os costumes da sua aldeia, na sua casa.

E: Com certeza esses são os fatos...

F: Você é falante da língua.

E: Muito pouco.

F: Muito pouco.

E: Muito pouco, meu pai e minha mãe são falante fluentemente né, inclusive tivemos uma discussão com a educação pra nós aplicarmos na grade escolar, é a nossa língua materna e graças a Deus temos hoje né, temos professor daqui mesmo.

F: Aqui na escola então tem na grade...

E: Tem na grade escolar, é a nossa língua materna que é a língua terena.

F: Ai que bom.

E: Então isso pra gente é bom e nós estamos lutando pra colocar a noite que é no EJA né, no programa do EJA, a noite nós não temos, mas estamos em conversa com a educação do estado pra ver se a gente insere né, essa aula no EJA né.

F: Aqui nem todos da aldeia falam a língua terena.

E: Não, nem todos falam, nem todos, são muito poucos, inclusive nós tivemos um projeto, mas parou por falta de recurso, que é o resgate da nossa língua materna né, resgate da nossa língua materna e hoje nós estamos vivenciando esse fato de não falar.

### **GRAVAÇÃO 3 - ENÉIAS CAMPOS DA SILVA – ALDEINHA DE ANASTÁCIO (CONTINUAÇÃO)**

F: Bom, e... você vê algum problema estar transmitindo os costumes dos mais antigos para preservar a língua a seus filhos? Como você faz, você procura ensinar aos seus filhos aquilo que você sabe?

E: Procuramos, procuramos inclusive com nossos avós, pais né.

F: Pra ensinar.

E: Pra ensinar, pra tá falando de acordo porque criança tem facilidade.

F: Aprende mais rápido.



E: Mais rápido.

F: Você não é falante, vamos dizer assim, falante completo.

E: Não, não.

F: Qual foi o motivo que você, você tinha vergonha, qual foi o...

E: No início, no início, como existe o preconceito, existe uma, não sei, como é que eu posso dizer, o desfeito das etnias, por nós sermos indígenas, a gente era menosprezado na sociedade então quando falava termo indígena né a pessoa ficava acanhada, então aí a gente já até evitava de tá querendo aprender.

F: Aprender a língua.

E: A língua materna, mas hoje não, hoje chegamos, a gente aprende, então a gente até esforça pros nossos filhos aprender.

F: Aprender.

E: Aprender.

F: É uma língua a mais que você sabe.

E: Exatamente, é uma arma pra gente né, uma arma pra gente, a gente tá falando a nossa língua né, e...

F: Sem que ninguém entenda.

E: Sem que ninguém entenda, exatamente, é isso, a gente tem essa preocupação muito grande de tá resgatando novamente a nossa língua.

F: Você enfrenta algum problema por ser morador da Aldeinha, ou não?

E: Enfrentamos, e isso ele é um problema muito grande que nós hoje, não vou dizer que está cem por cento, mas sessenta por cento está com uma grande aceitação na sociedade da cidade né. Por sermos da Aldeinha, muitas das vezes nós não tínhamos chance nem de arrumar emprego.

F: Nossa!

E: Porque, porque é um desprezo né, porque alguns, uns dez, quinze anos atrás a nossa aldeia era bem mal falada né, qualquer ato que acontecia, ato de maldade, ato de violência, era da Aldeinha, e qualquer ato de roubo, furto era da Aldeinha, então esse aí acabou levando a imagem pra sociedade e muito uma imagem negativa na onde que a sociedade via a gente de uma forma diferente né, não de uma forma boa, mas uma forma de maldade né, entendeu, então nós tínhamos essa, essa é... dificuldade então aí enfrentava essa dificuldades agora como você vê, a gente tá né, a gente tá tirando essa imagem negativa da Aldeinha.

F: Que bom. Então é... que tensões, você tem algum conflito pra se preservar sua identidade terena?

E: Temos, temos bastante, temos bastante porque na sociedade a gente pode encontrar pessoas é... que não aceitam né, a nossa língua. Por hoje nós temos essa escola num perímetro urbano, é um trabalho muito árduo pra gente tá explicando para os pais sobre a importância da nossa língua, porque nós não vamos ensinar essa língua, somente para os nossos filhos e para os indígenas, mas também para os outros estudantes que não são filhos de indígenas.

F: Entendi.

E: Tem alguns que gostam, tem alguns que não gostam, mas eles, eles acabam é... eles acabam se aceitando com as explicações que a gente tem conversado com os pais, então é somente (...) que a gente tem encontrado e também por um perímetro urbano né, é um, é uma é muito complicado a gente mexer com a sociedade, né.

F: O que que vocês valorizam o passado aqui dentro da Aldeinha de Anastácio.

E: Os passados que nós valorizamos aqui, são as nossas tradições né, nossa dança né, as nossas danças tradicionais que é a dança do (...) que nós fazemos das mulheres e...

F: Tem grupo de dança?

E: Grupo de dança temos, um grupo de dança das mulheres, a dança (...) que é a dança da ema, a dança dos homens que muitos são conhecidos como a dança do bate pau né, então temos esse grupo aqui e a gente sempre tem pregado pra gurizada né, pra gente manter a nossa tradição, então essas são as tradições que nós mantemos e até a fabricação própria dos nossos colares né, brincos, que são trabalhos é... artesanal indígena né, então esses são umas das coisas que a gente tem tentado preservar pra manter a nossa tradição e aí agora resgatando também a nossa língua materna.

F: Isso é muito bom. Qual que é o olhar de vocês para o futuro, o que que vocês esperam para o futuro?

E: A, o nós esperamos, esperamos para o futuro, que nós possamos melhoras em questões da educação, porque hoje o mercado de trabalho, ele exige muito, a educação, o estudo né, principalmente é, principalmente a educação, você tendo educação, você vai em qualquer lugar, então essa é a melhoria que a gente tem, é tentado encontrar, oferecendo pra nossas gurizada, educação né, e o estudo.

F: Você acha que a escola que tá preparando os alunos para o futuro, tá preparando para universidade?

E: Com certeza, existe as preocupação que os nossos professores, que aqui tem os professores indígena e não indígena, que a gente sempre tem pregado pra eles pra tá ensinando um ensino de qualidade e porque nós estamos preparando aqui pra estar fazendo, prestando um serviço de igual pra igual no mercado de trabalho lá fora.

F: Vamos falar sobre a saúde agora. Aqui vocês são atendidos pela SESAI.

E: SESAI.

F: Mas independente da SESAI, existe algum, alguma prática é... antiga vamos dizer assim, de pajé, de (...) alguma coisa, existe benzedores aqui dentro da Aldeinha?

E: Aqui na Aldeinha nós tínhamos um benzedores né, nós tínhamos dois, três, mas eles já morreram, mas hoje a gente preserva ainda as ervas medicinal né, que são pro chá, pras ervas né, os indígenas antigos sempre ensinava a gente tomar as raizadas né, raizadas eles sabem pra que que é isso, pra que que é aquilo.

F: Vai aprendendo.

E: Então a gente vai aprendendo com eles, e nós tivemos uma perda muito grande que é do (...) na onde ele tem feito sempre essa coleta dessas ervas medicinais e sempre estava ensinando a gurizada né, sobre a importância do nosso uso assim, do nosso remédio caseiro das ervas medicinais.

F: Vocês plantam alguma coisa aqui na área da Aldeinha, ou não, cada um é no seu quintal, cada um planta no seu quintal.

E: Nós temos hoje cada um na sua casa né, cada um, nem todos (...) na suas casas, porque hoje a gente depara com situações na Aldeinha hoje, de uma área muito pequena né, então como o índio ele é voltado pra agricultura familiar né, pra pequenos agricultores, hoje não temos essa, essa preocupação por falta de espaço.

F: A... se for plantar não tem.

E: Não temos, não temos, inclusive é a complicação muito grande que a gente tem né, sobre essa questão dessa área de, de plantação porque hoje o índio ele é considerado como trabalhador rural, então é uma preocupação muito grande que a gente tem porque nós temos nossos benefícios e os nossos benefícios hoje nós conseguimos colocar assegurado como fabricante de artesanato, que é o auxílio doença, auxílio maternidade, atendimento diferenciado, bolsa faculdade, então nós amarramos tudo na produção de fábrica de artesanato, nós não temos terra produtiva, e há uma preocupação muito grande, não temos essa terra pra plantarmos porque vemos a numeração de indígenas que nascem, então a preocupação é muito grande que a gente tem hoje, por a nossa aldeia ser uma aldeia pequena.

F: Mas é, me diz uma coisa, essa fábrica de artesanato vocês tem um ponto de encontro em algum lugar, é concentrada em algum lugar, ou não.

E: Hoje graças a Deus, por exemplo hoje, cada indígena faz na sua casa, e quando temos festa, é levado pra festa, mas hoje graças a Deus nós temos já um Centro Cultural que tá em obra e eu creio que até o final agora de agosto a gente vai tá lá inaugurando ela.

F: Que bom.

E: Ela é uma casa onde que vai ser específica só pra gente fazer esse trabalho.

F: Deixar o trabalho de vocês.

E: Isso, deixar o trabalho e nós estamos entrando em contato com alguns, é alguns seguidores de turista né, pra que os turistas vindo, aqui nós estamos na rota do turismo né, indo pra Bonito, possa passar na nossa aldeia e ver o nosso trabalho né, e comprar também né, comprar nosso trabalho né, então hoje nós tá, em fase de acabamento a construção do nosso Centro Cultural.

F: Que bom. Entre vocês aqui existe alguma cerimônia tradicional ou só a festa do dia do índio?

E: As cerimônias são voltadas pras questões religiosas.

F: Só as questões religiosas.

E: Só questões religiosas. Hoje a pajelança hoje nós não temos, mas nas outras aldeias você pode encontrar né, hoje nós não temos questões da pajelança que é chamado na nossa língua do (...) que o benzedor, é hoje nós não temos, é mais segmentos religiosos.

F: O que que você quer para o futuro da sua aldeia?

E: A uma melhoria de bem estar né, uma melhoria de moradia né, hoje nós temos um campo de futebol aonde que a gurizada é voltada para essa brincadeira né, o campo de futebol, a melhoria do nosso campo, a gente sonha muita coisa né, uma cobertura pra nossa quadra que infelizmente o governo não tem olhado pra essa questão, a falta de levar documento não é, a gente tem levado muito documento hoje, a nossa gurizada quando chove não pode fazer educação física, quando tá calor não pode fazer educação física né, então aí é aí na onde que entra um pouco do esquecimento da parte das questões políticas, então eu gostaria dessa melhoria pra nós, pra nossa escola, enfim, pra sociedade indígena, pra nossa aldeia.

F: Essa escola aqui, ela funciona do pré até que série?

E: Ela é, tem as séries iniciais.

F: Séries iniciais.

E: Até o primeiro do ensino fundamental né, e a noite tem o projeto do EJA, projeto EJA, temos também o primeiro ano do ensino regular a noite né, hoje nos estamos, graças a Deus nós estamos com quatrocentos e oitenta alunos.

F: Quatrocentos e oitenta alunos.

E: Quatrocentos e oitenta alunos, nós estamos com variado mais ou menos uns quarenta, quarenta e dois professores né, tá dando suas vinte horas, quinze horas, dezesseis horas.

F: E muitos indígenas.

E: Indígenas é cem por cento é oitenta por cento de indígena, hoje nós não temos na grade só os professores de língua inglês, é inglês não temos na grade, então a gente pega os professores que não são indígenas né, e fora outras áreas que a gente não tem formado ainda, a gente ocupa essa mão de obra.

F: Preferencialmente professores indígenas.

E: Preferencialmente, a gente, a gente abre essa exceção pra indígena.

F: E é aberta a comunidade, mesmo não sendo indígena.

E: Mesmo não sendo indígena.

F: Pode estudar.

#### **GRAVAÇÃO 4 – CELSO FIALHO – ALDEIA BANANAL**

F: Bom nós estamos aqui então na Aldeia Bananal com o senhor Celso. Senhor Celso qual o nome completo do senhor?

C: Celso Fialho.

F: O senhor nasceu quando, qual sua data de nascimento?

C: Cinco do quatro de cinquenta.

F: O senhor nasceu aonde senhor Celso?

C: Aqui mesmo.

F: Aqui mesmo.

C: Na Aldeia Bananal.

F: Na Aldeia Bananal mesmo. Então a sua família toda há muito tempo se encontra.

C: Tudo aqui.

F: Tudo residente, os filhos todos. O senhor tem quantos filhos?

C: Tenho oito.

F: Oito filhos? Todos moradores aqui da aldeia ou não?

C: São todos moradores. Quem já casou tem a casinha aqui e quem tá solteiro ainda tá comigo, ainda tá comigo.

F: O seu filho é o cacique aqui da aldeia, é o Célio.

C: É o Célio.

F: Eu ia falar que numero de filho ele é, não é o mais velho?

C: Não, ele é o quarto filho.

F: Quarto filho. Quando os seus filhos eram pequenos, senhor Celso, o senhor procurou preservar a língua e os costumes da aldeia, o senhor fez esse repasse aos seus filhos?

C: Todos eles são falantes, escreve e fala.

F: Sim, e os costumes que vocês também.

C: Também, tá todo mundo....

F: O senhor e seus filhos enfrentaram algum problema por ser moradores aqui da aldeia Bananal?

C: Não.

F: Tem uma vida normal não sofreu nenhum.

C: Tranquilo.

F: Tranquilo, nunca teve nenhum problema.

C: Nunca tivemos.

F: Tem alguma tensão, algum conflito pra se manter a identidade terena de vocês, não?

C: Como assim.

F: Assim, o senhor é índio terena, para o senhor continuar, eu sou índio terena, eu sofro algum preconceito, alguma coisa.

C: Antigamente tinha né, agora não, agora todo mundo quer ser terena.

F: A é? Todo mundo quer ser índio agora.

C: Índio tem suas vantagens, índios, caciques e lideranças pensaram no passado, hoje tá tendo resultado.

F: Os benefícios.

C: Na educação, na saúde essas coisas, hoje a maioria dos patrícios que negavam né, sempre, sempre teve alguns que negavam, mas hoje

F: Houve uma mudança no pensamento.

C: Isso.

F: Querendo agora os benefícios, é claro, tem benefício na escola, tem benefício em todos, na universidade né. Hoje em dia aqui dentro da aldeia existe ainda essa transmissão da língua aos mais novos? Seus netos por exemplo, eles aprendem? Não sentem dificuldade nenhuma?

C: Não, porque o pai e a mãe dentro de casa dialogam o português, mas chega na escola 99% são falantes.

F: Eu percebi agora pouco, nós estávamos ali ao lado da escola algumas crianças brincando, e as crianças estavam falando na língua. Olha que interessante, eles estão brincando, correndo e falando na língua, tão brincando e conversando na língua terena, não estão falando português, estão conversando na língua terena, então isso é bem aceito, e tem pra vocês, pra vocês tem sentido aprender a língua terena?

C: Tem, é a identidade, uma das nossas identidades.

F: Existe, o senhor vê algum problema com a modernidade que chegou, trouxe algum problema aqui pra aldeia, ou não?

C: Não, acho que sabendo utilizar as modernidades que vem, a gente aprende, depois é benefício pra nós.

F: Pra todos vocês né.

C: Eleição, internet, essas coisas aí, só está trazendo coisas boas pra nós, mas sabendo usar né.

F: E a escola aqui, está beneficiando vocês, levando alunos para a universidade?

C: Sim.

F: Todos frequentam né, difícil ter criança em casa que não frequente a escola hoje em dia.

C: Não tem nenhum não, na idade escolar estão dentro da escola.

F: Todos na escola. Seu Celso, aqui ainda se utiliza plantar?

C: Sim.

F: Tem plantações, e vocês plantam o que aqui?

C: De tudo um pouco, mandioca, milho, feijão, abóbora, cana.

F: Vocês plantam onde?

C: Hoje, atualmente, está sendo transferido para as reclamadas.

F: As áreas que foram reclamadas.

C: A área que a gente tinha tá sendo muito pequena, as terras são fracas já, porque já vem usando há muito tempo, hoje está nas retomadas essas plantações.

F: E como é a distribuição dessas plantas, a plantação é comunitária.

C: Não, dependendo do poder aquisitivo dele, quem pode fazer mais, faz, e estas produções tá vindo aqui pra oca, sábado de vez em quando tem feira.

F: Aqui dentro da aldeia mesmo?

C: Aqui mesmo, aquela oca que tem ali.

## **GRAVAÇÃO 5 - VILMAR LEMOS**

F: Estamos aqui para entrevistar agora o seu Vilmar. Qual o seu nome completo? V: Vilmar Lemos. F:

Qual que é a sua idade Vilmar? V: Trinta e quatro anos.

F: E aonde que você nasceu? V: Eu nasci em Miranda e eu me dirigi pra Anastácio e to morando no bairro Aldeinha desde doze anos de idade. F: Desde doze anos de idade, você veio com sua família de lá, não? V: Vim com a família.

F: Veio com a família, vieram pra procurar emprego? o que vieram fazer? V: Minha mãe veio procurar emprego na cidade. F: Ah em Aquidauana. V: Aqui em Aquidauana.

F: Aquidauana e Anastácio que é muito próximo né. Foi muito difícil essa vinda de vocês para cá, ou não. V: Não, não foi muito difícil não. F: Já tinha algum conhecido lá? V: Já, já. F: Já, tinha familiar que morava lá? V: Parente.

F: Ah, já tinha parente que morava lá. Vilmar o que você sabe, você sabe que a cultura terena pode desaparecer com o tempo, o que você faz, você pensa em fazer alguma coisa pra evitar isso? V: É a gente insiste pro André que tem que tá pesquisando, que nós temos que valorizar a nossa cultura né, e voltar de novo aquela cultura que antigamente tinha no passado e hoje em dia a Aldeinha tá no centro da cidade e tá ficando pequena a aldeia pra nós né, e nós e o cacique tá querendo, tipo assim, vê futuramente o que planejar pra aldeia isso que nós estamos querendo também né.

F: Ajudar o cacique. V: Ajudar ele né. F: Você tem vergonha de se identificar como indígena terena? V: Não. F: Não. V: Não.

F: Você tem orgulho de ser índio? V: Eu tenho orgulho de ser índio terena. F: Ai que bom. Então você tem orgulho da sua etnia. V: É.

F: E o que você pretende para o Futuro Vilmar? V: A, melhorias pra aldeia né. F: Pra aldeia. V: Mais recursos. F: Mais recursos.

Você é, tem faculdade? V: Eu fiz faculdade em 2010 se não me engano, só que por falta de verba né. F: Você parou. V: Eu parei.

F: Ah, você fez o que? V: Fiz pra Direito. F: Direito. V: Direito.

F: E aí você voltou pra Aquidauana, começou a trabalhar. V: Comecei a trabalhar de piscineiro e jardineiro né, eu estou nesse ramo até hoje.

F: Até hoje. risos... já tem seis anos já, então. V: Seis anos.

F: Muito bom, então está bem, muito obrigada pela sua entrevista. V: De nada.